UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Ivan Kowaleski Figueira de Barros

A Concepção de História em Giambattista Vico

São Paulo
2010

Ivan Kowaleski Figueira de Barros

A Concepção de História em Giambattista Vico

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre pela Universidade de São Paulo, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, no Programa de História Social do Departamento de História, sob a orientação da Prof. Dra. Sara Albieri.

São Paulo
2010

FOLHA DE APROVAÇÃO

Ivan Kowaleski Figueira de Barros

A concepção de história em Giambattista Vico

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre pela Universidade de São Paulo, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, no Programa de História Social do Departamento de História, sob a orientação da Prof. Dra. Sara Albieri.

São Paulo, _____ 2010

Prof. Dr. Sara Albieri (orientadora) – USP

Prof^a Dr.^a Vilma de Katinszky – USP

Dr. Attilio de Gasperis – Istituto Italiano di Cultura di San Paolo

SUMÁRIO

Agradecimentos	2
Epígrafe	3
Resumo / Abstract	4
Introdução	5
A Recepção da obra de Vico	9
Capítulo I – O Começo	17
Capítulo II – Uma Nova Disciplina	26
Capítulo III – As Três Idades	32
Capítulo IV – A História Ideal Eterna	41
IV.1 Giambattista Vico por Benedetto Croce	41
IV.2 Uma reconstrução histórica viquiana	49
Capítulo V – A concepção de História de Vico	65
Considerações Finais.....	73
Bibliografia.....	76
ANEXOS	
Retrato do Vico	82
Frontistícios Diversos	88
Tábua Cronológica	90
Mapas	91

AGRADECIMENTOS

Toda pesquisa é fruto não somente do trabalho de seu autor mas também de pessoas que o auxiliam, em diferentes níveis. Assim sendo gostaríamos de agradecer a

Prof.^a Dr.^a Sara Albieri, que nos propôs o tema e nos orientou. Muito obrigado por ter confiado em nossa capacidade de realizar este trabalho.

Instituto Italiano di Cultura di San Paolo, na pessoa de seu Diretor Dott. Attilio de Gasperis, que nos franqueou o acesso a sua riquíssima biblioteca, assim como as suas instalações.

Srta. Sônia Maria Guimarães, competente e dedicada bibliotecária da citada instituição, que não poupou esforços para localizar obras, muitas das quais raríssimas, que enriqueceram sobre maneira nosso trabalho.

Prof.^a Dr.^a Vilma Katinsky pela leitura acurada do texto e por seu interesse em nossa pesquisa.

A todos muito obrigado pelo apoio, estímulo e confiança.

EPÍGRAFE

Tu sveli il bel lavoro antico
E scopri ancor l'età future e tarde,
O saggio ed immortal divino Vico.

Fillipo Pirelli

RESUMO / ABSTRACT

Este trabalho investiga a concepção de História do filósofo setentrista italiano Giambattista Vico. Ele baseia-se na leitura da principal obra de Vico, **Scienza Nuova** (1744), assim como na leitura de três outros livros do autor: **Autobiografia**, **Il Metodo Degli Studi Del Tempo Nostro** e **Dell' Antichissima Sapienza Italica**.

Nosso objetivo é descobrir e descrever o que Vico chamou de “Historia Ideal Eterna”, uma concepção renovada da História Humana.

Palavras-chave: Giambattista Vico, Bíblia Sagrada, Deuses, Heróis, Mitologia, História Ideal Eterna, Fases da História (Idades).

This work investigates the Eighteenth Century Italian philosopher Giambattista Vico's conception of History. It is based on a reading of Vico's main work **Scienza Nuova** (1744), supported by a reading of three other books from the author: **Autobiografia**, **Il Metodo Degli Studi Del Tempo Nostro** and **Dell' Antichissima Sapienza Italica**.

Our aim is to discover and also describe what Vico called “Ideal Eternal History”, a renewed conception of Human History.

Keywords: Giambattista Vico, Holy Bible, Gods, Heroes, Mythology, Ideal Eternal History, History Phases (Ages).

INTRODUÇÃO

Giambattista Vico (1668-1744) é um autor mais citado do que lido. Dois fatores contribuem para tal: grande parte de sua obra foi escrita em latim, e seus textos em italiano são até hoje considerados pouco claros – em parte devido à sua complexa sintaxe, que os torna difíceis de ler mesmo para os nativos da língua.

Vico nasceu na cidade de Nápoles, no ensolarado e mediterrâneo sul da Itália. É uma cidade milenar, fundada pelos gregos nas priscas eras da Magna Grécia com o nome de **Nea Polis** (cidade nova). O berço de nosso autor ainda hoje guarda relíquias e tradições dos muitos povos que ocuparam seu entorno ao longo dos séculos. Ficamos a imaginar o quanto esse ambiente de grande porto, meio caminho entre Europa, Ásia e África, repleto de embarcações que iam e vinham de terras distantes, não influenciou o pensamento de Vico, talvez despertando-lhe a atenção para as diferenças e semelhanças existentes entre os numerosos povos que habitam o mundo.¹

Em Nápoles Vico nasceu (a 23 de junho de 1668), viveu (com exceção dos nove anos passados na vizinha cidade de Vatola) e morreu (na noite de 22 de janeiro de 1744). Devido às péssimas condições de higiene vigentes nas cidades européias na segunda metade do século XVII, a mortalidade infantil era altíssima. Por isso costumava-se batizar as crianças tão logo fosse possível para que, eventualmente, não morressem pagãs. Por isso Vico foi levado à pia batismal no dia seguinte ao seu nascimento, ou seja, no dia de São João Batista, santo do qual levou o nome: Giambattista.

Vico foi enviado para a Universidade aos onze anos. Estudou direito por cinco anos e formou-se em advocacia. De acordo com Raul Fiker, *“Nápoles era, em fins do século XVII, uma das maiores metrópoles da Europa, com uma população de cerca de um milhão de pessoas. Sem ser um centro de inovação intelectual como Paris, Londres ou Amsterdã, apresentava, contudo, um cenário de debates agitados.”* Essa agitação era consequência da atividade das academias, grupos de tertúlias literárias tão ao gosto seicentista. Em Nápoles marcaram época a **Accademia Della Crusca** e a **Accademia Degli Investiganti**.²

Consta em sua autobiografia que Vico, recém formado e com problemas de saúde, recebeu um convite para deixar a cidade natal e internar-se no campo. Deu-se que

¹ A respeito do ambiente intelectual napolitano na época, gostaríamos de remeter o leitor ao livro de Fausto Nicolini, *Uomini di spada, di chiesa, di toga, di studio ai tempi di Giambattista Vico*. A maioria dos livros consultados nesta pesquisa não se encontra ao alcance do leitor de língua portuguesa. Traduzimos, então, os textos e indicamos na nota quando a tradução é de nossa autoria.

² Raul Fiker. *Vico, o precursor*, p 12

monsenhor Geronimo Rocca (1623-1691), bispo de Ischia, estando em Nápoles a recuperar-se de uma grave doença, ofereceu ao jovem Giambattista a oportunidade de servir a seu irmão Domenico Rocca (1641?-1699), marquês de Vatola, na qualidade de preceptor.

Durante nove anos Vico morou na propriedade do marquês, em Vatola, calma e tranquila localidade não muito distante de Nápoles. Foi na biblioteca do castelo que ele leu Dante, Petrarca e Boccaccio, em italiano; e Cícero, Virgílio e Horácio, em latim.

Embora tenha escrito a maioria de sua obra após 1704, ou seja, no século XVIII, Vico deve toda a sua formação intelectual ao século anterior, já que contava trinta e dois anos de idade em 1700. Na opinião de Michael Mooney, é na segunda metade dos seiscentos que devemos buscar as idéias que, mais tarde reelaboradas, permitiram que nosso autor refletisse sobre a origem poética da humanidade. Com o jesuíta espanhol Baltasar Gracián (1601-1658), autor do romance alegórico-filosófico **Criticón** (dividido em três partes, editadas em 1651, 1653 e 1657, respectivamente, que correspondem aos três estágios da vida humana – juventude, maturidade e velhice), Vico aprendeu que árduas são as sendas da verdade. O também jesuíta Emanuele Tesauro (1591-1675), autor do **Il Cannochiale Aristotelico** (livro publicado em 1655, que estuda, a partir do livro III da **Retórica** de Aristóteles, a construção das figuras de linguagem) deu-lhe a noção de que a engenhosidade do Homem é capaz de descobrir e devassar os segredos ocultos da Criação.

Assim, o deslocamento de Vico do cenário cultural de sua época é apenas aparente. Como notou Santino Caramella ³, na Itália do século XVII começava-se a descobrir o gosto e a engenhosidade como qualidades independentes da consciência racional. Já em Tesauro e em Pelegrino, grandes nomes do Conceptismo, ou Marinismo, que foi o principal movimento da poética barroca em língua italiana, encontramos a tentativa de uma plenitude espiritual, de uma fantasia que procurava libertar-se do intelecto, que não buscava o real, mas o verossímil.

Se Galileu e seus seguidores insistiam no valor da experimentação para entender a realidade, Vico elevará esse conceito a uma teoria geral do conhecimento, que passa a ser entendido na medida em que é produzido.

O que podemos afirmar, com base nos estudos de Mooney e Caramella, é que Vico deu uma forma original e peculiar a algumas idéias que vinham sendo elaboradas, de forma incipiente, no barroco italiano ao longo da segunda metade do século XVII.

³ Santino Caramella. *Antologia Vichiana (La Vita e il Pensiero di Giambattista Vico Esposti e Commentati Attraverso le sue Opere)*, pp 5 e 6

Vico foi um católico fervoroso, característica que o distancia da maioria dos filósofos setecentistas. Michael Mooney conta que “*após conseguir a cátedra de eloquência em 1699, Vico declarou guerra aos franceses, e passou o resto da vida nos braços dos antigos, ensinando os autores latinos e defendendo o ponto de vista da retórica clássica.*” Ele também recusava-se a falar francês e preferia, ao menos nessa época, escrever em latim.⁴

Ao final do século XVII, a Itália era uma pálida sombra do que fora no início do século XVI, o auge do Renascimento. A França passou a ser o novo farol intelectual da Europa. E cultura francesa, ou influência francesa, era sinônimo de cartesianismo, já que o pensamento de René Descartes (1596-1650) ou Renato Delle Carte, como era chamado na Itália, dominava todo o ambiente culto da época. O problema era que, para muitos membros do alto clero italiano, essas ideias, levadas ao extremo, significavam a negação de Deus. Isso também explica por que o catedrático Vico, fiel à ortodoxia católica, refugiava-se no latim dos clássicos.

A partir de 1699 até sua morte em 1744, Vico foi professor temporário de retórica no curso de direito da Universidade de Nápoles. A posse da cátedra temporária devia ser renovada, pelo Vice-Rei, a cada quatro anos, e pagava menos do que a cátedra vitalícia, que era livre desta exigência.

O biógrafo Fausto Nicolini considera que “*Vico, longe de ser um simples filósofo foi também, em elevado grau, um historiador, um crítico literário, um biógrafo, um autobiógrafo, um epigrafista, um literato, ou melhor, mais do que um literato, um verdadeiro poeta (...).*”⁵ Não consideramos um exagero dizer que Giambattista Vico é o maior pensador, em língua italiana, depois de Galileo Galilei.

O que granjeou a permanência de nosso autor foi, paradoxalmente, aquilo que, em vida, o afastou de seus pares: seu anticartesianismo. Segundo Isaiah Berlin, “*o ponto de partida da revolta de Vico contra Descartes foi sua convicção, plenamente articulada em 1708-9, de que os critérios cartesianos para avaliar clara e distintamente as ideias, não podiam ser aplicados proveitosamente fora do campo da matemática e das ciências naturais.*” Isso significava uma recusa aos critérios de análise propostos por Descartes e seus seguidores quando aplicados ao Direito, à História e à Literatura.⁶

Tais divergências serão melhor analisadas mais adiante. No momento, gostaríamos de ressaltar que, em uma Nápoles culturalmente dominada pela França, como

⁴ Michael Mooney. *Vico e La Tradizione della Retorica*, p. 102. (nossa tradução)

⁵ Fausto Nicolini. “Introduzione” in Giambattista Vico. *Opere*, a cura di Fausto Nicolini, p xi (nossa tradução)

⁶ Isaiah Berlin. *Vico e Herder*, p 20

lembra Guido de Ruggiero, Vico, “com sua cultura antiquada, seu gosto pelo primitivo e o bárbaro, com sua indiferença em relação aos problemas mais urgentes do tempo, assemelhava-se a um homem de outra época, um sobrevivente dos velhos círculos eruditos dos seiscentos.”⁷ Na verdade, os coevos não deram a devida atenção às suas ideias e muitos de seus colegas acadêmicos ter-se-iam surpreendido com as homenagens que os pósteros lhe prestaram.

Vico, guiado por sua fé no Catolicismo, sustentou que o conhecimento intrínseco da Natureza, de seu funcionamento, é uma prerrogativa exclusiva de Deus, algo a que os homens não podem ter acesso. O saber humano está limitado às coisas produzidas pelo Homem, ou seja, tudo que não faz parte do mundo natural. Ele foi o primeiro a estabelecer a diferença entre o que hoje chamamos de Ciências Naturais e Ciências Humanas. Mas, alerta Berlin, “*existe um perigo que acompanha especialmente o destino dos pensadores férteis e profundos, mas inexatos e confusos: o de que seus admiradores tendam a extrair um sentido não explícito em seus escritos, voltando-o insensivelmente na direção de seus próprios pensamentos. (...) Vico tem sido apresentado como um pragmático, um apologista católico, um patriota napolitano, um precursor do fascismo, um existencialista, e como muitas coisas mais.*”⁸ Essa variedade de interpretações também é destacada por Peter Burke:

*Em cada época, os homens tendem a recriar seus predecessores à sua própria imagem, e (...) Vico foi visto sucessivamente como um revolucionário, um reacionário, um romântico, um positivista e assim por diante. O mito do precursor, do São João Batista, continua sendo extremamente poderoso na tradição cultural ocidental. Vico parece prestar-se a essa diversidade de interpretação mais facilmente do que outros pensadores de primeira grandeza. Isto se deve, em parte, à obscuridade ou ambiguidade de certos trechos importantes de sua obra (ambiguidade que parece tê-lo prejudicado já em seu tempo, mas que o beneficiou a longo prazo), e em parte à diversidade de seus interesses e das tradições intelectuais em que se movia. Era um poeta e um advogado, um platônico e um baconiano numa só pessoa. Some-se a isso o fato de que deixou algumas de suas ideias mais importantes sem desenvolvimento, estátuas na rocha que outros poderiam escavar e polir segundo sua própria maneira, e não seria difícil explicar a atração que exerceu sobre tipos muito diferentes de pessoas.*⁹

⁷ Guido de Ruggiero. *Storia della filosofia, parte quarta. La filosofia moderna, vol 3. Da Vico a Kant*, pp 80-81 (nossa tradução)

⁸ Isaiah Berlin. Op cit, p 92

⁹ Peter Burke. *Vico*, p 20

A RECEPÇÃO DA OBRA DE VICO

Durante a segunda metade do século XVIII, o interesse por nosso autor ficou restrito a certos círculos católicos. Por volta de 1780, alguns estudiosos da cultura greco-romana começaram a prestar atenção à leitura viquiana de Homero. Porém, tudo restringia-se a Nápoles.

Após a vitória de Napoleão Bonaparte na batalha de Marengo, em 14 de junho de 1800, um grupo de intelectuais napolitanos exilou-se em Milão, capital da recém-criada República Transalpina. Destacam-se, dentro os chamados “apóstolos viquianos”, ou seja, aqueles que difundiram entre os milaneses as ideias de seu mestre, Vincenzo Cuoco (1770 – 1823), Francesco Saverio Salfi (1759 – 1832) e Francesco Lomonaco (1772 – 1810). Em pouco tempo a Lombardia rendia-se a Vico.

Entre os viquianos lombardos estavam Vincenzo Monti (1754 – 1828), Giulio Perticari (1779 – 1822), Ugo Foscolo (1778 – 1827), Alessandro Manzoni (1785 – 1873) e Giovanni Berchet (1783 – 1851). Foi essa geração que introduziu o Romantismo na Itália.

Claude Fauriel (1772 – 1822), amigo de Manzoni, foi o primeiro a estudar os textos de Vico na França. Mas foi Jules Michelet (1798 – 1872) o principal divulgador das ideias viquianas ao traduzir para o francês a **Scienza Nuova**, em 1827. Foram influenciados por nosso autor Teodoro Jouffroy (1796 – 1842), Edgar Quinet (1803 – 1875), Victor Cousin (1792 – 1857), Jean Larminier (1803 – 1857), Chateaubriand (1768 – 1848), Phillipe Bouchez (1776 – 1865), Pierre Chérvel (1809 – 1891), Guillaume Brugière, barão de Barante (1782 – 1866), Cristina Trivulzio di Belgioioso (1800 – 1858), autora de uma outra tradução francesa da **Scienza Nuova**, Auguste Comte (1798 – 1857), François Bouillier (1815 – 1899) e Hippolyte Rigault (1821 – 1858).

Na Inglaterra podemos perfilar entre os viquianos Samuel Taylor Coleridge (1772 – 1834), Thomas Arnold (1795 – 1842), John Denison Maurice (1805 – 1872), William Grote (1794 – 1871) e Henry Thomas Buckle (1821 – 1862).

Ainda na primeira metade do século XIX Vico teve uma divulgação grande na Argentina. Sua obra foi levada para lá pelo napolitano Pietro de Angelis, que exilou-se em Buenos Aires em 1827. O primeiro intelectual argentino a tomar conhecimento de nosso autor foi Esteban Echevarría (1809 – 1851), e depois dele Juan Bautista Alberdi (1810 – 1884), Vicente Fidel López (1814 - ?), Bartolomé Mitre (1821 – 1906), historiador e presidente da República Argentina, e Domingo Faustino Sarmiento (1811 – 1888), sucessor de Mitre na Presidência da República, em 1868.

Na Itália da segunda metade do século XIX, particularmente em Nápoles, podemos citar como seguidores de Vico o abade Vito Fornari (1821 – 1900), Antonio Galasso (1833 – 1891), Enrico Ceni (1825 – 1903), Federico Persico (1829 – 1919), Francesco Acri (1836 – 1913), Luigi Miraglia (1846 – 1903), Roberto Savarese (1805 – 1875), Giuseppe Pisanelli (1802 – 1879), Francesco Antonio Casella (1818 – 1894), Pietro Siciliani (1835 – 1885), Carlo Cantoni (1840 – 1906), Giuseppe de Leva (1821 – 1888), Nicola Marselli (1832 – 1899), Angelo Camillo (1817 – 1891).

Na França poderíamos citar o historiador Fustel de Coulanges (1830 – 1889), Antoine Counot (1801 – 1877) e René Lavollée.

Em língua alemã nesse período destacaríamos Paul Lafargue (1842 – 1911), David Friedrich Strauss (1808 – 1874), Ludwig Feuerbach (1804 – 1872), Ernest Lotze (1824 – 1903), Heinemann Steinthal (1873 – 1899), Karl Werner (1821 – 1888) e o sociólogo Thomas Masaryk (1850 – 1937), presidente da República Tchecoslovaca de 1919 a 1935.

Na Itália do século XX destacam-se três estudiosos de Vico: Benedetto Croce (1866 – 1952), Giovanni Gentile (1875 – 1944) e Fausto Nicolini (1879 - ?). Para a França destacaríamos Georges Sorel e Paul Hazard. No Reino Unido sofreram influência do filósofo napolitano R. G. Collingwood (1890 – 1943) e James Joyce (1882 – 1941), que leu a **Scienza Nuova** por volta de 1905 quando então lecionava inglês em Trieste.

Os pré-românticos alemães do movimento **Sturm und Drang**, em especial Johann Gottfried Herder (1744-1803), fascinaram-se pela ideia viquiana de que maior o grau de civilização de um povo menor é a sua força criativa, mais débil seu instinto poético, mais próxima sua decadência. Esse pensamento era uma potente arma contra o Classicismo de matriz francesa, que era alvo das críticas dos jovens poetas alemães do final do século XVIII. Ele embasou o argumento de que o predomínio da Razão no campo da criação artística era um sinônimo de declínio das artes e não de seu progresso, como afirmavam o esteta francês Nicolas Boileau-Despreaux (1636-1711) e seus seguidores na Alemanha.

No século XX, de acordo com Fausto Nicolini, “*o princípio viquiano da superioridade da força nos tempos heroicos, ou seja, bárbaros, transformado na apologia da violência libertadora, tornou-se um cânone fundamental da assim chamada ‘mística fascista’*”.¹⁰ Em 1943, o Partido Fascista, em Nápoles, organizou um grande evento público para o descerramento de uma placa indicativa da casa onde nosso autor nasceu, com a

¹⁰ Fausto Nicolini. “*Bibliografia*” in Giambattista Vico. Op cit, p xl

presença daquele que se considerava seu grande seguidor: Benito Mussolini. O **Duce** não compareceu, mas foi realizada uma enorme festa. Até a pequena cidade de Vatola onde, como dissemos, Vico passou nove anos de sua vida, não se furtou de possuir uma Rua Giambattista Vico. Interessante que, com a queda do fascismo, ele se transformou, na interpretação dos comunistas russos, “*em um precursor ultramaterialista de Karl Marx e de seus apóstolos soviéticos.*” ¹¹

Talvez tenha sido essa identificação, real, de nosso autor com concepções autoritárias que afastou de sua obra muitos estudiosos. É uma pena, já que, segundo Guido de Ruggiero, “*Vico, na aparente limitação de seus temas especulativos, atinge os valores universais do espírito humano; e assim, quando for retirada a camada de antiguidade dos seus escritos, reaparecerá sua perene juventude.*” ¹²

No remate de nossas reflexões sobre Giambattista Vico ficou-nos uma dúvida: qual é a recepção que ele tem no mundo acadêmico contemporâneo?

Para responder a essa pergunta, acessamos o arquivo digital JSTOR e, para nossa surpresa, achamos quinze artigos sobre Vico, o mais antigo de 1944 e o mais recente de 2003. Embora reconhecendo as limitações de qualquer arquivo, acreditamos que o JSTOR seja uma ferramenta importante para o rastreamento da produção acadêmica internacional. Pode-se também questionar o fato de que a busca foi feita sobretudo nas publicações de língua inglesa, o que limitaria o alcance de nossa investigação. Mas uma vez delimitado nosso campo de ação, ou seja, a fonte e o idiomas pesquisados, partamos para um comentário do material coletado, classificado cronologicamente.

Começaremos com a presença de **Principios de una ciencia nueva em torno a la naturaleza de las naciones**, com prólogo e tradução de José Carner. Ela foi escrita por E. Imaz e publicada no Vol. 6, Nº 3 da **Revista Mexicana de Sociología**, páginas 383-389, de setembro de 1944, editada pela Universidad Nacional Autónoma de Mexico. O que nos chamou a atenção nesse escrito foi que o autor declarou ter consultado três manuais de filosofia, daqueles para uso didático: um alemão, outro inglês e um terceiro espanhol. Em nenhum deles Imaz encontrou o nome de Giambattista Vico. Ele explica que isso se deve ao fato de que Vico escapa das classificações generalizantes de tais manuais justamente por sua abordagem filosófica da História. Não há como enquadrá-lo em uma corrente específica de pensamento.

¹¹ Idem, p xli

¹² Guido de Ruggiero. Op cit, p 81

O segundo texto é uma resenha do livro **The Autobiography of Giambattista Vico**, traduzida do italiano por Max Harold Fisch e Thomas Goddard Bergin, publicada em Ithaca, Estados Unidos, pela Cornell University Press em 1944. A resenha em questão, escrita por Frederick E. Welfle apareceu na **The Catholic Historical Review**, Vol. 30, Nº 3, de outubro de 1944, páginas 324-326. O fato mais relevante do escrito é a saudação do autor à publicação de uma tradução de Vico nos Estados Unidos. Welfle diz não haver muitos estudos sobre o filósofo italiano em língua inglesa e que mesmo a **The Catholic Encyclopedia** o menciona apenas duas vezes, e de forma indireta. Esta foi a primeira tradução em inglês da **Autobiografia** e, segundo o autor da resenha, a **Scienza Nuova** não estava disponível aos leitores de língua inglesa. Isso no ano de 1944.

Outra resenha da tradução de Max Harold Fisch e Thomas Goddard Bergin, esta de autoria de J. Schneider, da Universidade de Minnesota, foi publicada no Vol. 10, Nº 1 da **American Sociological Review**, órgão de divulgação da American Sociological Association, em fevereiro de 1945, à página 106. Schneider afirma que esta é a primeira tradução completa de um trabalho de Vico em língua inglesa, e pergunta a razão pela qual o filósofo é tão ignorado. Segundo ele, é por que Vico representa a corrente anti-racionalista em filosofia.

Uma terceira resenha do trabalho, de Fisch e Bergin apareceu dois anos após sua publicação, em novembro de 1946, na página 280 do Vol. 21, Nº 80 da revista **Philosophy**, uma publicação conjunta da Cambridge University Press e do Royal Institute of Philosophy. Sua autora, Dorothy M. Emmet, começa dizendo que essa é a primeira tradução completa de uma obra de Vico em língua inglesa! Ela diz que o interesse atual (1946) pelo filósofo napolitano deve-se a ser ele um pioneiro da “filosofia da história”, mas admite não poder fazer uma análise acurada de seu pensamento por não ter estudado a **Scienza Nuova** no original, “at first hand” em suas palavras. Emmet considera a tradução da **Autobiografia** importante para o conhecimento de Vico no Reino Unido.

Encontramos também em nossa pesquisa nos arquivos digitais J STOR uma resenha do livro **Opere**, organizado por Fausto Nicolini e editado em Milão no ano de 1953 por Riccardo Ricciardi. Ela aparece no Vol. 34, Nº 1, páginas 62-63 da revista **Italica**, órgão de divulgação da American Association of Teachers of Italian, de março de 1957. Chamou nossa atenção por que a elaboração de nossa dissertação foi baseada no texto dessa edição, muito embora tenhamos consultado outras, conforme consta na bibliografia deste trabalho. O autor do texto é o intelectual genovês G. Bonfante. Ele destaca o fato de Nicolini ter dedicado a vida ao estudo de Vico e por isso ser amplamente capacitado a empreender uma edição das

obras do filósofo. Bonfante comenta que estão no volume todo o texto da **Autobiografia**; as mais importantes cartas e poesias escritas por Vico; a tradução em italiano para **De nostri temporis studiorum ratione** e para **De antiquissima Italorum sapientia**, assim como várias respostas a críticas a esses dois trabalhos; o texto completo da **Scienza Nuova Terza**, de 1744, com alguns esboços precedentes; e alguns dos escritos históricos e filosóficos de menor importância, acompanhados por biografias e epígrafes de autoria de Vico.

Achamos também a resenha da edição da **The New Science**, de Giambattista Vico, tradução de Max Harold Fisch e Thomas Goddard Bergin, lançada pela Anchor Books, Doubleday, de Nova York em 1961. De autoria de James M. Edie, da Northwestern University, essa resenha foi publicada na revista **Italica**, Vol. 39, Nº 26, de janeiro de 1962, nas páginas 147-149. O resenhista observa que Vico é um filósofo obscuro e de difícil compreensão devido a sua mistura de mitos gregos e romanos, de filologia, de jurisprudência e de outros tópicos que não fazem mais parte das preocupações dos eruditos contemporâneos.

A próxima resenha é daquelas que o pesquisador classifica como digna de atenção. Trata-se do livro **On the Study Methods of Our Time**, traduzido, prefaciado e anotado por Elio Gianturco. Foi editado pela Bobbs – Merrill Co., de Indianapolis, em 1965. Essa resenha apareceu no **The Journal of Modern History**, Vol. 40, Nº 4, de dezembro de 1968, nas páginas 691 – 692. Ela foi assinada por Thomas G. Bergin, da Universidade de Yale, ou seja, o tradutor, juntamente com Howard Fisch, da **Autobiografia** e da **Scienza Nuova** em inglês. Ele comenta que o destino acadêmico de Vico, apropriado para a época (1708) em que foi proferida a palestra que serviu de base ao livro, soa pedante aos ouvidos contemporâneos. Bergin cita a introdução de Gianturco para lembrar que o ensaio viquiano é a mais importante obra sobre Pedagogia escrita entre os **Thoughts on Education**, de Locke, de 1693 e o **Emile**, de Rousseau, de 1762. Isso justificaria plenamente sua tradução para o inglês, que segundo o resenhista é primorosa.

Outra resenha sobre a tradução do Prof. Elio Gianturco já havia sido publicada três anos antes. Trata-se do trabalho de Frederick P. Mascioli, que apareceu na revista **Italica**, Vol. 43, Nº 4, de dezembro de 1966, às páginas 443-445. Por ser uma publicação da American Association of Teachers of Italian o enfoque é dado ao aspecto cultural e ao estilo do texto viquiano. Mascioli destaca a dificuldade em traduzir o latim de Vico que, segundo ele, tomou Tácito e não Cícero como modelo. Outro problema enfrentado, e bem resolvido por Gianturco, foi a concisão e a economia da escrita de Vico, que enfeixou uma gama variada de conceitos complexos em poucas páginas, talvez por tratar-se de uma palestra. O

tradutor encarou essas dificuldades em uma extensa introdução (que ocupa quase o mesmo número de páginas do texto viquiano) na qual esclarece os pontos obscuros, e em copiosas notas de rodapé.

Nossa próxima resenha engloba três livros: **Giambattista Vico: An International Symposium**, organizado por Giorgio Tagliacozzo e Hayden V. White, editado pela Johns Hopkins Press, de Baltimore, Estados Unidos, em 1969; **Giambattista Vico's Science of Humanity**, organizado por Giorgio Tagliacozzo e Donald Phillip Verene, publicado pela Humanities Press, de Atlantic Highlands, em New Jersey, Estados Unidos, no ano de 1979, obra em dois volumes; e finalmente **Giambattista Vico: Past and Present**, organizado por Giorgio Tagliacozzo e lançado em 1981 pela mesma Humanities Press, de New Jersey. Esses volumes foram resenhados por Buford Rhea, da East Carolina University, para a revista **Contemporary Sociology**, Vol. 10, Nº 5, de setembro de 1981, nas páginas 624-626. Tal revista é órgão divulgador da American Sociological Association. Rhea inicia seu comentário observando que Vico despertava na época (1981) um extraordinário interesse no mundo acadêmico americano, cuja prova era a edição das três obras, compostas de ensaios de especialistas de várias áreas do Conhecimento; sociólogos, educadores, filósofos e historiadores. Grande parte dessa curiosidade era devida ao trabalho de duas pessoas: Fausto Nicolini, que havia organizado inúmeras edições críticas da obra de Vico ao longo do século XX, e de seu maior discípulo americano, Giorgio Tagliacozzo, fundador do Institute for Vico Studies, responsável pela publicação dos três volumes resenhados. Rhea conta que ao tricentenário do nascimento de Vico, em 1968, Tagliacozzo organizou um dos maiores simpósios já realizados em homenagem a um único filósofo. Esse evento, que teve lugar em Veneza, subsidiou as obras resenhadas. Por que tanto interesse em Vico durante os anos de 1970? Rhea opina que havia um cansaço em relação à herança das idéias de Newton e Galileu, e Vico surgia como uma alternativa para o estudo das origens do Conhecimento.

O terceiro dos livros citados acima, **Vico: Past and Present**, organizado por Giorgio Tagliacozzo e publicado em 1981 pela Humanities Press, de Atlantic Highlands, em New Jersey, foi também resenhado no **The Journal of Modern History**, Vol. 55, Nº 3, de setembro de 1983, nas páginas 500-502. Essa é uma publicação da The University of Chicago Press. A resenha é de autoria de Cesare Vasoli, da Universidade de Florença. O autor comenta sobre o grande interesse despertado por Vico no mundo acadêmico anglo-saxão nas décadas de 1960 e 1970. Segundo ele, isso aconteceu, em grande parte, por causa do trabalho de Giorgio Tagliacozzo, cuja grande realização foi o simpósio “Vico/Veneza”, ocorrido em agosto de 1978 na Fondazione Giorgio Cini, em Veneza. O livro em questão publica os

trabalhos apresentados nesse encontro. Vasoli nota que a revivescência de Vico à época (1983) deve-se aos estudos dos epistemólogos, dos estudantes de linguística e de retórica, dos teóricos das historiografia e dos historiadores ligados às ciências sociais e às metodologias jurídicas. Ele também destaca uma tendência contemporânea de retirar Vico de seu contexto histórico e cultural e usá-lo para explicar uma gama variada de problemas que não faziam parte das preocupações originais do filósofo napolitano.

Um ensaio bastante criativo é **Vico in Dixie**, de Ralph Ciancio. Foi publicado no **The Southern Literary Journal**, Vol. 28, Nº 1, no outono de 1995, nas páginas 35 – 57. Trata-se de uma publicação da University of North Carolina Press. Ciancio usa a “história ideal eterna” de Vico como base para sua análise das relações entre os personagens do romance **Lie Down in Darkness**, escrito por William Styron em 1951.

O ensaio de John D. Schaeffer, **Vico and Kenneth Burke**, publicado na **Rhetoric Society Quarterly**, Vol. 26, Nº 2, na primavera de 1996, nas páginas 7-17, é um estudo comparativo entre nosso autor e o famoso retórico americano. Interessante notar que Schaeffer inicia seu trabalho afirmando de todos os professores (scholars) de retórica, principalmente acadêmicos americanos, já ouviram falar de Kenneth Burke, mas poucos possuem um conhecimento, nem que superficial, sobre Vico. Isso em 1996!

Vico and Bultmann on Myth: The Problem with Demythologizing, de A. J. Grant apareceu na **Rhetoric Society Quarterly**, Vol. 30, Nº 4, no outono de 2000, nas páginas 49-82. Trata do problema do mito, ou da ausência dele, no pensamento pós-moderno.

Um ensaio de pretensões grandiosas é **Vico's Concept of Knowledge as an Underpinning of Dostoevsky's Aesthetic Historicism**, que foi publicado no **The Slavic and East European Journal**, Vol. 45, Nº 2, no verão de 2001, nas páginas 323-342. Essa é uma publicação da American Association of Teachers of Slavic and East European Languages. A autora, Nina Perlina, da Universidade de Indiana, procura traçar relações intertextuais entre o conceito de desenvolvimento cultural de Vico e o esteticismo histórico de Dostoevsky. Ela argumenta que a teoria orgânica do filósofo italiano sobre a formação das sociedades está na base da concepção de **Os Irmãos Karamazov**, do romancista russo.

O último ensaio desta série é **The Donna me Prega of the Seicento? Reassessing Vico's Unautobiographical Affetti di um disperato**, de autoria de Sherry Roush, da Penn State University. Esse ensaio apareceu na **MLN**, Vol. 118, Nº 1, Italian Issue, em janeiro de 2003, nas páginas 147-167. Essa é uma publicação da The Johns Hopkins University Press. O trabalho apresenta trechos de obras de Vico no original com

traduções em inglês da autora. Ela procura fazer uma leitura do poema viquiano **Affetti di um disperato**, de 1693, tendo em vista a obra posterior do filósofo.

A que conclusão chegamos? Vico é pouco estudado? Suas obras não são lidas como deveriam? Ele é mal interpretado? Talvez um pouco de tudo isso. O que podemos afirmar é que no campo da pesquisa histórica ele não é levado em consideração, a não ser na qualidade de precursor das teorias da história posteriormente desenvolvidas no mundo germânico. A maioria daqueles que conhecem sua “história ideal eterna” preferem enxergar nela uma visão fantasiosa da origem dos povos, ou ignorar o papel fundamental exercido por Deus em sua obra. Ao longo de nossa dissertação procuramos descobrir a concepção viquiana de História, sem a preocupação de torná-la plausível como teoria. É fato que muitos consideram a argumentação histórica de Vico a parte menos interessante de sua obra, mas essas opiniões não obstaram nossa busca pelas páginas e parágrafos da **Scienza Nuova**. Ao final da viagem restam o caminho percorrido e a esperança de que nosso diário de bordo não entedie os leitores.

CAPÍTULO I – O COMEÇO

O ano letivo na Universidade de Nápoles iniciava-se em outubro, e era uma tradição que a aula inaugural fosse proferida pelo professor de Retórica. Segundo Vincenzo Ruvo ¹ o ensino de tal disciplina visava fornecer aos jovens estudantes um contato com a cultura humanística, base dos estudos científicos, teológicos e jurídicos. De acordo com Fausto Nicolini, essas aulas inaugurais, embora destinadas a incentivar os alunos, não raro eram um mero exercício retórico ou uma apologia ao Vice-rei e sua corte. Vico deu-lhes consistência e importância.

Muito embora não fosse o titular da cátedra, nosso autor proferiu as aulas inaugurais entre os anos de 1699 e 1707. Elas estão reunidas em um manuscrito depositado na Biblioteca de Nápoles (B. N. di Napoli, xiii-b-55) e foram publicadas pela primeira vez em 1869, com o título de **Orazioni Inaugurali**. Informa-nos Vincenzo Ruvo que o ensino de Direito da Universidade de Nápoles, ao início do século XVIII, procurava um meio termo entre a explicação crua do texto jurídico e a sua interpretação histórica, baseada inclusive no valor das palavras. Em suas orações, Vico tenta resolver esta questão metodológica através da relação entre o Absoluto e o Particular, ou seja, o que é criação de Deus e o que provem do Homem. ²

A primeira das orações inaugurais de Vico foi proferida no dia 18 de outubro de 1699 e propunha que a força da mente, que era uma dádiva divina, fosse utilizada pelos homens em toda a sua extensão; a segunda, no ano de 1700, dizia que o ânimo dos homens deve se fortalecer nas verdades da mente, uma vez que as leis eternas de Deus punem os estúpidos e os imbecis; na terceira oração, cujo tema central é a urbanidade e a sociabilidade no mundo das letras, ficou demonstrado que os intelectuais precisam viver de forma justa; a quarta oração criticou os falsos doutores, que são aqueles que estudam apenas por utilitarismo e que, uma vez atingido certo nível de conhecimento, tornam-se preguiçosos e repetitivos; a quinta oração versou sobre a glória militar das repúblicas, ilustrada por inúmeros exemplos históricos; na sexta, pronunciada em 1707, Vico argumentou que a natureza humana não é

¹ Vincenzo Ruvo. “Introduzione” in Giambattista Vico. *De Nostri temporis studiorum ratione*, p xiv (nossa tradução). Os dois livros de Vico citados neste capítulo foram escritos em latim. Usamos para nossa análise o texto da tradução italiana de Fausto Nicolini. A fim de dirimir possíveis discordâncias em relação à nossa tradução, e também propiciar ao leitor um contato com a prosa viquiana, transcrevemos o texto italiano nas notas pertencentes a Vico. As notas decorrentes de livros que não estão em Português foram por nós traduzidas, conforme indicado.

² Idem, p xii

apenas um simulacro da natureza divina, mas é também contaminada pela depravação e a corrupção.

Vico diz em sua autobiografia que, no ano de 1708, a Universidade de Nápoles decidiu iniciar o ano letivo com uma abertura pública solene, em homenagem ao Rei, com a presença do Vice-rei. Além disso, havia a promessa de publicação do texto pronunciado. Aproveitando a ocasião, Vico resolveu fazer uma reflexão sobre a maneira de estudar dos modernos em comparação àquela dos antigos.

Essa contribuição viquiana ao debate entre antigos e modernos foi editada, numa versão revista e ampliada, no ano de 1709 com o título de **De Nostri temporis studiorum ratione**.

Recordemos que o século XVII foi marcado por uma série de avanços científicos que mudaram a relação do Homem com a natureza e o espaço que o cercavam. A invenção de novos instrumentos de precisão, tais como a luneta e o relógio de dois ponteiros, foram determinantes para o estabelecimento de uma nova concepção do Conhecimento. Isso provocou um desconforto profundo, resultando no que Giselle Beiguelman classificou como *“a angústia da descoberta da pequenez humana, num universo de alargara suas fronteiras até o infinito.”*³

Neste novo contexto há um deslocamento do interesse intelectual, que desde a Idade Média estava centrado na palavra de Deus (as Escrituras) e agora se dirige para a obra de Deus (a Natureza). Segundo Beiguelman, *“incontáveis conquistas técnicas viabilizaram o processo de matematização da Natureza”*, e como consequência *“a matematização do Espaço foi seguida de perto pela matematização do Tempo.”* Tudo poderia ser descrito em fórmulas abstratas, frutos da observação paciente do mundo natural tornada possível através dos instrumentos criados pelo Homem. Por isso, nas palavras de Beiguelman, *“o tempo litúrgico qualitativo, eterno e universal, passará durante essa época a conviver com o tempo profano dos relógios.”*⁴ Em consequência, o Homem passa a tomar conhecimento de sua trajetória através dos séculos, aquilo que posteriormente será chamado de “Consciência Histórica”.

As fronteiras entre o sagrado e o profano começam a ficar menos claras. As descobertas científicas do Homem tornam a obra de Deus mais transparente, tirando boa parte de seu mistério. Em outras palavras, instala-se uma visão mecanicista da Natureza, segundo a

³ Giselle Beiguelman. *“Classicismo, o mundo como abstração”* in J. Guinsburg (org). **O Classicismo**, p 83

⁴ Idem, pp 67 e 72

qual o funcionamento das coisas naturais segue um padrão ordenado que pode ser observado e descrito pelo Homem.

Em sua oração inaugural do ano de 1709, na qual aborda o método de estudos coevo, Vico faz uma reflexão acerca dessas mudanças na forma pela qual o Homem percebe o mundo ao seu redor. Ele salienta que os antigos não possuíam os meios técnicos de investigação dos fenômenos naturais de que dispunham os modernos, mas que esperavam essas deficiências com sua capacidade de observação aliada à uma intuição apurada.

O mundo moderno fora gerado pelo alargamento das fronteiras físicas da Europa proporcionado pelas grandes navegações efetuadas no século XVI. A descoberta de novas terras (o chamado Novo Mundo) foi um dos fatores determinantes para o rompimento da visão teocrática que dominou o pensamento medieval.

Os chamados instrumentos de precisão criados pelo Homem, tais como a bússola e o astrolábio (fundamentais na feitura das cartas de navegação transoceânica, e no impulso dado a Cartografia), tornaram possível o surgimento de um conhecimento laico, não mais baseado nos ditames das Sagradas Escrituras.

É dentro deste cenário intelectual que deve ser entendida a rejeição ao segundo livro de Vico, **De antiquissima italorum sapientia** publicado em 1710. Nesta obra está reafirmada a ideia de Deus como origem de todo o Conhecimento:

*Conhecer é recolher os elementos das coisas: dessa forma, é próprio da mente humana o pensar; da mente divina, ao contrário, é próprio o entender. Isto pela razão de que Deus, ao conter e dispor ordenadamente os elementos intrínsecos e extrínsecos das coisas, pode recolhê-los todos. Já a mente humana, em sua limitação, pelo simplíssimo fato de estar fora de todas as coisas que não sejam ela mesma, está restrita a jamais recolher todos os elementos, mas somente os extrínsecos.*⁵

Vico exemplifica o conhecimento divino comparando-o a uma escultura, e o conhecimento humano a uma pintura. Entendemos com isso que, para ele, a visão do Homem é parcial; por mais acurada que seja, ela não pode penetrar o interno do mundo ao redor por que a mente humana está limitada ao seu próprio saber. Vico acredita que só Deus “*conhece todas as coisas, por que contém em si os elementos com os quais as compõe. O Homem se*

⁵ “Conoscere è il raccogliere gli elementi delle cose: ‘l che importa che della mente umana sia proprio il pensare; di quella divina, invece, l’intendere. Ciò, per la ragione che Dio, nel suo contenere e disporre ordinatamente gli elementi intrinseci ed estrinseci delle cose, può raccorglierli tutti: laddove la mente umana, nella sua limitatezza, per il fatto medesimo che sono fuori di lei tutte le altre cose che non siano essa stessa, è costretta a raccorglierne non mai tutti gli elementi, bensì soltanto quelli estrinseci.” Giambattista Vico. *Dell’Antichissima sapienza italica*”, nuova traduzione di Fausto Nicolini in **Opere**, p 249 (nossa tradução)

*esforça por conhecê-las dividindo-as. Portanto a sabedoria humana não passa de uma anatomia das obras da Natureza.”*⁶ Na concepção viquiana apenas Deus pode criar, ao Homem é dado somente copiar, já que *“a sabedoria humana é uma imitação da sabedoria divina”*⁷; e Vico conclui que *“a única ciência verdadeira é a Metafísica, porque só ela trata das virtudes eternas.”*⁸

Vico afirma que o Homem foi criado **após** a conclusão da Natureza. Dessa maneira, para o nosso autor, ele pode observá-la, desfrutá-la, mas não conhecê-la em todos os seus aspectos. Melhor dizendo, as leis que regem o funcionamento da Natureza estão fora do alcance do conhecimento humano, uma vez que o Homem não participou de sua criação. Vico argumenta que um artesão pode, do barro, criar um vaso diferente de todos os já conhecidos, mas um botânico não pode criar uma flor que não pré-exista na Natureza.

Retoma-se, assim, uma idéia que fora cara aos teólogos medievais, qual seja, a da origem divina do saber humano. O Homem contempla a natureza e usufrui dos bens que ela oferece. Mas esses benefícios são uma graça de Deus, que em sua infinita bondade os disponibilizou ao Homem, que deve portanto adorar e louvar o supremo artífice do Universo.

O **De Antiquissima** foi criticado, em artigo anônimo, no número VIII do **Giornale de' Letterati d'Italia**, publicado em Veneza. Tomando ciência das objeções levantadas pelo Anônimo em 1712, quando teria recebido de um amigo napolitano residente em Veneza uma exemplar da publicação, Vico enviou uma carta aos seus editores. À acusação de ser um obscurantista, que negava ao Homem a posse do Conhecimento, nosso autor respondeu que *“a mente humana é como um espelho da mente de Deus: e por isso pensa o infinito e o eterno. Assim sendo, a mente humana não está limitada ao corpo, e em consequência não está também limitada pelo tempo.”*⁹

⁶ “Dio conosce tutte le cose, perché contiene in sé gli elementi con cui le compone tutte: l'uomo si sforza di conscrle col dividerle, pertanto la scienza umana sembra quasi un'anatomia delle opere della Natura.” Idem, p 251

⁷ “(...) la scienza umana è imitatrice di quella divina, con la quale Dio, nell'atto di conoscere il Vero, lo genera (...)” Idem, p 255

⁸ “(...) è vera scienza soltanto la Metafisica, perché essa solamente tratta delle virtù eterne.” Idem, p. 269

⁹ “La mente umana vienne ad essere come uno specchio della mente di Dio: e perciò pensa l'infinito ed eterno, e quindi la mente umana non è terminata da corpo, e in conseguenza non è anche terminata da tempo, che è misurato dai corpi. Dunque ella è, in ultima conchiusione, immortale.” Giambattista Vico. *“Risposta all'articolo del tomo VIII del 'Giornale de' Letterati d'Italia' in Opere*, p 335 (nossa tradução)

Vico diz que Deus, “*motor de todas as coisas, está imóvel em si mesmo*”¹⁰ mas gera os impulsos que movem a matéria. Para ele, o Homem, inspirado por Deus, tira da Natureza a matéria-prima de suas criações exercendo, de forma limitada, o principal atributo da Divindade, inventar o inexistente. Porém nada do que existe pode ser movimentado sem que a vontade divina se manifeste. Aqui devemos levar em conta a advertência de Enzo Pacci, que diz que

*quando Vico afirma que o Homem não conhece a Natureza, na verdade, o que ele deseja dizer é que a Natureza não é racionalidade, não é espiritualidade, mas esforço, violência, impulso, bestialidade que não é a razão mas que poderá, no curso da História, transformar-se nela. (...) A natureza de Vico é portanto, atividade, energia que mantém sua unidade em uma gama variada de manifestações. A Natureza é impulso e potência de movimento: é virtude de extensão e mobilidade.*¹¹

Desta forma, toda a atividade humana sobre a Terra será um esforço perpétuo para domar as forças da Natureza. Vico identifica no mito helênico da luta entre os deuses olímpicos e os titãs essa vontade do Homem em sobrepor-se aos fenômenos naturais. A vitória dos olímpicos, comandados por Júpiter, foi o primeiro triunfo da racionalidade sobre a bestialidade.

No **De Antiquissima** está escrito que “*a forma física de uma coisa nada mais é do que sua contínua mudança.*”¹² Já no **De Ratione**, seu livro anterior, Vico dissera que “*as coisas eternas estão acima da Natureza. Nesta nada existe que não seja móvel, que não seja mutável.*”¹³ Assim sendo, o Homem pode observar mudanças, movimentos e pode também medir a extensão dos fenômenos que ocorrem no mundo físico, mas não tem como influir sobre eles.

O discurso viquiano destaca duas categorias: o humano e o divino. O pensamento humano, nas palavras de Vico, “*dá vida aos modos e às imagens das coisas, ou seja, à verdade humana; porém Deus, entendendo, gera a verdade divina (...).*”¹⁴ O Homem, por mais que busque criar padrões exatos de observação da Natureza por via de modelos matemáticos, por não possuir a extensão da inteligência divina, jamais entendê-la-á

¹⁰ “Dio, motore di tutte le cose, sta immoto in se stesso; la materia è premuta da conati; e, come il moto è un modo d’essere del corpo e la quiete un attributo di Dio, così il conato è una qualità del punto metafisico.” Giambattista Vico. “*Dell’Antichissima sapienza italiana*” in **Opere**, p 274

¹¹ Enzo Pacci. *Igens Sylva (saggio sulla filosofia di G. B. Vico)*, pp 96-97 (nossa tradução)

¹² “(...) la forma fisica di una cosa non è altro che il suo continuo cangiarsi.” Giambattista Vico. Op cit, p 283

¹³ “(...) le cose eterne stano di sopra alla Natura: in questa non esiste cosa che non sia mobile, che non sia cangevole.” Giambattista Vico. “*Il Metodo degli studi del tempo nostro*”, nuova traduzione italiana di Fausto Nicolini in **Opere**, p 193 (nossa tradução)

¹⁴ “(...) come l’uomo, ponendo in opera il pensiero, dà vita ai modi e alle immagini delle cose, cioè al vero umano, così Dio, intelligendo, genera il vero divino e fa il vero creato.” Giambattista Vico. “*Dell’Antichissima sapienza italiana*” in **Opere**, p 293

plenamente. No **De Ratione**, Vico declara que o método investigativo proposto por Descartes não passa de uma sequência de silogismos: o primeiro silogismo é validado pelo segundo, que serve de justificativa para o terceiro, que por sua vez legitima o quarto silogismo. Ao agir desta maneira, os cartesianos, na opinião de Vico, *“de premissas e dados falsos sabem, graças ao seu método, extrair consequências verdadeiras.”*¹⁵

Os dados são falsos porque se baseiam no estudo da Natureza. Como a inteligência humana é finita, a capacidade de observação do Homem também é limitada e não permite que ele tire conclusões definitivas. A verdade, que é eterna, é um atributo da divindade.

Em sua resposta ao Anônimo veneziano que criticara o **De Antiquissima**, Vico faz um reparo pedagógico à influência do pensamento de Descartes dizendo que

*Renato fez com que fosse negligenciada a leitura dos outros filósofos ao professar que, com a força das luzes naturais, pode-se saber tanto quanto os outros souberam. E os jovens, simplórios, caem de boa vontade no engano, já que o longo esforço de muitíssimas leituras é desagradável, ao passo que é grande o prazer da mente com o aprendizado rápido.*¹⁶

Prosseguindo com suas colocações, nosso autor faz uma crítica à tendência cartesiana de desvalorizar, por inexatidão, a Poesia e a História. Vico escreve que a mente humana *“é como um terreno, que por mais fértil que seja, se não for adubado com uma leitura variada acaba tornando-se estéril.”*¹⁷ Essa leitura variada, essa visão multi-disciplinar que ainda hoje abrilhanta os escritos viquianos.

Por fim, ao encerrar sua carta aos editores do **Giornale de' Letterati** Vico, um tanto jocosamente, comenta que *“pensam-se, sim, novos métodos, mas não se descobrem coisas novas.”*¹⁸ Uma clara tomada de posição anti-cartesiana.

Em uma passagem do **De Antiquissima**, há uma advertência a todos os que desejam meditar sobre a Verdade. Para o autor, o principal obstáculo a tal propósito não é ver-se livre dos preconceitos, mas libertar-se das paixões. É dito ao leitor: *“enquanto*

¹⁵ “(...) i geometri, che da premessi e datti false sanno, in virtù del loro metodo, trarre conseguenze vere.” Giambattista Vico. *“Il Metodo degli studi del tempo nostro”* in **Opere**, p 203

¹⁶ “Perché Renato ha fatto trascurare la lettura degli altri filosofi, col professare che con la forza del lume naturale uom possa sapere quanti altri seppero. E i giovani semplicetti volentieri cadono nell'inganno, perché la lunga fatica di moltissima lettura è molesta, ed è grande il piacer della mente d'apparar molto in breve.” Giambattista Vico. *“Risposta all'articolo del tomo VIII del 'Giornale de' Letterati d'Italia'”* in **Opere**, p 362

¹⁷ “(...) perché la mente è come un terreno, che, per quanto sia di fecondo ingegno, se tuttavia non s'ingrassa con la varia lettura, a capo di tempo si sterilisce.” Idem, p 361

¹⁸ “Si pensano, sì, nuovi metodi, ma non si trovano nuove cose; (...)” Idem, p 362

*agitar-se em ti a paixão, não poderás jamais livrar-te dos preconceitos. Ao contrário, domada a paixão cairá das coisas a máscara com a qual nós mesmos as havíamos camuflado e elas se mostrarão como na realidade são.”*¹⁹ Vico já confessara, no **De Ratione**, que sempre tivera um grande medo, que o acompanhou por muitos anos, qual seja, o de ser o único a saber. Tal condição lhe apresentava “*a alternativa de ser um deus ou um tolo.*”²⁰

Todas essas colocações mostram como nosso autor estava preocupado com a produção do conhecimento em sua época. Sentimos em seus escritos uma desconfiança com relação à cultura de matriz francesa largamente consumida na Península Itálica. Vico suspeitava de que muitas das coisas tidas como verdadeiras não o eram de fato.

Em sua análise do pensamento viquiano até aqui apresentado, Eustacchio Paolo Lamanna resume em três pontos as objeções de Vico ao cartesianismo: 1º) apesar de Descartes afirmar que as verdades da física são comprováveis, elas apresentam o mesmo aspecto de probabilidade que o pensador francês reprova no conhecimento do mundo humano, pois as verdades da física só podem ser provadas pela experimentação e não deduzidas racionalmente; 2º) as certezas produzidas através da dedução matemática são absolutas, mas limitam-se às abstrações criadas pelos matemáticos, não servem para explicar o funcionamento da Natureza; 3º) com relação ao Espírito, o **cogito** cartesiano não ultrapassa o pensamento de momento, o estado presente da nossa consciência. Lamanna comenta que para Vico nós “*temos consciência do nosso ser, mas não ciência do mesmo.*” O Homem pode contemplar tudo o que está fora dele, mas não o que está dentro de si. Só Deus possui este atributo. O conhecimento humano está limitado ao que o Homem percebe ou ao que o Homem cria.²¹

Ao conjunto da criação humana (mitos, tradições, poemas, leis, cidades, navios, armas, instrumentos agrícolas) Vico nomeou mundo civil. Com essa expressão ele define tudo o que existe e não provem de Deus. Em nossos dias, falaríamos em herança cultural, ou bens materiais e imateriais. Ao processo de desenvolvimento deste assim chamado mundo civil, é dado o nome de História. Segundo Antonio José Pereira Filho “*para Vico, a História, ao contrário da Natureza, é palco de rupturas e diferenciações e nunca*

¹⁹ “Sarei per ultimo quasi propenso ad affermare che cautela più sicura per meditare il Vero riesca lo spogliarsi non tanto dei pregiudizi quanto delle passioni per le cose. Giarché, fin quando si agiti in te la passione, tu non potrai disfarti mai dei pregiudizi: al contrario, domata la passione, cadrà delle cose la maschera, sotto la quale noi stessi le avevamo camuffate, ed essi ci si mostreranno quali sono in realtà.” Giambattista Vico. “*Dell’Antichissima sapienza italica*” in **Opere**, p 289

²⁰ “In tutta la mia vita un pensiero solo ha suscitato in me grandissimo timore – quello di potere essere solo a sapere -: cosa che m’è sembrata sempre pericolosissima, come quella che presenta l’alternativa d’essere un dio o un stolto.” Giambattista Vico. “*Il Metodo degli studi del tempo nostro*” in **Opere**, p 241

²¹ Eustacchio Paolo Lamanna. **Sommario di Filosofia (volume terzo)**, p 84 (nossa tradução)

*inelutável repetição do mesmo. Por isso jamais pode ser confundida com a monotonia de um mecanismo, com sua cadeia de causas e efeitos que passam ao largo da mente humana.”*²²

Na opinião de Leon Pompa, este seria o ponto central do pensamento viquiano: o mundo natural só pode ser conhecido por Deus, pois este foi obra Sua; o Homem pode conhecer o mundo civil, ou histórico, por que este, sim, foi criação humana. Cabe portanto aos filósofos descartarem as especulações em torno da Natureza, cujo conhecimento intrínseco lhes está negado pela condição finita de seus pensamentos, e refletirem sobre o mundo histórico, cujos *“princípios podem ser redescobertos dentro de nossa mente humana e guiar-nos ao conhecimento deste mesmo mundo”*, como explica Pompa.²³

Na verdade, o Homem deveria concentrar seus estudos na obra do gênero humano. Vico, desta forma, iguala o Homem a Deus, pois ele não diz que a obra divina é superior à obra humana. O que ele afirma é que ao Homem não é dada a capacidade, devido a sua limitada inteligência, de compreender, na totalidade, a criação de Deus.

Em um pequeno ensaio, Tom Rockmore defende que ao apoiar-se na ideia de que somente conhecemos, de maneira completa, aquilo que fazemos, Vico deixou de lado a Natureza para estudar o Homem. Ele compreendeu que não haveria sentido em preocupar-se com algo já previamente desenvolvido, e do qual jamais poder-se-ia saber como se desenvolveu. Para Rockmore, é a partir desse momento que Vico *“passa a concentrar-se nos problemas da História.”*²⁴

Rockmore identifica assim uma fundamental mudança de rumo em relação ao pensamento cartesiano. Os seguidores de Descartes desdenhavam o estudo da História por não reconhecê-la como uma disciplina de postulados irrefutáveis. Ao abordar este tópico em seu livro sobre Vico, Raul Fiker diz:

*É claro que, segundo o raciocínio viquiano, não podemos conhecer a nós mesmos enquanto criaturas de Deus. Mas ele associa esse princípio de que só podemos conhecer realmente o que criamos à noção frequentemente encontrada no pensamento renascentista – em Ficino, Pico, Bruno e outros – de que o Homem é um ser autônomo, que cria e molda a si mesmo e seu mundo. E Vico explica isso não apenas às obras do Homem em geral, às artes e ciências, mas também à História, concebida como experiência coletiva que se estende através do tempo.*²⁵

²² Antonio José Pereira Filho. **G.B. Vico e a fratura moderna: o princípio do verum-factum e a idéia de História na Ciência Nova**, p 117.

²³ Leon Pompa. *“Estructura ontológica y historiográfica en Vico y Marx”* in Giorgio Tagliacozzo (org). **Vico y Marx, afinidades y contrastes**, p 69 (nossa tradução)

²⁴ Tom Rockmore. *“Vico, Marx y la teoria anticartesiana del conocimiento”* in Giorgio Tagliacozzo. Op cit, p 177

²⁵ Raul Fiker. **Vico, o precursor**, p 9

Foi com o objetivo de entender essa “*experiência coletiva*” a que comumente chamamos História, que Vico criou uma metodologia a qual chamou de Nova Ciência. No que esta consiste e como ele a desenvolveu serão os objetos de análise do próximo capítulo.

CAPÍTULO II – UMA NOVA DISCIPLINA

A principal obra de Giambattista Vico é um livro chamado **Principi di Scienza Nuova d'intorno alla comune natura delle nazioni** (princípios de uma nova ciência relativa à natureza comum das nações), publicado primeiramente em 1725 e depois revisto e ampliado na edição de 1744.

Vico faleceu na noite de 22 para 23 de janeiro de 1744 enquanto o livro ainda estava no prelo. Mais conhecido como **Scienza Nuova**, este é, na definição de Peter Burke, “um livro tão repleto de idéias que quase explode pelas costuras”.¹ Na avaliação de Francesco Flora, Vico compôs “uma narrativa mitológica e poética” onde “uma idéia apoia-se em um mito, uma palavra esconde-se atrás de uma imagem.”² Parece que esse tipo de redação levou a variadas recepções da obra, vista às vezes como uma ficção e mesmo como um livro profético.

Outra característica, geralmente apontada pelos comentadores modernos, é a pouca clareza do texto. Isso deve-se ao fato de que Vico procurou colocar uma variedade muito grande de exemplos para as idéias que ele formulou, as quais ele não consegue, muitas vezes, explicar de maneira clara. Na opinião de Francesco Flora, a filosofia de Vico não é um conjunto “de abstrações geométricas, mas de ações poéticas vivas. O mundo é um poema de Deus e a história humana um poema dos homens.” Por isso o discurso da **Scienza Nuova** seria uma “invenção filosófica que corre paralelamente a uma invenção poética.”³ Separar as duas tem sido mais difícil do que a princípio seria aconselhável.

O uso viquiano dos mitos gregos e romanos não era estranho a sua época. De acordo com Helmut Hatzfeld, a utilização da mitologia como ornamento poético foi incentivada pelo Concílio de Trento (1545-1562)⁴, tornando-se assim uma característica marcante da produção literária dos Seiscentos. Na opinião de Francesco Flora, Vico é “o maior poeta do Setecentos, um dos maiores que a Itália e a Europa tiveram.”⁵

É interessante notar como, com a depreciação da poesia barroca ocorrida ao longo do século XVIII e parte do XIX (frequentemente acusada de bizarria e artificialidade) a obra poética de Vico tenha sido relegada a um plano muito inferior comparada a sua obra de

¹ Peter Burke. **Vico**, p 45

² Francesco Flora. “Introduzione” in **Tutte le opere di Giambattista Vico**, pp xi e l (nossa tradução)

³ Idem, pp xiii e xii

⁴ Helmut Hatzfeld. **Estudos sobre o Barroco**, p 62

⁵ Francesco Flora. Op cit, p xi

pensador. Mas ele foi um poeta. Flora faz questão de lembrar que a **Scienza Nuova** é “*uma narração mitológica e poética*”.⁶

Não podemos, portanto, deixar de pensar a **Scienza Nuova** também como um produto da estética barroca. Como exemplo de barroquismo citaríamos a maneira pela qual o texto foi redigido. Os seus 1.112 parágrafos podem ser lidos de forma independente, mas estão interrelacionados criando uma textura que reforça a argumentação. Assim as idéias expostas no parágrafo 982 estão relacionadas com o que foi dito nos parágrafos 369, 516, 776 e 925. Não é uma tarefa simples para o leitor percorrer toda a teia e juntar o discurso de forma coerente. Disso podemos dar testemunho pessoal.

Vico recorre com frequência a fontes do Passado: Homero, Virgílio, Horácio, Heródoto, Políbios, Lívio, Varrão, Cícero, Platão, Aristóteles e outros. Mas suas citações muitas vezes não são precisas, visam apenas embasar um ponto de vista exclusivamente seu. Na opinião de Leon Pompa, “*uma das razões para que a **Scienza Nuova** de Vico não se estabelecesse como um trabalho filosófico amplamente lido é a completa obscuridade do texto.*”⁷ De nossa parte, gostaríamos de trocar “*completa obscuridade*” (sheer obscurity) por barroquismo. Não que o Barroco seja, em si, obscuro, mas sua estética pressupõe uma recusa à linha reta do discurso, já que privilegia as digressões e os artifícios de linguagem.

Seria o trabalho de Vico uma obra ficcional? Não, com certeza. Mas a sua argumentação fundada nos mitos, e as citações de Homero e Virgílio a par de Heródoto e Lívio (para dar um exemplo aleatório) como fontes documentais, incomodam alguns comentadores.

Em Giovanni Gentili encontramos a informação de que veio à luz no ano de 1725 um livro intitulado **Principii di una Scienza Nuova intorno alla natura delle nazioni, per la quale si ritruovano i principii di altro sistema del diritto naturale delle genti**. Esta obra é hoje conhecida pelos estudiosos como **Scienza Nuova Prima**. Houve uma nova edição do livro em 1730. Finalmente, em 1744, a última versão do texto, ampliada e ligeiramente alterada em relação às anteriores, foi postumamente publicada.⁸

Quando os estudiosos se referem à **Scienza Nuova**, o fazem com referência a esta última edição.

Segundo Leon Pompa, Vico tentou responder a um dos principais problemas historiográficos do século XVII e inícios do XVIII: como explicar certas similaridades

⁶ Idem, p. xlviii

⁷ Leon Pompa. **Vico: a study of the New Science**, p. 1 (nossa tradução)

⁸ Giovanni Gentili. “*Le varie redazioni della Scienza Nuova e la sua ultima edizione*” in **Studi Vichiani**, pp. 173-174 (nossa tradução)

culturais e institucionais entre as antigas nações européias e as nações primitivas do Novo Mundo, descoberto em 1492? ⁹ Os relatos dos viajantes sobre os usos e costumes dos indígenas americanos eram bastante populares. Neles estava contado que esses povos falavam suas próprias línguas, agrupavam-se em tribos, essas tribos dividiam-se em clãs, esses clãs formavam aldeias. Havia guerras entre tribos de diferentes povos, uma cultura de valorização da bravura dos guerreiros e de exaltação dos grandes caçadores. Cada povo também possuía suas crenças e rituais religiosos.

Tudo isso remetia aos antigos povos que habitaram a Europa. Os povos germânicos, por exemplo, agrupavam-se em tribos nômades guerreiras e tinham uma mitologia bastante rica e peculiar. A dúvida era se o modelo de organização social das tribos gaulesas, nórdicas e germânicas se reproduzia no Mundo Novo.

Vico defende que todas as sociedades humanas passam sem distinção pelas mesmas etapas de desenvolvimento. Ele afirma que *“idéias uniformes nascidas junto a povos que não se conheciam devem ter um motivo comum.”* ¹⁰ Uma das funções da nova disciplina que nosso autor propôs era identificar essas *“idéias uniformes”*.

Vico achava que *“todos os filósofos dedicaram-se seriamente a estudar o mundo natural, o qual, por ser obra de Deus, somente Este pode compreender; e negligenciaram este mundo de nações, não o pensaram, este que é um mundo civil, o qual, tendo sido feito pelos homens, era por eles passível de ser compreendido.”* ¹¹ Na concepção viquiana, *“a Filosofia contempla a Razão, de onde vem o conhecimento do Verdadeiro; a Filologia observa a autoridade do arbítrio humano, de onde vem a consciência do Certo.”* ¹² Vico desejava que os filósofos parassem de se ocupar com observações da Natureza e abstrações geométricas e passassem a dar atenção à maneira como os homens se constituíam em sociedades.

Raul Fiker entende que *“para Vico, partimos de **certum** – familiaridade com determinadas realidades – como uma pré-condição para todo o pensamento e ação e temos a capacidade de chegar ao **verum**, que é o conhecimento de verdades universais. Uma ciência*

⁹ Leon Pompa. Op cit, p 7

¹⁰ “Idee uniformi nate appo intieri popoli tra essoloro non conosciuti debbon avere un motivo comune di vero.” Giambattista Vico. **Principi di Scienza Nuova d’intorno alla comuna natura delle nazioni**, §144, degli elementi, XIII (nossa tradução)

¹¹ “(...) tutti i filosofi seriamente si studiarono di conseguire la scienza di questo mondo naturale, del quale, perché Iddio egli il fece, esso solo ne ha la scienza; e trascurarono di meditare su questo mondo delle nazioni, o sia mondo civile, del quale, perché l’avevano fatto gli uomini, ne potevano conseguire la scienza gli uomini.” Idem, §331, dei principi

¹² “La Filosofia contempla la Ragione, onde viene la scienza del Vero; la Filologia osserva l’autorità dell’umano arbitrio, onde viene la coscienza del Certo.” Idem, §138, degli elementi, X

*tem de ser constituída por verdades gerais, e o que a **Ciência Nova** propõe é um sistema logicamente conectado de proposições gerais sobre fatos e eventos no tempo.*”¹³

Esse é um dado importante: “*no tempo*”. De acordo com Susanna Peters, no Seiscentos a “*racionalidade mecanicista (implicada na leitura do universo por cientistas e filósofos como Galileu e Descartes) começa a se impor na compreensão humana da Natureza, então a própria Natureza e o Tempo eram vistos mecanicisticamente.*”¹⁴ Vico, um herdeiro desta visão barroca, vê a História como uma sucessão de eventos que possui uma regra que pode ser descoberta (hoje diríamos desconstruída). Desta forma, o passado comum da Humanidade deve, obrigatoriamente, fornecer a chave interpretativa das instituições políticas das sociedades coevas. Está no Passado a origem de nossas leis e costumes. E nosso autor esclarece, então, que “*este será outro grande trabalho desta ciência: de redescobrir os motivos do Verdadeiro, os quais, com o passar dos anos e as modificações das línguas e dos costumes, chegaram-nos cobertos pelo Falso.*”¹⁵ Consideramos isso uma crítica às crônicas medievais cuja acuidade e valor histórico documental vinham sendo colocados em dúvida pelas novas categorias de análise inspiradas pelo cartesianismo. Assim Vico concordava que o estudo do passado deveria ser conduzido de uma maneira científica; o que ele não referendava eram os critérios de racionalização matemática propostos pelos seguidores de Descartes.

Na concepção viquiana os homens, por serem criação de Deus, têm a mesma essência. Apesar de divididos em povos com costumes, tradições e línguas diferentes, todos os seres humanos compartilham uma natureza comum. Mas como isso pode ser verificado? Através do estudo do mundo civil, ou seja, daquilo que os homens criaram ao longo dos tempos, ou seja, do que hoje chamaríamos de tradição ou cultura.

A nova disciplina proposta por Vico é uma reunião da Filosofia com a Filologia. Porém, para ele, Filologia é um termo muito amplo. Ela engloba o estudo do discurso, ou seja, seu aspecto verbal no que tange à origem das palavras; uma narrativa (na maioria das vezes bastante imaginativa) do desenvolvimento das mesmas, e, por fim, os diferentes modos de usá-las.

¹³ Raul Fiker. **Vico, o precursor**, p 35

¹⁴ Susanna Peters. “*Uma geometria do tempo*” in Affonso Ávila (org). **Barroco: Teoria e Análise**, p 147

¹⁵ “Questo sarà altro grande lavoro di questa scienza: di ritrovarne i motivi del Vero, il quale, con volger degli anni e col cangiare delle lingue e costumi, ci pervenne ricoverto del Falso.” Giambattista Vico. Op cit, §150, degli elementi, XVI

Conta-nos Vico que a palavra **urb** significava a curvatura do arado. Como ao redor dos campos lavrados foram erguidas as primeiras povoações, o vocábulo **urbi** passou a designar cidade.

Na Idade dos Deuses os homens comunicavam-se por sinais. Sua escrita era hieroglífica. Apenas os deuses possuíam uma linguagem articulada. Prova disso, segundo Vico, é que a palavra **teologia**, para os gregos, significava a ciência do falar dos deuses.

Quando os gigantes viquianos abandonaram suas cavernas, e com suas famílias, estabeleceram-se nas planícies, eles passaram a sepultar seus mortos. Foi assim que os primeiros chefes de família (os heróis) estabeleceram a legitimidade de seus domínios. É por isso que os gregos, de acordo com Vico, chamavam aos naturais de uma determinada terra de **gigantes**, que significa descendentes dos sepultados.

Em seu ensaio sobre Vico, Guido de Ruggiero diz que como o certo é a “familiaridade” com as coisas e o verdadeiro é o “conhecimento de verdades universais”, pode-se dizer que “a Filologia cobre toda a esfera do certo assim como a Filosofia cobre a esfera do verdadeiro” e desta forma “cabe ao filósofo indagar os motivos do verdadeiro disseminados e escondidos no certo das coisas humanas, e ao filólogo confirmar com testemunhos humanos as verdades formuladas pelo filósofo. A **Ciência Nova** pretende ser, na verdade, uma documentação desta relação.”¹⁶

Na **Scienza Nuova**, Vico chama de filólogos “*todos os gramáticos, historiadores, críticos, que se ocupam da relação entre as línguas e os eventos dos povos, sejam eles domésticos como os costumes e as leis; sejam de fora, como são as guerras, os tratados de paz, as alianças, as viagens, as relações comerciais.*”¹⁷ Na verdade, ele desejava referir-se ao que hoje chamamos Humanidades, ou seja, o patrimônio cultural (e imaterial) de um povo.

Com esse enfoque, no entender de Isaiah Berlin,

*Vico não estava respondendo a questões suscitadas por pensadores anteriores. Sua visão dos homens e do seu passado o levava a conceber, um tanto excitadamente, novas categorias e conceitos, enquanto sua luta para adaptar os termos tradicionais, a fim de transmitir a estrutura básica da nova disciplina a seus contemporâneos, resultou em transições súbitas do pensamento e em uma terminologia complicada e escura.*¹⁸

¹⁶ Guido de Ruggiero. **Storia della Filosofia, parte quarta. La Filosofia Moderna, vol. 3. Da Vico a Kant**, p 54 (nossa tradução)

¹⁷ “Questa dignità per la seconda parte definisce i filologi tutti i grammatici, istorici, critici, che son occupati d’intorno alla cognizione delle lingue e de’ fatti de’ popoli, così in casa, come sono i costumi e le leggi, come fuori, quale sono le guerre, le paci, l’allenze, i viaggi, i commerci.” Giambattista Vico. Op cit, §139, degli elementi, X

¹⁸ Isaiah Berlin. **Vico e Herder**, p 14

Francesco Flora declara não conhecer nenhum outro escritor italiano que tenha sido “*como Vico, um inventor de palavras e de novos significados.*”¹⁹ O texto da **Scienza Nuova** é como uma espiral. Obriga o leitor a recuar e avançar para que ele possa, através da leitura de parágrafos diversos, formar uma idéia do que o autor queria dizer. Vico, à maneira dos marinistas, recheia sua obra com palavras e conceitos cujos significados só fazem sentido dentro do discurso que ele vai desenvolvendo. Assim é com expressões tais como **mundo civil, direito universal e história ideal eterna**.

Vico explica que a união entre Filosofia e Filologia, a nova disciplina que ele propõe, “*é uma história das idéias humanas (...) e principiou no momento em que os primeiros homens começaram a refletir sobre as idéias humanas.*”²⁰

Fazer uma narrativa histórica das ideias que o Homem teve ao longo dos tempos era um projeto inovador para os princípios do século XVIII. Os historiadores, desde o Renascimento, preocupavam-se em realizar um relato acurado dos fatos pretéritos, já que eles acusavam os cronistas medievais de basearem-se em fontes pouco confiáveis. Escreviam os clássicos histórias de batalhas, conquistas e feitos grandiosos dos homens nobres.

O historiador, via de regra, era financiado por um nobre ou um eclesiástico. Estava a serviço de um rei ou de um papa e por isso procurava exaltar seu melenas e sua família. É preciso ter em conta que não existiam ainda, na época de Vico, os Estados nacionais e o absolutismo monárquico então vigente não permitia uma análise histórica, social ou política que não fosse embasada no princípio de suserania e vassalagem.

A forma dada a essa “*história das idéias humanas*” (**storia dell’umane idee**) será o objeto do próximo capítulo.

¹⁹ Francesco Flora. Op cit, p lv

²⁰ “(...) questa scienza è una storia dell’umane idee (...) e cominciò d’allora ch’i primi uomini cominciarono a riflettere sopra l’umane idee (...)” Giambattista Vico. Op cit, §347, del metodo

CAPÍTULO III – AS TRÊS IDADES

A **Autobiografia**, de Vico, é um livro peculiar. Seu autor o escreveu em terceira pessoa, o que às vezes nos faz pensar que a existência ali relatada seja a de um personagem fictício. De qualquer forma, o texto nos esclarece sobre a elaboração das obras viquianas. Assim, Vico nos conta que em determinada época de sua vida, não se sentindo esclarecido pela metafísica de Aristóteles, experimentou instruir-se com a metafísica de Platão. Foi a partir desse contato com o pensamento platônico que começou a surgir dentro dele, “*sem que se desse conta*”, a ideia de conceber um “*direito ideal eterno*”, que exaltasse, numa “*cidade universal*”, a obra da Providência Divina, fundadora de todas as nações. Seria essa uma “*república ideal*”, sobre a qual deveria ter meditado Platão, mas que “*pela ignorância do primeiro homem caído, não o pôde fazer.*”¹ Essa idealização de um direito universal está estribada na convicção de que todos os homens são iguais, não importa a que povos ou civilizações, antigos ou modernos, eles pertençam.

Coerente com sua profunda fé católica, Vico acredita que tudo no mundo ocorre pela vontade de Deus. Assim sendo, o progresso dos povos deve seguir um padrão, já que está determinado pela Divindade. Mas como os povos não surgiram todos na mesma época histórica, eles se encontram em diferentes etapas de desenvolvimento. Conquanto o progresso seja universal e eterno, ele é assimétrico, por que existem nações vivendo estágios já ultrapassados por outras.

Segundo Antonio José Pereira Fº, “*Vico admite que o descompasso entre Filosofia e História reside em que a História, tal como concebida por Tácito e pelos humanistas italianos, dirige-se ao homem de ação e o descreve na sua dimensão mundana, real, submetido ao infortúnio, movido quase sempre pela arbitrariedade das paixões; ao passo que a Filosofia, desde Platão, tem como meta ocupar-se de um mundo estático, regular, substancial tomando o Homem como ele deve ser.*”² Mas o homem idealizado pelos filósofos tem que agir, assim como o homem de ação descrito pelos historiadores tem que raciocinar. Porém se todos se encontram dentro de diferentes fases de um processo guiado por Deus, como podem suas idéias e ações serem similares?

¹ “Tanto che da quel tempo che il Vico non si senti soddisfatto della metafisica d’Aristotile per bene intendere la morale e si sperimentò addottrinare da quella di Platone, incominciò in lui, senz’avvertirlo, a destarsi il pensiero di meditare um diritto ideale eterno che celebrasse in una città universale nell’idea o disegno della Providenza, sopra la quale idea son poi fondate tutte le repubbliche di tutti i tempi, di tutte le nazioni: che era quella repubblica ideale che, in conseguenza della sua metafisica, doveva meditar Platone, ma, per l’ignoranza del primo uom caduto, nol poté fare.” Giambattista Vico, **Autobiografia**, p 27 (nossa tradução)

² Antonio José Pereira Fº. **G. B. Vico e a fratura moderna: o princípio do verum-factum e a idéia de História na Ciência Nova**, pp 8-9

Para responder a esse questionamento Vico sentiu que seria necessário criar uma nova disciplina, que unisse a reflexão filosófica com as descobertas dos filólogos. Essa disciplina seria dedicada ao estudo das realizações do Homem desde o momento em que, após o dilúvio, espalharam-se pelo mundo diferentes povos.

Na opinião de Isaiah Berlin, *“o reconhecimento da existência de um processo irreversível de infância, juventude, maturidade, velhice e declínio final da vida das sociedades, não menos que da vida dos indivíduos, bem como o reconhecimento de que tipos de linguagem, rituais ou relações econômicas pertencem a cada estágio do desenvolvimento social, é algo, parecia-lhe a Vico, que os filósofos ou juristas do seu e de outros tempos não possuíam ou compreendiam; (...).”*³ Não podemos esquecer que nosso autor era um homem de leis, professor de direito: o que o preocupava eram as relações entre os indivíduos ao longo da História. Vico, como bem o notou Leon Pompa, achava que os estudiosos coevos erravam ao afirmar que *“as ideias e instituições de todas as eras históricas fossem produto de uma natureza humana cujo caráter permanecesse fixo e constante através da História.”*⁴

Podemos dizer que a originalidade de Vico reside neste ponto: se as épocas são diferentes, o são também os homens. E avançando ainda mais, diríamos ser o Homem um produto do momento histórico em que ele vive. Por isso, concordamos com Peter Burke quando este afirma que a *“ênfase no desenvolvimento interior de uma sociedade ou cultura, de preferência a mudanças introduzidas de fora, é um dos aspectos centrais do pensamento de Vico.”*⁵ Mesmo que um povo, tal como as nações indígenas do novo mundo, jamais tenha contato com outras civilizações, uma vez dentro da história ideal eterna ele obrigatoriamente atravessará as fases nela descritas.

Muito embora não tenha sido aceita no início do século XVIII, essa ideia de desenvolvimento intrínseco de uma cultura será um dos temas centrais do Romantismo. Ela permeará tanto o conceito do bom selvagem de Jean Jacques Rousseau quanto a concepção de decadência viciosa do caráter humano criada pelo Marquês de Sade. Princípios que poderíamos nomear polo positivo e polo negativo da cultura romântica.

Em outra passagem da **Autobiografia**, nos é contada a admiração do autor por Platão e Tácito: *“por que com uma mente metafísica incomparável Tácito contempla o Homem tal como ele é, Platão como ele deve ser; (...). E a admiração por tal aspecto destes dois grandes autores era em Vico um esboço daquele desenho sobre o qual ele depois*

³ Isaiah Berlin. **Vico e Herder**, p 44

⁴ Leon Pompa. **Vico: a study of the New Science**, p 45 (nossa tradução)

⁵ Peter Burke. **Vico**, p 70

*construiu uma história ideal eterna, sobre a qual passasse a história universal de todos os tempos, conduzindo-a certas propriedades eternas das coisas civis – o surgimento, estado, decadência de todas as nações, onde se formasse um todo de sabedoria, seja aquela aplicada, que é a sabedoria de Platão, seja aquela vulgar, que é a sabedoria de Tácito.”*⁶ Compreendemos aqui que história ideal eterna significa um processo ao longo do tempo, por isso história; esse processo é guiado por um intelecto superior (Deus), por isso ideal; e todos os indivíduos, agregados em nações ou povos, tem de por ele passar, não lhes sendo possível dele apartar-se, por isso eterno. Já Enzo Paci, em seu estudo sobre a filosofia de Vico, acha que a história ideal eterna é *“o esforço do Homem para ascender de sua condição finita e mover-se em direção a uma realidade racional e social mais consistente (...)”*⁷ E dessa forma superar o trauma da expulsão do Paraíso e poder reencontrar o caminho da comunhão com Deus.

Segundo Leon Pompa, Vico deixa claro que, dada a ocorrência de certas condições iniciais, ele demonstrará que *“a história humana deve passar por uma sequência de mudanças institucionais demonstradas na história ideal eterna.”* Porém o surgimento dos estágios posteriores está na dependência de *“um estágio inicial cuja ocorrência não é demonstrável.”* Mesmo assim Vico insistirá na ideia de que *“dado um estágio inicial, haverá uma sequência de outros estágios demonstrada na história ideal eterna. Ele então mostrará que para cada fase histórica é necessária uma fase antecedente, assim como uma subsequente. Em outras palavras, ele mostrará que sua ciência oferece uma completa explicação causal de eventos históricos reais.”*⁸ Gostaríamos de salientar estas últimas palavras: *“eventos históricos reais.”* Vico parte de relatos de historiadores, tais como Tácito, Heródoto, Tucídides, Políbios e outros, para compor a história ideal eterna. Isso reforça a ideia de que a **Ciência Nova** seria, na verdade, um novo método interpretativo da história antiga.

Paolo Cristofolini, em breve ensaio, nota que:

*“Se examinarmos os componentes estruturais da **Ciência Nova**, poderemos detectar um reconhecimento (bastante avançado para sua época) de um jogo entre constantes e variáveis. As constantes são os fundamentos naturais que*

⁶ “Fino a questi tempi il Vico ammirava due soli sopra tutti gli altri dotti, che furono Platone e Tacito; perché con una mente metafisica incomparabile Tacito contempla l'uomo qual è, Platone qual dee essere; (...). E l'ammirazione con tal aspetto di questi due grandi autori era nel Vico un abbozzo di quel disegno sul quale egli poi lavorò una storia ideale eterna sulla quale corrésse la storia universale di tutti i tempi, conducendovi, certe eterne proprietà delle cose civili, i surgimenti, stati, decadenze di tutte le nazioni, onde se formasse il sapiente insieme e di sapienza riposta, qual è quel di Platone, e di sapienza volgare, qual è quello di Tacito.” Giambattista Vico. Op cit, p 46

⁷ Enzo Paci. **Igens Sylva (saggio sulla filosofia de G. B. Vico)**, p 62 (nossa tradução)

⁸ Leon Pompa. Op cit, p 145

*levam a cabo o processo (necessidade e utilidade), a direção na qual o mesmo se move (a Providência), e seu ritmo cíclico (curso e re-curso); as variáveis são as circunstâncias de tempo e lugar que condicionam as diferentes histórias dos diferentes povos. **Ciência Nova** consegue captar essa tal variedade com as ferramentas que lhe oferecem a Filologia, a Linguística, a Física, etc.; e com a aplicação do método comparativo com estas disciplinas consegue interpretar a multiplicidade de histórias e fundi-las em uma síntese de história ideal eterna mediante as constantes, ou leis gerais.*⁹

Cabe aqui uma explicação de nossa parte. Vico afirma que existe, para todas as nações, um **corso** e um **ricorso**. Podemos tranquilamente traduzir **corso** por curso (curso histórico, por exemplo), porém não consideramos a palavra recurso para a tradução de **ricorso**, já que esta palavra em língua portuguesa tem um significado muito diferente. Aventamos a possibilidade de usarmos fluxo e refluxo, que em português exprimem a ideia original de Vico, mas consideramos que, ao fazer esta opção, nos distanciáramos muito do original italiano. Como o prefixo **re** significa, em língua portuguesa, uma outra vez em palavras como recommençar, redefinir, reavaliar, optamos pela criação de um neologismo que, com as devidas excusas aos puristas da língua, nos pareceu mais apropriado: re-curso. Falaremos, assim, doravante em curso e re-curso históricos.

Após esta digressão filológica, cabe-nos acrescentar ser justamente a ênfase no re-curso histórico, assim como a insistência na ação da Providência Divina, que tornam o pensamento de Vico pouco palatável a gostos contemporâneos. Mas são ideias que não podem ser descartadas, ou mesmo separadas. Segundo Enzo Paci, este círculo no qual a Natureza vem de Deus e depois a Ele retorna transformada em civilização humana, sabedoria poética e redenção do homem expulso do Paraíso, é o que Vico deseja expressar quando fala em história ideal eterna. *“Este provir de Deus como barbárie e retornar a Deus como civilização nada mais é do que o curso e o re-curso, nada mais é do que a história ideal eterna, nada mais é do que a Providência que transforma o homem-besta em homem-civil.”*¹⁰ Fácil seria considerarmos o curso histórico de Vico como uma ascendência, no sentido de purificação e expiação caro ao Catolicismo. Porém o conceito torna-se mais complexo e sofisticado quando o pensador coloca como fase subsequente à decadência o retorno à fase inicial, ou seja, à barbárie.

Existem duas leituras possíveis para o re-curso. A primeira é que todas as sociedades, por mais desenvolvidas, opulentas ou intelectualmente sofisticadas que sejam,

⁹ Paolo Cristofolini. *“Las ciencias humanas y la filosofía de la Historia entre Vico y Marx”* in Giorgio Tagliacozzo (org). **Vico y Marx, afinidades y contrastes**, p 316 (nossa tradução)

¹⁰ Enzo Paci. Op cit, p 94

tendem a desaparecer e dar lugar a um povo inculto e selvagem. A decadência e queda do Império Romano, tal como era vista no século XVII, embasa esse ponto de vista. Dentro dessa perspectiva, por outro lado, pode-se argumentar que por mais atrasada que seja uma nação ela progredirá e conhecerá um período de fausto e esplendor.

A segunda leitura é que, uma vez conscientes da possibilidade funesta da própria destruição, as nações criem meios através dos quais seja possível formar cidadãos melhores. Instruir bem a todos, premiar os bons e punir os maus. Vico não era um fatalista. Ele achava que os homens, com a ajuda de Deus, poderiam refrear seus instintos e tornarem-se criaturas semelhantes ao seu criador.

Na **Autobiografia**, Vico conta que no final de 1725 foi publicado em Nápoles, pelo tipógrafo Felice Mosca, um livro pequeno de doze folhas divididas em doze (ou seja, 144 páginas), em letras diminutas. De sua autoria, a obra intitulava-se **Princìpi di una Scienza Nuova d'intorno alla natura delle nazioni, per li quali si ritruovano altri princìpi del diritto naturale delle genti** (Princípios de uma Nova Ciência em torno da natureza das nações, através dos quais se redescobrem outros princípios do direito natural dos povos), e ele a endereçava a todas as universidades da Europa. Segundo Vico, ele discorre em seu livro sobre uma história ideal eterna, ordenada pela Providência Divina e pelo igualmente ordenado direito natural dos povos. Por essa história eterna passam, a seu tempo, todas as nações, cujas histórias particulares mostram seus surgimentos, progressos, estados, decadências e fins. Conta ele que foram os egípcios os primeiros a dividirem os tempos passados em três épocas: uma idade dos deuses, outra idade dos herois, e por fim a idade dos homens. Nessa mesma ordem e número de partes se falaram, pelos séculos anteriores à civilização egípcia, três línguas: *“uma divina, muda, por hieróglifos, ou seja, caracteres sacros; uma outra simbólica, ou seja, por metáforas, que é a linguagem heróica; a terceira epistolar, por ser o falar conveniente aos usos presentes da vida.”* Com estas e outras pequenas descobertas, ele raciocina sobre o direito natural dos povos, demonstrando em quais tempos e por quais maneiras nasceram os costumes que fornecem a base de tal direito. Tais costumes englobam religiões, línguas, domínios, relações comerciais, ordens, impérios, leis, armas, juízos, penas, guerras, tratados de paz, alianças, explicando as propriedades eternas que determinam a forma que tais atividades humanas assumem ao longo de certos períodos históricos. Vico alega também observar a diferença fundamental que há entre hebreus e gentios: que os primeiros, desde os primórdios de sua história, estiveram sob a vigilância e a orientação do verdadeiro Deus. Já as nações pagãs atravessaram, com uma uniformidade constante, três tipos de direito, que correspondem às três épocas citadas pelos egípcios: *“o primeiro, divino, sob o*

*governo do Deus verdadeiro junto aos hebreus e de falsos deuses entre os gentios; o segundo, heróico, próprio dos herois, que estão entre os deuses e os homens; o terceiro, humano, de uma natureza humana totalmente desenvolvida e reconhecida como igual em todos os homens. Somente deste último direito podem aparecer entre as nações os filósofos, que são aqueles que, por meditarem sobre as máximas de um justo eterno, sabem como executá-lo.”*¹¹

A distinção feita por Vico em sua história ideal eterna entre judeus e gentios, ou seja, os demais povos, é um ponto bastante controverso. Maria Angela Espósito, que fez um estudo comparativo entre as narrativas viquianas e os escritos rabínicos da época medieval, explica que *“os hebreus se formaram como povo repassando suas memórias e contando suas histórias, com linguagens espontâneas que evoluíram no tempo. Vico deduz que todas as civilizações – que necessariamente vieram depois desse povo considerado o mais antigo – se formaram da mesma maneira, não por terem aprendido com os judeus, mas por ser esse o modo de aculturação da Humanidade.”*¹² Cabe-nos acrescentar que essa nova ciência é uma tentativa de estabelecer leis gerais válidas para todos os povos que estejam vivendo um determinado estágio histórico. Segundo Isaiah Berlin:

“A noção de que a história humana se movimenta em ciclos era uma ideia antiga e foi amplamente discutida na época de Vico. Platão, Aristóteles, Políbio e seus seguidores já tinham avançado hipóteses semelhantes, particularmente durante a Renascença. A novidade foi a noção de Vico do

¹¹ “E nel fine dell’anno 1725 diede fuori di Napoli, dalle stampe di Felice Mosca, un libro in dodicesimo di dodice foglie, non più, in carattere di testino, col titolo: **Principi di una Scienza Nuova d’intorno alla natura delle nazioni, per li quali si ritrovano altri principi del diritto naturale delle genti**, e con uno elogio l’indirizza alle università dell’Europa. In quest’opera egli (...) spiega una storia ideale eterna sull’idea della Provvidenza, dalla quale per tutta l’opera dimostra il diritto naturale delle genti ordinato; sulla quale storia eterna corrono in tempo tutte le storie particolari delle nazioni ne’ loro sorgimenti, progressi, stati, decadenze e fini. Sí che esso dagli egizi (...) prende e fa uso di due gran rottami di antichità: uno, che tutti i tempi scorzi loro dinanzi essi divisero in tre epoche, una dell’età degli dèi, l’altra dell’età degli eroi, la terza di quella degli uomini; l’altro che con questo stesso ordine e numero di parti in altrettanta distesa di secoli si parlarono inanzi ad essoloro tre lingue: una divina, muta, per geroglifici o sieno caratteri sagri; un’ altra simbolica o sia per metafore, qual è la favella eroica; la terza epistolica per parlari convenuti negli usi presenti della vita. (...) Con queste ed altre scoperte minori, fatte in gran numero, egli ragiona del diritto naturale delle genti, dimostrando a quali certi tempi e con quali determinate guise nacquero la prima volta i costumi che forniscono tutta l’iconomia di cotal diritto, che sono religioni, lingue, domini, commerci, ordini, imperi, leggi, armi, giudizi, pene, guerre, paci, alleanze, e da tali tempi e guise ne spiega l’eternità proprietà che approvano tale e non altra essere la loro natura o sia guisa e tempo di nascere; osservandovi sempre essenziali differenze tra gli ebrei e gentili: che quelli da principio sorsero e stieron fermi sopra pratiche di un giusto eterno, ma le pagani nazioni, conducendole assolutamente la Provedenza Divina, vi sieno ite variando con costante uniformità per tre spezie di diritti, corrispondenti alle tre epoche e lingue degli egizi: il primo, divino, sotto il governo del vero Dio appo gli ebrei e di falsi dèi tra’ gentili; il secondo, eroico, o propio degli eroi, posti in mezo agli dèi e gli uomini; il terzo umano, o della natura umana tutta spiegata e riconosciuta in tutti, dal quale ultimo diritto possono unicamente provenire nelle nazioni i filosofi, i quali sappiano compierlo per raziocini sopra le massime di un giusto eterno.” Giambattista Vico. Op cit, pp 79, 82, 84, 85

¹² Maria Angela Marini Espósito. **Giambattista Vico: sua proposta sobre o começo das civilizações e os comentários rabínicos sobre o dilúvio universal**, p 44

*que mais tarde veio a ser chamado fenomenologia do espírito humano. (...) Na concepção de Vico, o Homem não é distinguível do processo real do seu desenvolvimento, tanto físico como moral, intelectual, espiritual e, igualmente, social, político e artístico. Para ele, a natureza dos homens é inteligível apenas em termos das relações humanas com o mundo exterior e com outros homens, a interação com os quais, na realização dos objetivos que não podem deixar de desejar atingir (e que somente podem ser atingidos pela sociedade como um todo, e não pelos indivíduos isoladamente) constitui a história da Humanidade.*¹³

O que Vico propõe é uma evolução, não no sentido biológico de Darwin, mas em um senso sócio-cultural. O Homem se desenvolve ao criar novas formas de relacionamento com os outros homens, com a Natureza e com Deus. Só assim é possível a passagem de uma fase a outra da história ideal eterna. Para Maria Angela Espósito:

*“Vico acredita que desde a gênese da Humanidade exista um padrão, derivado de um fenômeno que engloba a Religião, a Linguagem e as leis, do qual não escapam Adão e o homem-besta pós-diluviano, pois ambos apresentam um esquema mental que os conduz a um relacionamento com a Divindade. Tanto o homem-adâmico como o homem-besta teriam passado por uma fase que Vico chama de “divina”, na qual a origem de uma civilização vincula-se à criação de mitos e deuses; a fase seguinte desenvolve a anterior, enriquecendo-a de conceitos morais; por fim o Homem – na sua plena humanidade – explora suas capacidades e vive um momento mais elaborado.*¹⁴

Todas as civilizações humanas devem seguir um curso histórico que se divide em: surgimento, progresso, estabilidade, decadência e fim. Depois do que todas caem no recurso histórico, ou seja, começam tudo do princípio. Como Vico propõe embasar seu esquema em fatos reais, ele apresenta como primeiro curso a era que se estende da expulsão de Adão e Eva do Paraíso até o Dilúvio. É contado no capítulo VI do **Primeiro Livro de Moisés, chamado Gênesis**, que Deus arrependeu-se de ter criado o Homem, que se tornara uma criatura má e corrupta. Havia, porém, entre todos os que habitavam a Terra naqueles tempos em que Deus governava, um homem que nunca desobedecera as leis divinas: Noé. Deus decide que este homem justo sobreviva, então, à extinção da Humanidade pelas águas: o Dilúvio. Ordena Ele que Noé construa uma arca na qual deve colocar toda a sua família, assim como um casal de cada espécie animal viva da Terra. Narra Moisés em seu livro (Gen 7:12) que foram quarenta dias e quarenta noites de chuva que passou Noé, junto aos seus, dentro da arca. Passado esse período as tempestades cessaram e as águas começaram a baixar. Depois de baixarem as águas, Deus disse a Noé que ele e seus descendentes deveriam

¹³ Isaiah Berlin, Op cit, pp 68-69

¹⁴ Maria Angela Marini Espósito. Op cit, p 21

repovoar a Terra (Gen 8:17). Segundo Vico, começa então o curso. É quando os homens se espalham e formam diferentes povos, sem Deus e sem leis, os homens-bestas a que se referem tanto Maria Angela Espósito quanto Enzo Paci.

Para Antonio José Pereira Fº, *“ao descrever o curso das três épocas que identifica na História, Vico apresenta uma trajetória de sucessivas rupturas, que incluem novas relações econômicas e alterações de costumes sociais básicos, como é o caso da Religião e do Matrimônio, até atingir o estabelecimento da equidade jurídica e a ideia de Humanidade.”*¹⁵ O que podemos dizer é que todos os povos surgidos após o Dilúvio, segundo Vico, atravessaram três idades, as quais ele nomeia de acordo com suas características principais: a idade dos deuses, a idade dos heróis e a idade dos homens.

A cada uma dessas idades corresponde uma natureza humana diversa, ou seja, diferentes características humanas. A primeira natureza é *“poética”*, *“criativa”* ou *“divina”*, por que a imaginação, exercendo um papel predominante, cria uma visão religiosa do mundo que afeta todas as instituições sociais. Os homens vivem sob o domínio dos sacerdotes e de suas interpretações da vontade dos deuses. A segunda fase é *“heróica”*, por que reconhece e honra a Força, o Valor e o Heroísmo, fazendo destes princípios as bases dos estatutos sociais, econômicos, legais e políticos. É a era da fundação das cidades, das conquistas marítimas e das guerras heróicas, como a Guerra de Tróia. A terceira natureza é *“humana”*, por que os homens já possuem a capacidade de raciocinar sobre as coisas e compreender sua verdadeira natureza. Surgem então os legisladores tais como Moisés, Zoroastro e Hermes Trimegisto. De acordo com Leon Pompa, *“correspondendo a esta sequência de três naturezas há uma sequência de três eras, também chamadas poética, heróica e humana. Cada uma destas representa um sistema de instituições que devem se desenvolver como consequência da natureza humana que cada uma delas alcança.”*¹⁶ Diríamos que conforme o Homem vai aprimorando sua natureza, ele transforma as instituições sociais e passa de uma idade a outra, adquirindo outras características e formas de relacionamento com o mundo que o cerca. Segundo Guido de Ruggiero,

“Vico fala de três espécies de natureza: a primeira, poética, ou criativa, que deu aos corpos a substância animada dos deuses; a segunda, heróica, provinda daqueles heróis que se acreditavam descendentes dos deuses; a terceira, humana, ou seja, inteligente, benigna, sensata. Três espécies de direito natural: o primeiro, divino, que faz com que tudo dependa da Divindade; o segundo, heróico, ou seja, aquele da Força, mas já influenciado pela Religião, que é a única que pode domesticar a Força; o terceiro, humano,

¹⁵ Antonio José Pereira Fº, Op cit, p 136

¹⁶ Leon Pompa. Op cit, pp 120-121

*ditado pela razão esclarecida. Três espécies de governo: divinos ou teocráticos, heróicos ou aristocráticos, humanos (...). Três espécies de línguas: (...). E desta maneira, Vico acrescenta três espécies de jurisprudência, três espécies de autoridade, três espécies de juízo.*¹⁷

Claro que colocar toda a história da Humanidade em três ciclos e achar nos relatos de antigos historiadores evidências deste processo não é uma tarefa simples. Vico faz uma leitura bastante pessoal de vários autores e tenta montar, para diversas civilizações (hebraica, egípcia, grega e romana), um curso e um re-curso históricos. Para Michael Mooney, *“achar ciclos na História, por mais bizarro que possa parecer hoje em dia, foi decisivo para o surgimento da Modernidade por que, se por um lado isto implicava a possibilidade de uma cultura vir a declinar, por outro ensinava que uma cultura em decadência ainda poderia recobrar suas forças e ressurgir novamente. E ensinava também que nenhuma cultura, qualquer que fosse sua condição, precisava temer a comparação, que certamente a diminuiria, com um passado distante e glorioso.”*¹⁸ Vico não foi um pregador do Apocalipse. Para ele, por mais que uma nação se corrompesse e decaísse ela não se consumiria nas chamas do Inferno, mas recomeçaria sua trajetória.

Muito já se falou sobre o esquema triádico de Vico, mas a originalidade do texto da **Scienza Nuova** repousa, em grande parte, na construção plausível das três idades. A maneira como é descrito o caráter dos homens, a narrativa dos feitos de cada era e a reconstrução do ambiente histórico na idade dos deuses, na idade dos heróis e na idade dos homens coloca a prosa viquiana entre as grandes obras da literatura italiana.

Dentro da visão católica de Vico, o curso e o re-curso históricos existem, como explicou Enzo Paci, por que *“a alma que vem de Deus tende a retornar a Deus. O corpo, que para Vico, nasce de Adão e depois é corrompido, tende a retornar ao Adão verdadeiro, ao Adão não corrompido: este é o círculo divino e humano, esta é a história ideal eterna.”*¹⁹ Precisamente como é esta história nós veremos no próximo capítulo.

¹⁷ Guido de Ruggiero. **Storia della Filosofia, parte quarta. La Filosofia Moderna, vol 3. Da Vico a Kant**, pp 75-76 (nossa tradução)

¹⁸ Michael Mooney. **Vico e la tradizione della Retorica**, pp 135-136 (nossa tradução)

¹⁹ Enzo Paci. Op cit, p 136

CAPÍTULO IV – A HISTÓRIA IDEAL ETERNA

IV.1 Giambattista Vico por Benedetto Croce

Durante boa parte do século XX o nome de Giambattista Vico esteve associado ao de Benedetto Croce (1866-1952).

Na Itália, Croce foi o membro mais destacado de uma geração que criticou o Positivismo e cultuou um Idealismo de matriz estética. Foi justamente essa mudança que pôs em relevo um historicismo absoluto, que possibilitou a revivescência da obra de Vico.

Croce foi autor de uma vasta obra. Dentre seus trabalhos no campo da História e da Crítica destacam-se **La storia ridotta sotto il concetto generale dell'arte** (1893), **La critica letteraria** (1894), **La rivoluzione napoletana di 1799** (1912), **I teatri di Napoli dal Rinascimento alla fine del secolo XVIII** (1916), **Storie e leggende napoletane** (1918), **Aneddoti e profili settecenteschi** (1911), **Curiosità storiche** (1919), **La Spagna nella vita italiana durante la Rinascenza** (1914).

Croce ocupou-se de Vico por quase toda a vida. Dentre seus escritos relacionados ao filósofo napolitano poderíamos citar **Giambattista Vico primo scopritore della scienza estetica** (1901), **A proposito dell'estetica di G. B. Vico** (1902), **Bibliografia vichiana** (1904), **La filosofia di Giambattista Vico** (1911), **Le fonti della gnoseologia vichiana** (1912), **La dottrina del riso e dell'ironia in Giambattista Vico** (1912), **Il Vico e la critica omerica** (1913), **Francesco Bianchini e il Vico** (1917), **Giambattista Vico e la congiura di Macchia** (1921), **La "Vita di Antonio Carafa" scritta da Giambattista Vico** (1923), **Il "Giudizio su Dante" del Vico e il commento del Venturi** (1927), **Il Vico e l'ortodossia** (1936), **Il Vico e Roma** (1937), **Di una lettera del Vico intorno alle maschere degli antichi** (1938) **Chastellux e Vico** (1939), **Una dedicatoria e una prefazione di Giambattista Vico** (1940), **Giambattista Vico: "De ira"** (1942), **La "provvidenza" e l'"astuzia" della ragione** (1944), **Immaginare e intendere** (1945), **Il concetto moderno della storia** (1947), **A proposito della filosofia italiana del Settecento** (1947), **Universalità e individualità nella storia** (1949), **Um'avvertenza circa il carattere di una storia della filologia** (1949), **La conversione del vero col fatto** (1950) **Stato odierno degli studi sul Vico** (1950) **Noterelle vichiane** (1950), **Il Vico e Lucantonio Porzio** (1951), **Il riposo prima della morte** (1952) e **Vico ed Hegel e la conversione del male morale col bene civile** (1952).

A qualquer pesquisador que desejasse desenvolver um trabalho detalhando a relação entre Giambattista Vico e Benedetto Croce não faltaria material para estudo. Em nosso caso, por não dispormos do tempo necessário para tal empreendimento e muito menos do conhecimento específico para a realização de uma análise em profundidade dos filósofos citados, contentar-nos-emos em fazer um comentário da obra mais famosa de Croce sobre Vico: **La filosofia di Giambattista Vico**, de 1911, por nós consultada em sua quarta edição revista (**quarta edizione riveduta**), Gius. Laterza & Figli, Bari, 1947.

Croce divide a teoria do conhecimento elaborada por Vico em duas partes: na primeira há uma crítica severa ao cartesianismo e à matematização da cultura, que relegam a um plano inferior toda a produção intelectual que não se submeta às precisas aferições proporcionadas pela Matemática, ou seja, a Poesia, a Literatura e a História.

A segunda parte da teoria viquiana do conhecimento desenvolve a ideia de que o Homem só pode conhecer aquilo que o Homem cria. Há portanto a valorização não apenas da Literatura e da História, mas também da Linguagem e da Política. Tudo isso enfeixado no conceito de Filologia, que passa a ter, juntamente com a Filosofia, o **status** de ciência.

Ao analisar a estrutura interna da **Scienza Nuova**, Croce distingue três formas de pesquisa: filosófica, histórica e empírica. Juntas elas constituem uma filosofia do espírito, um grupo de histórias e uma ciência social.

A filosofia do espírito compreenderia a fantasia, o fantástico, o intelecto, o lógico, os mitos, as religiões, os juízos morais, a força, o direito, o certo e o verdadeiro, as paixões, a providência e tudo mais que fizesse parte do espírito humano.

Com relação à História, que é o nosso campo de pesquisa, Croce identifica na obra de Vico o esboço de uma história universal das raças primitivas depois do Dilúvio e da origem de várias civilizações. Esse relato incluiria os primórdios da civilização grega, a especialmente os da civilização romana, que são analisados sob os aspectos da Religião, do Direito da Linguagem, dos costumes e da constituição política. No **ricorso**, a vida medieval é também analisada sob múltiplos aspectos e depois comparada com as sociedades primitivas.

Quando Vico busca a origem das nações na Poesia, ele demonstra que os povos primeiramente veem o mundo que os cerca com medo e perplexidade e por isso se expressam através de metáforas. Em consequência, quanto mais rudes e brutos forem os homens, maior será a sua capacidade de invenção poética. A Poesia surge da Indigência e não da Lógica e da Teologia.

O pensamento de matriz cartesiana buscava formas abstratas e universalizantes, daí seu repúdio à História. Vico, para opor-se ao Cartesianismo, mergulha

no passado das nações para explicar o surgimento dos conceitos filosóficos, e ao fazê-lo não se apóia em nenhuma escola antiga ou tradicional de pensamento, mas cria audaciosamente as bases de algo novo, inédito. Segundo Croce, é das ideias, intuições e sugestões do filósofo napolitano que nasceu a disciplina posteriormente denominada Estética por Alexander Baumgarten (1714 – 1762).

O tempo de Vico herdara grandes compilações mitológicas dos séculos XVI e XVII. As fábulas eram interpretadas pelos eruditos de três maneiras: a) como alegorias de verdades filosóficas; b) como histórias verídicas de personagens e acontecimentos pretéritos; c) como invenção de poetas e filósofos da Antiguidade. Vico se opõe resolutamente aos itens A e C. Muito embora não delimite a fronteira entre Mito e Poesia, nosso autor considera as fábulas verdades históricas.

Ao contrário de muitos eruditos coevos, que liam a Mitologia com desdém e superficialidade, Vico não achava que as fábulas fossem alterações de fatos reais nem se referissem a indivíduos reais, cujas façanhas teriam sido deformadas pela ignorância do homem comum. Elas eram, na sua visão, a maneira pela qual as mentes primitivas narraram a sua história.

A relação entre História e Poesia não fica muito clara para Vico. Às vezes, como nota Croce, ele parece afirmar que a História antecede a Poesia, por que esta pressupõe uma imitação do real que seria primeiramente fornecida por aquela; por outro lado, Vico também afirma que para os povos primitivos a sua história é a sua poesia e por isso os primeiros poetas foram os primeiros historiadores.

O que Vico extrai dos relatos mitológicos é que os homens primitivos erravam pela Terra solitários, selvagens, ferozes, sem uma língua articulada e sem habitação fixa. Esses homens viviam dominados por instintos violentos. Quem detê-los-ia? Quem impediria que eles se destruíssem mutuamente? Deus vivia junto aos judeus, o povo eleito. O que seria dos outros homens?

Todo ser humano possui dentro de si uma centelha divina, ali deixada pelo Criador da Humanidade. Então, de repente, troveja e caem raios. Os homens ficam aterrorizados e nasce neles uma percepção confusa de algo que lhes é superior, a primeira consciência da Divindade. E então eles imaginam um ser poderoso – Júpiter, senhor dos raios, soberano do Céu e da Terra.

Esse ser todo-poderoso, esse deus desconhecido, os homens desejam invocar em seu auxílio. Mas para que isso seja possível é preciso dedicar a vida a esse intento:

humilhar-se perante a Divindade, refrear o orgulho e a arrogância, abster-se de certas práticas e cumprir alguns rituais.

Do desejo de aproximar-se da Divindade vem a força para domar os instintos e para ter um domínio maior de si mesmo. É aí que Croce identifica, no pensamento de Vico, o nascimento da Moral: o temor a Deus é o alicerce da vida humana. Das cavernas nos montes onde ajuntavam-se animais e homens surgem os primeiros ritos nupciais, origem das primeiras famílias; a terra se abre e recebe os primeiros corpos dos crentes. Nasce assim as três instituições éticas formadoras de todos os povos: o culto religioso, os matrimônios e as sepulturas.

Podemos detectar dentro da concepção histórica viquiana uma passagem da condição humana do estado primevo de selvageria e crueldade para o estado heróico ou bárbaro e deste para o estado de civilidade. Daí resulta que todas as manifestações da vida humana correspondem a esses três tipos sociais: três espécies de natureza; três espécies de costumes; três espécies de leis, e portanto, de repúblicas; três espécies de línguas e de escritas; três espécies de autoridade, de razão, de juízos; três espécies de tempos. Croce considera que Vico é confuso e muitas vezes contraditório em determinar os detalhes das várias correspondências entre as três idades, mas no geral o seu pensamento é claro: onde é insuficiente a reflexão e robusta a fantasia, também são vigorosas as paixões, violentos os costumes, aristocráticas (ou feudais) as nações, rígidas as leis, os procedimentos jurídicos são simbólicos, a linguagem é metafórica e a escrita hieroglífica. Já onde domina a reflexão a Poesia desaparece, os costumes suavizam-se, as paixões são refreadas, os povos assumem o governo, os membros das famílias são cidadãos, as leis tornam-se igualitárias, os procedimentos jurídicos são simplificados, as metáforas são suprimidas da linguagem e a escrita torna-se alfabética.

Nesse ponto, Croce considera que, segundo Vico, a única realidade verdadeira no desenvolvimento das nações é o seu curso histórico, que por sua vez é governado pela Providência Divina. Assim sendo, poderíamos definir a nova disciplina proposta pelo filósofo de Nápoles como uma teologia civil elaborada de acordo com as leis eternas de Deus. Os filósofos anteriores ou coevos a Vico pensaram a intervenção divina somente em relação aos fenômenos da Natureza, não em relação à História.

As leis que determinam os ciclos históricos haviam sido estabelecidas por pensadores e políticos gregos, como Platão (427 a.c.? – 348 a.c.?) e Políbios (200 a.c.? – 120 a.c.), e italianos do Renascimento, como Maquiavel (1469 – 1527) e Campanella (1568 – 1639). Croce comenta que esses autores basearam suas ideias em observações de fatos

políticos e em alguns raciocínios imprecisos. Já Vico procurou refletir sobre as formas de cultura, ou seja, as atitudes humanas para com a Vida, a Economia e o Direito, a Religião e a Arte, a Ciência e a Linguagem.

Na sequência, Vico estabelece uma cadeia de comportamentos: os homens a princípio sentem o que é necessário; depois se preocupam com aquilo que é útil; dão-se, a seguir, conta do que é cômodo; mais adiante deliciam-se com os prazeres; dissolvem-se do luxo e terminam consumidos pelo desejo de tudo possuir e dilapidar. Para que se cumpra esse curso histórico, primeiramente são necessários homens enormes e desajeitados como o ciclope Polifemo, pois são esses que obedecerão aos chefes de família e posteriormente às leis das antigas cidades. Aparecerão então os magnânimos e orgulhosos como Aquiles, que não se submeterão aos outros e formarão as repúblicas aristocráticas. Nessas surgirão os justos e valorosos como Aristides e Cipião, o Africano, que abrirão o caminho para a soberania popular. Mais a frente será a vez daqueles personagens virtuosos que ostentam também grandes vícios, e que sabem usar os povos para construir sua glória pessoal, como Alexandre e César. Uma vez introduzido o governo monárquico, ou seja, o de um homem só, aparecerão os reflexivos e tristes, como Tibério, que são necessários à sua consolidação. A esses se seguirão os dissolutos, cruéis e impiedosos como Calígula, Nero e Domiciano, que a tudo destruirão. Croce nota, com propriedade, que Vico usa os caracteres individuais, assim como os acontecimentos históricos, apenas como casos específicos de aspectos do espírito humano ou como ilustração de uma fase do processo civilizatório: César não é apresentado como César, mas sim como produto de uma determinada fase do curso histórico. Essa é a grande diferença entre a história contada por Vico e a história contada antes de Vico.

A concepção viquiana do Conhecimento traça uma linha divisória profunda entre o mundo humano e o mundo material: o primeiro é passível de ser analisado pelo Homem, já que feito pelo próprio Homem; o segundo é impossível de ser compreendido pelo Homem em toda a sua abrangência, uma vez que é obra de Deus. Também a concepção viquiana da História divide em lados opostos a história sacra e a história profana. Os hebreus não estiveram sujeitos ao curso e ao re-curso históricos por que sofreram a ação direta de Deus desde o princípio dos tempos. Segundo Croce, esta é a parte mais infeliz e ao mesmo tempo mais significativa da obra de Vico. O filósofo foi obrigado a admitir, contra todas as suas descobertas, que os hebreus gozaram do privilégio de conservar intactas as suas memórias na Bíblia, desde a criação do mundo. A obrigação de conectar seus conceitos sobre as civilizações primitivas com a cronologia bíblica, levou Vico, no dizer de Croce, a imaginar as coisas mais extravagantes.

Essas extravagâncias incluem a parte dos gigantes pós-diluvianos, as emanções úmidas as florestas durante duzentos anos, o caráter bestial das mulheres e a nutrição das crianças. Ao lado dessa fantasiosa história da origem das nações corre uma tentativa de apologia da Bíblia: tentam-se paralelos entre a história hebraica e aquela dos outros povos como os gregos e seu dilúvio, e o governo supostamente teocrático dos caldeus. Tudo isso seria, na visão de Croce, a expressão do conflito entre o pensador e o crente, já que Vico nunca abandonou o Catolicismo.

A historiografia ao tempo de Vico, nos esclarece Croce, não era mais aquela das “crônicas do mundo”, que aceitavam fábulas e falsificações grosseiras como verdades históricas. Ao longo do século XVII, historiadores, epigrafistas, arqueólogos, topógrafos e geólogos haviam ordenado de forma crítica as fontes para o estudo da Antiguidade.

A atitude de nosso autor com relação a essa “ordenação crítica” era, em primeiro lugar, de desconfiança para com as visões de magnificência das antigas civilizações, a chamada “era de ouro” da Humanidade. Essa seria, para Vico, uma ilusão ingênua difundida pela Renascença. Ele também repreendia os historiadores que não se davam conta da “vaidade das nações” (**boria delle nazioni**), ou seja, todos os povos antigos (gregos, caldeus, citas, egípcios, chineses) reclamavam para si a glória das grandes descobertas humanas. Ao lado dessa “vaidade das nações” Vico colocava a “vaidade dos sábios” (**boria dei dotti**), que alegavam ser as coisas por eles conhecidas tão antigas quanto o mundo e dessa forma apresentavam-nas como verdades absolutas, à prova do desgaste dos tempos. Tudo isso somado tornava muito difícil a formação de uma visão acurada da Antiguidade.

No método proposto pelo filósofo napolitano, a primeira ferramenta a ser utilizada para revelar o passado das nações é a Linguagem, ou melhor, a Etimologia. Dessa forma, as palavras são consideradas testemunhos dos antigos costumes dos povos. Assim Vico constrói uma etimologia comum a todas as línguas antigas, composta por vocábulos monossilábicos e em grande parte onomatopaicos; com as invasões e deslocamentos coletivos essas palavras originais foram se misturando umas com as outras. Existe também, para Vico, um “dicionário mental” pertencente a todas as nações que junta as ideias uniformes dos diferentes povos em relação às necessidades habituais dos homens.

A segunda fonte viquiana para a investigação da Antiguidade é a interpretação dos mitos e das fábulas. Dentro da doutrina exposta na **Scienza Nuova**, esses não eram mais considerados alegorias, invenções ou embustes, mas expressões da erudição dos povos primitivos.

Ao lado da Etimologia e da Mitologia, Vico coloca os “grandes estilhaços da Antiguidade” (**grandi frantumi dell’antichità**), quais sejam, as memórias conservadas pelos poetas e pelos historiadores: Homero, Virgílio, Varrão, Tácito, Estrabão e outros. Nas obras desses escritores antigos, ou ainda, nos fragmentos que deles nos chegaram, há passagens esclarecedoras (**luoghi d’oro**) que, postas em evidência, servem para jogar luz nas obscuridades do Passado. É desnecessário argumentar que não existia na historiografia anterior ou coeva a nosso autor qualquer coisa similar a esse método de análise da origem dos povos. Ele é absolutamente inovador.

E o que esse método revela? Revela que reis filósofos, que abrigavam em suas cortes eruditos e poetas; guerreiros leais que sacrificavam-se pelo bem de seus povos; homens de Estado que corriam o mundo para instruir-se sobre a melhor forma de governar seus pacientes e bondosos súditos; bons pais de família; mães extremosas; jovens ousados e obedientes; donzelas apaixonadas e castas que personificavam qualquer virtude, modelos de perfeição humana e todas as outras narrativas do mesmo teor que enchiam os livros de história antiga não passavam de fantasias. Croce concorda que muitas das interpretações míticas, etimológicas, cronológicas, fonéticas e estilísticas propostas por Vico na **Scienza Nuova** são passíveis de contestação. Porém, o esforço de reviver, através de um conjunto de memórias e de monumentos (muitos dos quais fragmentários) uma forma de sociedade e de humanidade sepultada pelos séculos, pelos preconceitos e pelos paradigmas convencionais da historiografia coeva redimem Vico de qualquer extravagância que ele tenha, por ventura, perpetrado.

O método viquiano de investigação histórica permitiu uma nova abordagem, desenvolvida no terceiro livro da **Scienza Nuova**, da obra de Homero. Após analisar a **Ilíada** e a **Odisseia**, Vico chega a conclusão que os costumes, os caracteres e os cenários descritos nos dois poemas pertencem a épocas diferentes e portanto eles não poderiam ter sido escritos pela mesma pessoa.

Homero não seria um personagem histórico, mas a fusão da obra de vários poetas anônimos dos tempos obscuros da Grécia, que teriam narrado os feitos dos guerreiros das diversas nações que formaram o povo grego através dos séculos. Fica desse modo explicado, segundo Vico, por que não se pode precisar a data e o local de nascimento do poeta, assim como as incoerências com relação aos locais onde se desenrolam as narrativas e a grande variedade de palavras usadas nos dois poemas. Homero foi descrito como um mendigo cego por que a maioria dos rapsodos frequentadores de cortes e feiras o eram.

Na opinião de Croce, muito embora a análise de Vico seja inexata em alguns pontos e no geral exagerada e unilateral, quando vista na sua totalidade ela representa um imenso progresso e abre novos caminhos para a crítica literária. Vico elogiou a memória prodigiosa, a fantasia robusta e a imaginação sublime de Homero, que a crítica do Classicismo havia negligenciado em favor de sua exaltação do caráter nobre e ativo de seus personagens.

Vico procurou ilustrar o curso que fazem as nações através do desenvolvimento de Roma. Os acontecimentos históricos desde Rômulo, passando pelos reis, a constituição de uma república aristocrática e seus confrontos com a plebe, até a instituição do regime monárquico por Júlio César e Augusto são vistos como expressão da idade dos deuses, da idade dos heróis e da idade dos homens. Para Croce, ao contrário do que se fazia no seu tempo, ou seja, trocar as fábulas sobre os romanos por fatos historicamente consubstanciados, Vico procurou entender o fundamental das instituições político-sociais da antiga Roma e de que maneira essas instituições foram se transformando ao longo dos séculos.

Após a queda do Império Romano, viquianamente a Europa entra no recurso histórico. O que nosso autor chama de “barbárie retornada” (**la barbarie ritornata**) é o que chamamos de Idade Média. Croce atenta para dois fatos: Vico não apresenta outro exemplo de re-curso que o período medieval europeu e muitos dos paralelos traçados entre a sociedade medieval e as sociedades primitivas da Grécia e de Roma estão baseados em exemplos e documentações falaciosos e imaginários.

Hoje em dia é consensual a opinião que Vico posicionou-se contra a cultura de seu tempo. Croce identifica, a esse respeito, duas diretrizes na **Scienza Nuova**: a primeira seria uma filosofia do espírito humano e a segunda uma ciência generalizante.

A filosofia do espírito reivindicava os direitos da Fantasia, do universo fantástico das fábulas, do Provável, do Certo, da Experiência, da Autoridade, e portanto dava relevância à Poesia, à Religião, à História, à Erudição e a tudo aquilo que o Homem havia criado através dos séculos.

A ciência generalizante expunha um esquema do desenvolvimento natural do espírito humano, seja na história das nações, seja na vida dos indivíduos, ambas cotejadas com as três fases da História indicadas por Vico: a idade dos deuses, a idade dos heróis e a idade dos homens.

Esses dois campos opunham-se ao sistema analítico algébrico-matemático aplicado à cultura pelos cartesianos. A crítica viquiana, segundo Croce, advertia para a aridez

intelectual produzida pelo Cartesianismo, que havia tornado impossível o entendimento dos processos de funcionamento do pensamento humano e, além disso, mutilado e falsificado as verdades da História.

Pelo que foi acima exposto não é difícil compreender por que Vico, em vida, foi considerado um pensador extravagante e solidário. O Classicismo, em sua rigidez estético-filosófica, não o compreendeu. Seria preciso esperar pelas transformações sócio-políticas operadas pela Revolução Francesa e pelo advento do Romantismo para que suas ideias frutificassem. Croce lembra que o século XIX também desconfiou dos antigos historiadores e reconheceu a superioridade dos documentos e dos monumentos em relação às narrativas históricas. No Oitocentos, a Linguagem foi resgatada como testemunha dos tempos primitivos, produziu-se uma interpretação sociológica dos mitos, ficou estabelecido que não se poderia interpretar a psicologia dos antigos usando a psicologia moderna e houve uma reafirmação do caráter arcaico das civilizações grega e romana, assim como da índole aristocrática e feudal de suas constituições políticas.

Essas são algumas das transformações na historiografia européia creditadas por Croce à influência das ideias viquianas. Por isso, o posto de grande figura do pensamento europeu que fora negado a Vico pelos coevos, foi-lhe concedido, com todas as honras, pela posteridade.

IV.2 Uma reconstrução histórica viquiana

Ao longo da **Scienza Nuova**, Vico discorre sobre o processo evolutivo dos povos. Já que todas as nações foram criadas pela Providência Divina, todas elas devem possuir uma história similar. Ele acredita que as atividades do espírito humano podem ser descritas em uma “história ideal eterna”, pela qual todos os povos passaram, passam e passarão.

Vimos no capítulo anterior que dentro da história ideal eterna, pela qual passam todos os povos ao correr dos tempos, há um curso e um re-curso. Nossa proposta aqui é fazermos um pequeno relato da história das nações à maneira de Vico. Tentaremos, à moda de nosso autor, traçar alguns paralelos entre diversas épocas.

O Brasil é nominalmente citado no parágrafo 334 da **Scienza Nuova**. Ali Vico fala dos índios que viviam no território da América portuguesa como um exemplo de povos ainda habitando em florestas, como os gigantes pós-diluvianos. Assim sendo, não nos furtaremos de incluir o Brasil em alguns de nossos paralelos.

Maquiavel, no prefácio aos seus comentários sobre Tito Lívio, diz que aqueles que se dedicam a ler a História “*ficam limitados à satisfação de ver desfilar os acontecimentos sob os olhos sem procurar imitá-los, julgando tal imitação mais do que difícil, impossível. Como se o sol, os homens e os elementos não fossem os mesmos de outrora (...).*” Esta era a visão renascentista, herdada pelo Classicismo: a natureza humana não muda, por isso é possível ao Homem aprender com o Passado. Maquiavel revela que achou “*necessário redigir, a propósito de cada um dos livros de Tito Lívio que resistiram à injúria do tempo, uma comparação entre fatos antigos e contemporâneos, de modo a facilitar-lhes a compreensão. Deste modo, meus leitores poderão tirar daqueles livros toda a utilidade que se deve buscar no estudo histórico.*”¹ Como os homens são sempre iguais, os erros e acertos do Passado, desde que vividas as mesmas circunstâncias, tendem a se repetir. Para Maquiavel, os antigos romanos e os florentinos renascentistas não eram diferentes na maneira de agir, o que permitiria aos segundos aprenderem com os primeiros.

Vico não seguiu essa linha. Adotando uma antiga cronologia egípcia, ele dividiu a História em três fases: a idade dos deuses, a idade dos heróis e a idade dos homens. Para cada uma destas idades existiriam, segundo Vico, tipos diferentes de nações com leis, costumes e crenças próprias.

Por isso Vico achava que a Filosofia deveria unir-se à Filologia que é “*a doutrina de todas as coisas que dependem do arbítrio humano, tais como a história das línguas, dos costumes e dos fatos relacionados com as guerras e os tratados de paz entre os povos*”, para examinar melhor a “*infinita variedade dos efeitos*” que tal meditação produziria. Nosso autor resolve a questão propondo uma nova disciplina que, ao reduzir toda a história humana “*em forma de ciência descobre o plano de uma história ideal eterna, sobre a qual corre, através dos tempos a história de cada uma das nações*” que compuseram o mundo.²

Nosso autor acredita que existe um direito natural, formado por um conjunto de leis que seria comum a todos os povos. Assim, a condenação do incesto, do homicídio e do adultério; a sacralização da união dos casais; as cerimônias fúnebres de sepultamento seriam exemplos de práticas disseminadas por toda a Humanidade. Portanto, nas palavras de

¹ Maquiavel. **Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio**, p 18

² “(...) qui la Filosofia si pone ad esaminare la Filologia (o sia la dottrina di tutte le cose le quali dipendono dall’umano arbitrio, come sono tutte le storie delle lingue, de’ costumi e de’ fatti così della pace come della guerra de’ popoli), la quale, per la di lei deplorata oscurità delle cagioni e quasi infinita varietà degli effetti, ha ella avuto quasi un orrore di ragionare; e la riduce in forma di scienza, col scoprirci il disegno di una storia ideale eterna, sopra la quale corrono in tempo le storie di tutte le nazione (...)” Giambattista Vico. “*Principi di Scienza Nuova d’intorno alla comune natura delle nazione*, in questa terza impressione da medesimo autore in gran numero di luoghi corretta, schiarita, e notabilmente accresciuta” (1744) in **Opere**; §7, idea dell’opera (nossa tradução)

Vico, “*este será um dos trabalhos perpétuos que se fará nestes livros: que o direito natural dos gentios nasce junto aos povos de maneira privada, sem que um tome conhecimento do outro. Depois, por ocasião de guerras, embaixadas, alianças comerciais, se reconhece comum a todo o gênero humano.*”³ Nesse direito natural, afeito a todos os povos, encontraremos sempre três coisas: Religião, Matrimônio e Sepultamento. Essa trindade é a base sobre a qual se assenta a legislação de todas as nações.

Na concepção viquiana os judeus não estão sujeitos, como os povos gentios, ao curso e re-curso históricos. Isso se explica pelo fato de que seu príncipe, Moisés, recebeu diretamente do verdadeiro Deus as leis que regem seu povo. Assim sendo essas leis não precisaram passar pelas fases sucessivas de aperfeiçoamento que formaram o curso das nações gentias, pois eram perfeitas em sua origem.

Passemos então a examinar como foi o desenvolvimento dos povos gentios. De acordo com Vico, na história de todas as nações “*primeiro existiram as selvas, depois os campos cultivados e as palhoças; a seguir, as pequenas casas e as vilas; então as cidades, e finalmente as academias e os filósofos (esta é a ordem pela qual, desde sua origem, devem progredir as nações).*”⁴ Ou seja, existem etapas que devem ser superadas durante o processo histórico de uma nação.

A teoria dos ciclos da História remonta a Políbios, no século II A. C.. Para os seguidores dessa teoria, entre os quais Maquiavel, o Homem pode aprender valiosas lições estudando o Passado, porque a Humanidade vive fases que se repetem ao longo do Tempo. Desta forma as nações surgem, desenvolvem-se, conhecem seu apogeu, entram em declínio e desaparecem.

Assim os problemas que os romanos enfrentaram nas Guerras Púnicas, por exemplo, serão os mesmos de qualquer império emergente: aniquilar quem se opuser à sua expansão. Deste modo, podemos tirar importantes ensinamentos das atitudes dos antepassados desde que saibamos identificar a fase histórica que estamos vivendo.

Vico, embora sustente a teoria dos ciclos, acrescenta a ela um elemento fundamental: os homens são diferentes nas diferentes fases da História. Para ele, “*a natureza dos povos primeiramente é cruel, depois severa, tornando-se bondosa, transforma-se em*

³ “Questo sarà uno de’ perpetui lavori che si farà in questi libri: in dimostrare che ‘l diritto delle genti nacque privatamente appo i popoli senza sapere nulla gli uni degli altri; e che poi, con l’occasioni di guerre, ambasciarie, allianze, commerzi, si riconobbe comune a tutto il gener umano.” §146, degli elementi XIII

⁴ “(...) prima furono le selve, poi, i campi colti e i tuguri, apresso le picciole case e le vile, quindi le città, finalmente l’accademie e i filosofi (sopra il qual ordine devono dalle prime lor origine caminar i progressi) (...)” §22, idea dell’opera

delicada e ao final em dissoluta.”⁵ Por isso as nações se modificam, por que os homens se transformam.

Segundo Vico, o mais antigo dos historiadores foi Moisés, que relata no livro do Gênesis como Deus criou o mundo. Dessa forma, diz ele, *“o primeiro povo do mundo foi o hebreu, cujo príncipe foi Adão, o qual foi gerado pelo verdadeiro Deus com a criação do mundo. E daí deriva que a primeira ciência que se deve aprender é a Mitologia, ou seja, a interpretação das fábulas (porque, como se verá, todas as histórias dos povos gentios têm um princípio fabular). E que as fábulas foram os primeiros relatos históricos das nações gentílicas.”*⁶ Exemplo dessa afirmação são as cidades gregas, que diziam-se fundadas por um Deus ou um Herói. Entre os egípcios, os assírios e os caldeus também houve mitos fundadores. Deve-se, porém, notar que Vico acredita que tais mitos são, na verdade, uma forma de narrar a origem desses povos: eles são História e não Ficção.

Nosso autor diz ter observado em seus estudos *“que todas as nações, tanto bárbaras como humanas, apesar de separadas por imensos lapsos de lugar e tempo, e fundadas de forma diversa, mantêm estes três costumes humanos: todas possuem alguma religião, todas celebram matrimônios solenes e todas sepultam seus mortos. Mesmo entre as nações mais cruéis e selvagens celebram-se estas ações humanas com cerimoniais refinados e solenes: religiões, matrimônios e sepulturas.”*⁷ Baseando-se neste princípio triádico Vico desenvolverá sua concepção da História: todas as nações atravessam três idades distintas (deuses, heróis e homens) mantendo três características em comum (religiões, casamentos e funerais).

Dentro dessas instituições Vico identifica traços similares a que ele chama de *“verdades civis” (verità civili)*. Muito embora não desenvolva o conceito, ele diz que *“as primeiras fábulas deviam conter verdades civis, e por isso devem ter sido relatos históricos dos primeiros povos.”*⁸ Assim fica claro que as lendas não são mera invenção poética, mas

⁵ “La natura dei popoli prima è cruda, dipoi severa, quindi benigna, appresso delicata, finalmente dissoluta.” §242, degli elementi LXVIII

⁶ “(...) il primo popolo del mondo fu egli l'ebreo, di cui fu principe Adamo, il quale fu creato dal vero Dio con la creazione del mondo. E da ciò deriva che la prima scienza da doversi apparare sia la Mitologia, ovvero l'interpretazione delle favole (perché, come si vedrà, tutte le storie gentilesche hanno favolosi i principi), e che le favole furono le prime storie delle nazioni gentili.” §51, annotazioni alla tavola cronologica I

⁷ “Osserviamo tutte le nazioni così barbare come umane, quantunque, per immensi sparzi di luoghi e tempi tra loro lontane, divisamente fondate, custodire questi tre umani costumi: che tutte hanno qualche religione, tutte contraggono matrimoni solenni, tutte seppelliscono i loro morti; nè tra nazioni, quantunque selvage e crude, si celebrano azioni umane non più ricercate cerimonie e più consegrate solennità che religioni, matrimoni e sepolture.” §333, de' principi

⁸ “Le prime favole dovettero contenere verità civili, e perciò essere state le storie de' primi popoli.” §198, degli elementi XLIII

contam fatos que aconteceram no princípio dos tempos já que todas as histórias dos povos gentios “*possuem princípios fabulares*”.⁹

E quais seriam estes princípios? Vico responde que na História de todas as nações “*primeiramente correu a idade dos deuses, rei dos quais, junto a todos os povos, acreditou-se ser Júpiter; e depois a idade dos heróis, que tinham-se por filhos dos deuses, o maior dos quais acreditou-se ter sido Hércules.*”¹⁰ A ideia aqui contida é que tanto Júpiter quanto Hércules personificam elementos comuns ao estágio do curso histórico pelo qual todos os povos obrigatoriamente passaram.

E dentro desse curso histórico Vico identifica uma outra sequência, a que ele chama de “*ordem das coisas humanas*” (**l'ordine delle cose umane**). Dessa forma, “*primeiro foram as selvas, depois as palhoças, a seguir os vilarejos, então as cidades e finalmente as academias.*”¹¹ Na linguagem viquiana “*academias*” não são apenas os locais onde lecionavam os filósofos, mas por extensão os centros produtores de arte e cultura. Assim, a produção intelectual de um povo, dentro desta concepção, só aparece no último estágio de desenvolvimento das nações, quase como um prenúncio de sua decadência.

A primeira época histórica é aquela narrada no quinto capítulo do primeiro livro de Moisés: o Gênesis. Está ali descrita (Gen, V) toda a genealogia de Adão a Noé, que inclui dez patriarcas. Foi então que, após séculos de existência, “*viu Javé que grande era a maldade do Homem sobre a Terra e que no seu coração não formava, a todo instante, senão maus desejos.*” (Gen VI,5) Por isso, Deus resolveu exterminar toda a forma de vida que Ele havia criado (Gen VI,7). Mandou então Deus pesadas chuvas que inundaram a Terra e a tudo destruíram. Reconhecendo, porém, em Noé um homem justo decidiu poupá-lo. (Gen VI, 8 a 22).

É sobejamente conhecida a história da Arca de Noé (Gen VII e VIII). Quando baixaram as águas do Dilúvio (Gen IX), Deus estabeleceu uma nova ordem no mundo: mandou que os filhos de Noé (Cam, Sem e Jafé) povoassem de novo a Terra e comprometeu-se a jamais eliminar, novamente, qualquer criatura viva.

Toda a descendência de Cam, Sem e Jafé está descrita no capítulo X do Gênesis, onde ao final se lê: “*estas são as tribos que descendem dos filhos de Noé, segundo*

⁹ “Tutte le storie barbare hanno favolosi principi.” §202, degli elementi XLVI

¹⁰ “(...) appo tutte prima corse l'età degli dèi, re de' qualli appo tutte fu creduto essere Giove; e poscia l'età degli eroi, che si tenevano esser figliuoli degli dèi, il massimo de' qualli fu creduto essere Ercole.” §53, annotazioni alla tavola cronologica I

¹¹ “L'ordine delle cose umane procedette: che prima furono le selve, dopo i tuguri, quindi i villaggi, apresso le città, finalmente l'accademie.” §239, degli elementi LXV

suas diferentes linhagens e nações. Deles saíram os povos que se dispersaram pela Terra após o Dilúvio.” (Gen X,32)

É então que, para Vico, inicia-se o primeiro curso histórico. Esse curso termina com a queda do Império Romano. A partir daí, de acordo com o que está escrito no livro V da **Scienza Nuova**, começa um re-curso, que nós conhecemos pelo nome de Idade Média. Tentaremos fazer, a seguir, um resumo dessas duas épocas e de suas respectivas idades.

Depois do Dilúvio a Natureza foi recomposta. Surgiram então grandes florestas que cobriram a parte seca da Terra. Os homens que habitavam esse meio hostil viviam da caça e tiveram de desenvolver, por uma questão de sobrevivência, uma ossatura e uma musculatura gigantescas.

As crianças geradas nesse meio de homens bestiais e mulheres selvagens eram, em grande parte, frutos de estupros e incestos. Tão logo cresciam o suficiente para cuidarem de si eram abandonadas pelas mães, tal como as crias dos animais. A Natureza as nutria e robustecia, transformando-as em gigantes.

A existência de gigantes foi objeto das narrativas de Moisés (Gen VI, 4; Deut II, 10.20.21; Num XIII,33) e de Heródoto (Livro III,20). Também existem gigantes nas novelas do ciclo de aventuras dos cavaleiros do Rei Artur, assim como nos contos dos Irmãos Grimm, tais como **João e o Pé de Feijão**. Já as crianças abandonadas nas florestas remetem ao mito de Rômulo e Remo, amamentados por uma loba, e à história de Joãozinho e Maria.

Muitos desses gigantes viviam em cavernas nas encostas das montanhas protegidos de alguma eventual adversidade da Natureza. Era para o fundo dessas grutas que eles levavam as mulheres que por ventura conseguiam capturar.

Como naqueles tempos de enormes florestas e grandes rios e lagos as tempestades devessem ser frequentes e violentas, os trovões explodiam os céus e os raios iluminavam a escuridão. Segundo Vico, os espíritos débeis tendem a dar às coisas ao seu redor as suas próprias características, e por isso quanto mais incultos são os povos, mais imaginativas são as suas fábulas. Assim os gigantes viram no firmamento uma força indomada que acreditaram ser mais selvagem que as suas próprias, e a temeram. Do alto vinha uma autoridade capaz de impor sua vontade, e de destruí-los caso não se submetessem. A ela chamaram Júpiter, senhor dos raios e trovões, a quem atribuíram o comando dos deuses e a senhoria da Terra. Os vikings que assolaram a Europa na Alta Idade Média também tinham em Odin, senhor dos raios, a sua divindade máxima. Os índios que viviam no território brasileiro veneravam Tupã, deus dos raios e trovões.

Desse temor a Júpiter nasceu a Religião. E como os gigantes não mais quisessem viver de forma ímpia com as suas mulheres, resolveram pedir aos deuses que abençoassem as suas uniões carnavais e lhes protegessem os filhos. Desse desejo nasceu o Matrimônio. Vivendo os filhos com seus pais, que neles reconheciam sua descendência, surgiram as primeiras famílias. Morrendo seus genitores, não queriam os filhos que seus corpos se degradassem ao relento e nem que servissem de pasto às feras. Dos laços de sangue nasceu o Sepultamento.

É por isso que em todas as nações existiram sempre a Religião, o Matrimônio e o Sepultamento. Mas não eram todos os gigantes que se uniam às mulheres no interior das cavernas. Muitos continuavam a viver nas imensas florestas. Mas estes, *“ao fim de uma longa era – abatidos pela força dos próprios males, ocasionados pela sua infame comunhão com as coisas e as mulheres, o grande número de homens que estava disperso pelas planícies e vales – ímpios, que não temiam os deuses; (...) fracos, errantes e solitários (...) correram a proteger-se sob o abrigo dos pais de família; e estes, protegendo-os, ampliaram a autoridade familiar sobre estes novos servos.”*¹² Assim surgiu a primeira forma de autoridade, que foi o governo das famílias.

Se esta concepção parecer ao leitor um tanto quanto fantasiosa, pode-se chamar em sua defesa o historiador Affonso d’Escragnolle Taunay. Em seu livro **História da Cidade de São Paulo**, ao relatar como se organizaram as primeiras propriedades no entorno da atual capital paulista na segunda metade do século XVI, Taunay conta que

“uma vez ou outra se dava a agregação espontânea de algum grupo de índios cansados da vida incerta e precária da mata, para se acolherem à organização fazendária do potentado em arcos, rudimentar, mas muito mais providente do que a do nomadismo do silvícula.

*Tal o caso dos índios de André Fernandes que sua viúva alegou se haverem incorporado às glebas do marido só pelo bom tratamento que ele sabia dispensar ao gentio.*¹³

O relato de Taunay é quase uma cópia da maneira como Vico explica a criação das primeiras repúblicas. Os gigantes que se apropriavam de lotes de terra incorporavam às suas famílias os elementos dispersos pelas selvas. É por isso que *“de todo o primeiro mundo dos homens”*, ensina Vico, *“existiram dois gêneros: isto é, dos homens de corporatura justa,*

¹² “A capo di lunga età – cacciati dalla forza de’ propi mali, che loro cagionava l’infame comunione delle cose e delle donne, nella qual erano restati dispersi per le pianure e le valli in gran numero – uomini empi, che non temevano i dèi; (...) deboli, erranti e soli (...) corsero a riparsi negli asili de’ padri; e questi, ricevendogli in protezione, vennero con le clientele ad ampliare i regni famigliari sopra essi famoli.” §1099, sopra una eterna repubblica naturale

¹³ Affonso d’Escragnolle Taunay. **História da Cidade de São Paulo**, p 97

*que foram somente os hebreus, e outro dos gigantes, que foram os povos das nações gentílicas. E dos gigantes existiram duas espécies: uma dos filhos da Terra, ou seja, os nobres, que deram o nome à idade dos gigantes (...); e outra, a dos gigantes vassalos.”*¹⁴

A princípio os gigantes viviam em cavernas, protegidos dos animais e das intempéries. Com o aumento do número de habitantes eles precisaram de mais espaço e também de uma maior quantidade de alimentos. Eles então abandonaram suas cavernas e desceram para a planície. Os gigantes estabeleceram-se perto dos rios, onde encontraram água para os seus rebanhos. Desta forma vivia Polifemo, o gigante homérico. Pouco a pouco, eles domaram o ambiente hostil e passaram a arar os campos. Após algumas gerações, não tendo mais que enfrentar selvas e feras, adquiriram uma estatura corpórea normal.

E assim surgiram os povos. Segundo Vico, os mais antigos, pela ordem, são os hebreus, os caldeus, os citas, os fenícios e os egípcios. Para ele, *“os hebreus foram o primeiro povo do nosso mundo e conservaram as suas memórias, de maneira fiel, na história sagrada desde o princípio do mundo.”*¹⁵ Entendemos assim que nosso autor acredita que o **Livro do Gênesis** é uma narrativa histórica.

As origens dos demais povos são objeto de relatos que consideramos mitológicos. Por exemplo, Heleno, filho de Deucalião e neto de Prometeu, foi o ancestral das famílias que primeiramente habitaram a Grécia. Os egípcios tiveram como primeiro governante Mercúrio Trimegisto, responsável pela introdução da agricultura às margens do Rio Nilo. Zoroastro deu as primeiras leis aos assírios.

O ex-presidente Washington Luís em seu livro **Na Capitania de São Vicente** faz um estudo da formação histórica dos paulistas. Nesta obra também ele comenta que *“todos os povos têm as suas origens enevoadas e obscuras. Essa obscuridade engendra fábulas que os pósteros acreditam, cria lendas formosas que arrastam, sustentam, fazem viver e triunfar as nações. São elas inevitáveis e sempre existiram, desde que os deuses desceram do Olimpo para coabitar com as gregas e desde que a loba amamentou Rômulo e Remo.”*¹⁶ O princípio lendário que Vico enxerga nos povos da Antiguidade, Washington Luís também encontra nas histórias dos primeiros moradores das terras paulistas.

¹⁴ “(...) di tutto il prim mondo degli uomini si devono fare due generi: cioè d’uomini di giusta corporatura, che furono i soli ebrei, e l’altro di giganti, che furono gli autori delle nazioni gentili; e dei giganti fare due spezie: una de’ figliuoli della Terra, ovvero nobili, che diedero il nome all’età de’ giganti (...); l’altra (...) degli giganti signoreggiati.” §372, del diluvio universale e de’ giganti

¹⁵ “(...) gli ebrei furono il primo popolo del nostro mondo ed hanno serbato con verità le loro memorie nella storia sagra fin dal principio del mondo.” §54, annotazioni alla tavola cronologica II

¹⁶ Washington Luís. **Na Capitania de São Vicente**, p 210

Pelas contas de Vico a idade dos deuses durou, aproximadamente, 900 anos. Naquela época os deuses conviviam com os mortais e com eles geravam filhos. Júpiter engravidou Alcmena, que deu à luz Hércules. Vênus manteve relações com Anquises, cujo fruto foi Eneias.

Os homens que viveram na idade dos deuses, segundo Vico, tinham como sua principal característica a crueldade, expressa na absoluta autoridade dos pais de família.

Nessa era os povos estavam submetidos aos designios dos deuses. Como estes não falavam a mesma língua que os homens, tinham que comunicar seus desejos por sinais. Daí resultou que a linguagem usada na idade dos deuses foi a dos hieróglifos. Os únicos que sabiam decifrar os sinais divinos eram os sacerdotes, que por isso exerciam grande influência política nas nações dessa época.

O poder dos sacerdotes apoiava-se no fato de que só eles podiam entender a língua dos deuses. O aprendizado dessa língua era exclusivo dos iniciados na ordem sacerdotal. Vico diz que é por isso que a palavra **sagra** (sacra) originou a palavra **segreta** (secreta).

Na Alta Idade Média (onde o re-curso viquiano coloca a idade dos deuses) os povos também eram analfabetos. Somente os padres sabiam ler a Bíblia, que é a palavra de Deus. A Bíblia estava escrita em latim clássico, enquanto os diversos povos europeus da época falavam o latim vulgar misturado a línguas tribais. Podemos concluir que a língua de Deus não era a mesma que a língua dos homens. Se voltarmos nossos olhos para as Américas pré-colombianas acharemos hieróglifos entre os Maias e uma linguagem de símbolos entre os Astecas. Tudo isso são características de uma nova idade dos deuses.

Nessa época toda a sabedoria tinha origem divina, sendo portanto exterior ao Homem. Dessa maneira, os poetas eram inspirados pelas Musas; o futuro era perscrutado pelos adivinhos; os segredos da Natureza eram desvendados pelos magos. Para a maioria dos mortais a maneira mais simples de conhecer a vontade dos deuses era perguntar diretamente aos oráculos, dos quais o mais famoso foi o de Apolo, em Delfos. E essa foi uma diferença fundamental entre os hebreus e os demais povos. Segundo Vico, *“a religião hebraica foi fundada pelo verdadeiro Deus apoiada na proibição da adivinhação, que foi a origem de todas as nações gentílicas.”*¹⁷

Os homens deviam seguir as leis divinas, cujo cumprimento era fiscalizado pelos sacerdotes. Estes também determinavam a obrigatoriedade dos sacrifícios em honra dos

¹⁷ “La religion ebraica fu fondata dal vero Dio sul divieto della divinazione, sulla quale sorsero tutte le nazioni gentili.” §167, degli elementi XXIV

deuses, fossem para louvar-lhes a prodigalidade ou para aplacar-lhes a ira. Foi o caso de Agamenon, narrado por Homero. Ele sacrificou sua filha Ifigênia a Netuno para que este acalmasse as ondas do mar e permitisse a partida das naus gregas com destino a Tróia.

Na Idade Média, muitas vezes os padres impunham penitências severas para a expiação dos pecados e a purificação da alma. Temos várias histórias de cavaleiros andantes que tiveram que cumprir dessas penitências. Houve também o ascetismo de certos monges, como Santo Antônio.

A justiça nesses tempos era baseada no juízo divino, representado pelos duelos: os acusados deveriam travar uma luta de vida ou morte, os deuses favoreceriam o inocente e este mataria o culpado. No re-curso tal prática foi usada pelos cavaleiros medievais. No romance histórico oitocentista **Ivanhoé**, de Sir Walter Scott, ambientado no tempo das cruzadas, a trama é resolvida com um duelo deste tipo. Monteiro Lobato resumiu bem o que significou para a Humanidade a idade dos deuses quando disse que *“eram cruéis e vingativos os velhos deuses. Forçavam os homens à mais rastejante adoração. Os céus viviam toldados pelo fumo dos sacrifícios. A cólera divina só se aplacava com a visão do sangue das vítimas e com o cheiro da carne queimada. A grande preocupação da triste Humanidade era uma só: aplacar a cólera divina.”*¹⁸

De acordo com a sequência elaborada por Vico, os homens primeiramente habitaram as cavernas nos montes, depois as planícies e por fim a faixa litorânea, quando então se aventuraram a cruzar os mares.

Assim, com o passar do tempo, os pequenos vilarejos criados pelas famílias e seus servos, tenderam a unir-se e formar cidades. Segundo Vico, o fato de as cidades mais antigas da Grécia, tais como Argos, Tebas, Delfos e Atenas terem nomes no plural atesta que elas sejam frutos de tal união.

Com a fundação das cidades tem início a idade dos heróis.

Todas as cidades antigas têm como fundador um herói, ou seja, alguém com ascendência divina. Cadmo fundou Tebas, Teseu fundou Atenas, Dido fundou Cartago e Rômulo fundou Roma. Nessas cidades se instala não mais o governo de uma família, mas sim o governo de todas as famílias que compõe a cidade. São as repúblicas aristocráticas, ou cidades heróicas.

Assim como o maior dos deuses foi Júpiter, senhor dos raios e dos céus, o maior de todos os heróis foi Hércules. Ele era filho de Júpiter com a mortal Alcmena.

¹⁸ Monteiro Lobato. **O Minotauro**, p 73

Realizou muitas façanhas notáveis, sempre se distinguindo por sua força física e sua nobreza de caráter. As mais conhecidas aventuras de Hércules são aquelas que compõe as narrativas de seus doze trabalhos. Se fizermos uma leitura viquiana dessas fábulas, veremos que ao menos quatro desses trabalhos (o leão da Neméia, a hidra de Lerna, o javali de Erimanto e os pássaros do lago Estinfale) representam as dificuldades dos fundadores em limpar os campos e neles estabelecer uma cidade.

As primeiras cidades foram habitadas só por nobres, já que os servos permaneciam nos campos. Porém os nobres que ali mandavam sentiram a necessidade de que alguém prestasse serviços intramuros. Os servos por seu lado, desejando maior segurança e conforto para suas famílias, e sendo em maior número, passaram a pressionar os heróis para que lhes fosse permitido habitar dentro das cidades. Vico conta que, em função desses conflitos, *“vieram os fâmulos a compor a primeira plebe das cidades heróicas, mas sem possuir nenhum dos privilégios dos cidadãos residentes.”*¹⁹ Assim, os plebeus estavam sujeitos ao arbítrio das famílias que compunham as cidades.

Os heróis possuíam um caráter severo, aguerrido e belicoso. Matavam sem remorso aqueles que não se submetiam à sua autoridade. O melhor exemplo desse tipo de índole é Aquiles, que dizia tudo resolver com sua espada.

A linguagem heróica é a dos símbolos, que representavam a origem ou os feitos dos heróis. São exemplos desta linguagem os escudos de Aquiles e de Eneias, confeccionados na oficina do deus Vulcano a pedido de Tétis e Vênus, suas respectivas mães. No re-curso tivemos os brasões medievais, que identificavam os cavaleiros em lições e batalhas.

Os heróis, tais como Aquiles e Ulisses, simbolizavam a coragem e a sagacidade do gênero humano. Diríamos que o Rei Artur e Lancelote também se encaixam nessa categoria. Poderíamos também fazer um paralelo entre a Guerra de Tróia, onde se distinguiram os grandes heróis da Antiguidade com as Cruzadas, onde se destacaram os grandes cavaleiros da Cristandade. Nesses termos, argumentaríamos que, assim como **Ilíada**, de Homero, é o relato épico do curso, **Jerusalém Libertada**, de Torquato Tasso, é o épico do re-curso. Não estamos aqui fazendo um juízo crítico das duas obras, apenas tentando alinhá-las em termos do curso e re-curso viquianos.

¹⁹ “Così si composero le prime città di soli nobili, che vi comandavano. Ma però, bisognandovi che vi fussero anche color che servissero, gli eroi furono da un senso comune d'utilità costretti di far contenta la moltitudine de' sollevati clienti; (...) Così convennero i famoli a comporre le primi plebi dell'eroiche città, senza averni niuno privilegio di cittadini (...)” §597, della politica poetica

Em sua análise das cidades heróicas, Vico comenta que *“o plano de tais repúblicas foi estruturado de acordo com dois princípios deste mundo de nações, que são a mente e o corpo dos homens que as compõe. Por que (...) a Providência Divina ordenou as coisas humanas com esta ordem eterna: que, nas repúblicas, aqueles que usam a mente ali mandem e aqueles que usam o corpo ali obedeçam.”*²⁰

A autoridade dos heróis é incontestável. Poderíamos dar como exemplo de sua justiça o extermínio dos pretendentes, narrado por Homero no canto XX da **Odisséia**. No recurso, os cavaleiros andantes tinham, de acordo com as regras da Cavalaria, de proteger os fracos e defender os oprimidos.

Mas essa obediência não era uma condição imutável. Por muitas vezes os fâmulos, em maior número, se rebelavam contra os heróis. Estes, para se defender, assim como aos seus bens e famílias, tinham de pegar em armas e escolher, entre eles, alguém de maior coragem e iniciativa que os liderasse. Surgiram assim os reis. E como muitos dos guerreiros, acostumados a impor sua vontade soberana, não se conformassem em ter sua autoridade diminuída, foram os reis obrigados a compartilhar seu poder. E surgiram os senados. Por isso, nos ensina Vico, nas repúblicas verdadeiramente aristocráticas não haverá jamais a tirania, pois um só não terá forças para submeter os outros, seus iguais. As cidades medievais de Gênova e Veneza poderiam ser citadas como repúblicas desse tipo.

Nas cidades heróicas os plebeus não tinham o direito de cidadania, e por isso não podiam realizar casamentos solenes. Em virtude disso não tinham seus filhos reconhecidos como seus herdeiros.

Os heróis davam aos fâmulos glebas para cultivar e rebanhos para apascentar. Essa foi a condição de Jacó nos seus anos de servidão nos domínios de Labão. Quando algum plebeu morria ou ficava incapacitado de trabalhar as terras estas voltavam à posse dos heróis, que eram os únicos que as podiam legar aos filhos, por terem contraído matrimônios solenes.

Rebelaram-se os plebeus com essa situação e exigiram dos heróis que esses lhes dessem o direito de esposar suas mulheres solenemente, isto é, com as bênçãos da Religião e terem, assim, seus filhos reconhecidos como tais. Vico dá como exemplo disso a revolta conduzida em Roma pelos irmãos Caio e Tibério Graco, que ameaçaram fundar outra cidade se não fossem concedidos direitos de cidadania aos fâmulos.

²⁰ “E cotal pianta di repubbliche è fondata sopra i due principi di questo mondo di nazioni, che sono la mente e il corpo degli uomini che le compongono. Imperccioché (...) la Divina Provvidenza ordinò talmente le cose umane con quest’ordine eterno: che, nelle repubbliche, quelli che usano la mente vi comandino e quelli che usano il corpo v’ubbidiscano.” §18, idea dell’opera

Quando os plebeus tiveram legitimados seus direitos como cidadãos findou-se nas cidades a autoridade dos heróis. Isso por que a partir desse momento todos ficaram sujeitos às leis, e não mais ao arbítrio da vontade de um grupo de aristocratas. Essa é, para Vico, a razão da morte de Hércules. O fim do maior de todos os heróis é o argumento de uma das primeiras tragédias de Sófocles (496 A.C. – 406 A.C.). Em **As Traquínias**, encenada por volta do ano 431 A.C., o grande tragediógrafo explora a morte de Hércules para mostrar como as paixões descontroladas levam à destruição homens e mulheres, expondo de maneira pungente a fragilidade da condição humana.

Conta o mito que Hércules viajava em companhia de sua esposa, Dejanira, quando ambos chegaram às margens do Rio Eveno, que percorre a região da Etólia até desaguar no Golfo de Cálidon. Ali vivia o centauro Nesso, que ganhava a vida transportando os viajantes para o outro lado da correnteza.

O herói, ciente de que poderia atravessar o rio a nado, pediu a Nesso que transportasse Dejanira. Uma vez com a moça em seu dorso, o centauro, seja por que fora tocado pela beleza da moça, seja por que desejava vingar-se de Hércules por ter este matado vários de sua espécie, resolveu raptá-la. Assim que chegou no outro lado do rio Nesso disparou a galope. Os gritos de Dejanira chamaram a atenção de Hércules, que lançou suas flechas. Atingido em cheio, o centauro rolou pelo chão, moribundo.

Antes de morrer, Nesso diz a Dejanira que o sangue de um centauro é um poderoso filtro de amor, que sempre manteria Hércules cativo de seus encantos femininos. Acreditando que aqueles que estão à beira da morte não mentem, a jovem recolheu, sem que o herói percebesse, uma porção do sangue da criatura agonizante.

Alguns anos e muitas aventuras depois, Dejanira desconfia que Hércules está apaixonado por Iole, jovem que ele trouxe para casa como despojo de sua última guerra. Regressando vitorioso, Hércules desejou fazer um sacrifício a seu pai, Júpiter. Manda então a sua casa o menino Licas com o pedido de uma túnica branca para a cerimônia. Nesse momento, Dejanira, atormentada pelo ciúme, lembra-se das palavras de Nesso e do filtro que ela guardara havia anos. Ela então embebe a túnica com o sangue do centauro e a entrega a Licas, para que este levasse a veste até onde estava o herói. Ao vestir a túnica Hércules sente fortes queimaduras e dores atrozes. Presa do desespero o herói, aos gritos, tenta livrar-se das vestes, mas ao arrancá-las saem-lhe a pele e pedaços da própria carne. Em meio a terrível agonia Hércules é transportado para casa. Dejanira, compreendendo que fora ela o instrumento da vingança do centauro, mata-se.

Vendo que esse era o fim de sua vida, Hércules pede a Filotectes que arme uma pira. Feito seu desejo o herói nela se deita e implora que lhe ponham fogo. Em lágrimas, Filoctetes incendeia a pira e o corpo de Hércules é consumido pelas chamas.

A interpretação de Vico para esta fábula é que o sangue de Nesso representa o sangue dos fâmulos, que uma vez imiscuído no sangue dos heróis causa-lhes a destruição. Na Idade Média, acreditava-se que o sangue dos nobres era azul, e não vermelho como o dos plebeus.

Finda a idade dos heróis começou a idade dos homens, ou tempos históricos. É quando surgem as palavras, e com elas as leis e os relatos que constituem a história dos povos. A língua passa a ser a mesma para todos os habitantes de uma cidade. As leis fazem com que todos saibam quais são os seus direitos e os seus deveres e dessa forma as cidades transformam-se em Estados. É nessa época que aparecem os legisladores: Moisés entre os hebreus, Sólon em Atenas, Licurgo em Esparta e Sêrvio Túlio em Roma.

A sabedoria, que antes era um atributo divino, passa a fazer parte da natureza dos homens. Através dos tempos, segundo Vico, *“foram três as espécies de autoridade. Das quais a primeira é divina, já que não se pedem explicações à Providência Divina; a segunda heróica, toda calcada nas solenes fórmulas das leis; a terceira humana, calcada no crédito de pessoas experientes, com extrema prudência no agir e sublime sabedoria no inteligir as coisa”*²¹; pessoas capazes de exprimir o senso comum, ou direito universal, que é uma propriedade de todos os povos.

Se em uma cidade todos os cidadãos que detêm algum poder usarem suas forças para fins privados, perecerá o Estado. Dessa forma, será necessário que alguém garanta os direitos comuns e exerça a justiça de maneira equitativa. É nesse momento histórico que devem aparecer homens como Péricles, Augusto e Carlos Magno. Eles tomam para si o poder e garantem que a lei seja aplicada. Vico explica que isso ocorre por que *“a plebe dos povos, sempre e em todas as nações, mudou os Estados de aristocráticos em populares, de populares em monárquicos e que, como fundaram as línguas vulgares (...) deram dessa forma os nomes às nações (...).”*²² Como a plebe é maioria, *“sempre e em todas as nações”*, sua língua prevalecerá, impondo-se nas leis escritas. Assim a nação dos francos

²¹ “Furono tre spezie d'autorità. Delle quali la prima è divina, per la quale da Provvidenza non si domanda ragione; la seconda eroica, riposta tutta nelle solenni formole delle leggi; la terza umana, riposta nel credito di persone sperimentate, di songolar prudenza nell'agibili e di sublime sapienza nell'intelligibili cose.” §942, tre spezie d'autorità

²² “(...) che le plebi de' popoli, sempre ed in tutte nazioni, han cangiato gli stati da aristocratici in popolari, da popolari in monarchici e che, come élleno fondarono le lingue volgari (...) così hanno dato i nomi alle nazioni (...)” §1017, confutazione di Giovanni Bodino

chamou-se França, a dos longobardos Lombardia, a dos hunos Hungria, entre vários exemplos.

O monarca é a fonte de todos os direitos e deveres de seus súditos. O que o sustenta e lhe dá credibilidade? A Religião. Em todas as nações o poder temporal dos reis é um sucedâneo do poder divino. O respeito a Deus gera a reverência ao príncipe, por Ele ungido. É por isso que Vico diz “*que é com o temor a uma divindade que se ensina a piedade às crianças.*”²³ E essa seria, na concepção viquiana, uma verdade comum a todos os povos: a fonte da civilidade é o sentimento religioso.

Nosso autor acredita que esse processo de transformação de um Estado de aristocrático em popular, e de popular em monárquico se explica por que “*nas repúblicas livres todos guardam seus interesses privados, aos quais fazem servir suas armas públicas em prejuízo de suas próprias nações. Para que estas se conservem, ali surge um só (como entre os romanos Augusto) que com a força das armas chama para si todos os negócios públicos e deixa que os demais se ocupem de seus negócios privados. E que estes se ocupem dos negócios públicos somente com o consentimento do monarca; (...).*”²⁴

Essa apologia da monarquia, na verdade, é uma interpretação do capítulo VII do livro bíblico de Daniel. Ali o profeta diz que após passar por fases de poderio e decadência todas as nações da Terra se submeterão ao governo de um só, que será eterno. De forma mais prosaica, esse passo poderia ser lido como uma defesa do regime absolutista instalado em Nápoles por Carlos de Bourbon em 1734. Vico havia sido nomeado historiador régio pelo novo monarca.

No início deste capítulo observamos que Vico desejava uma união entre a Filosofia (que é o estudo do verdadeiro) com a Filologia (que é o estudo do certo). Somente essa união tornaria possível a descoberta científica de uma história ideal eterna, pela qual devem passar todas as nações.

A história ideal eterna abriga o conjunto de leis inalteráveis que foram passadas ao Homem por Deus através dos tempos. Essas leis não estão escritas em algum código, mas podem ser inferidas pelo estudo da maneira como diferentes povos evoluíram ao

²³ “E ne restò eterna propietà appo tutte le nazioni: che la pietà s’insinua a’ fanciulli col timore d’una qualche divinità.” §503, della morale poetica

²⁴ “Cotal legge regia naturale è conceputa con questa formola naturale di eterna utilità: che, poiché nelle repubbliche libere tutti guardano a’ loro privati interessi, a’ quali fanno servire le loro pubbliche armi in eccidio delle loro nazioni, perché si consevin le nazioni, vi surga un solo (come tra’ romani un Augusto), che con la forza dell’armi richiami a sé tutte le cure pubbliche e lasci a’ soggetti curarsi le loro cose private, e tale e tanta cura abbiano delle pubbliche qual e quanta il monarca lor ne permetta; (...).” §1008, d’un’eterna natural legge regia

longo de diversas eras. Essas eras se prolongam no curso (do Dilúvio até a queda do Império Romano) e no re-curso (da queda do Império Romano em diante).

Apenas os filósofos podem descobrir quais são essas leis eternas, pois eles refletem sobre verdades gerais. Porém, para conseguir realizar esse intento os filósofos devem basear suas reflexões não em abstrações matemáticas, mas sim naquele material coletado pelos filólogos, que na concepção viquiana, são os historiadores, os gramáticos e os poetas.

Os filólogos trabalham o que Vico chamou de “*as coisas que dependem do arbítrio humano*” (**le cose le quali dipendono dall’umano arbitrio**), ou seja, tudo o que os homens criam. Os filósofos deveriam então analisar as línguas, os costumes e os fatos da vida dos povos.

E qual seria o nome desta disciplina que se debruçaria sobre a história ideal eterna? Esta é justamente a nova ciência que Vico propõe em sua obra mais conhecida.

CAPÍTULO V – A CONCEPÇÃO DE HISTÓRIA DE VICO

Vimos no capítulo anterior como os povos que habitaram a Terra surgiram e se desenvolveram dentro do esquema triádico viquiano. Cada povo, com a exceção dos hebreus, passou por três fases distintas: a idade dos deuses, a idade dos heróis e a idade dos homens. Em cada uma destas idades os homens tiveram três tipos diferentes de leis e de governo, falaram três espécies diferentes de línguas, se submeteram a três tipos diferentes de autoridade e, por fim, apresentaram três caracteres diversos. Na opinião de Peter Burke,

*“Para Vico, a própria História, bem como a Historiografia, procede segundo regras. Existem “princípios da história universal” aguardando ser descobertos. Em outras palavras, existe um padrão no passado humano, e esse padrão, segundo Vico, não é contingente, mas sim necessário. (...) Os estádios, por exemplo, pelos quais as sociedades específicas passam são, segundo Vico, estádios necessários. A idade dos heróis deve seguir-se à idade dos deuses, exatamente como é necessária a sequência florestas, cabanas, aldeias, cidades e academias.”*¹

Esse sequenciamento não é aleatório. Ele está estribado na crença de um projeto elaborado por Deus para o progresso da Humanidade. Como notou Isaiah Berlin, *“a História, para Vico, era a progressão ordenada (guiada pela Providência atuante através das capacidades dos homens) de tipos sempre mais profundos de compreensão do mundo, de formas de sentir, atuar e expressar-se, cada uma das quais se desenvolve a partir da anterior, à qual substitui.”*² Desse modo o Homem vai passando por uma transformação, vai sendo como que depurado de seus instintos animais e é guiado por Deus para novas etapas de desenvolvimento, tal qual um aprendiz que aos poucos desenvolve habilidades natas.

O homem das florestas não é o mesmo homem das cabanas, que transformar-se-á no homem das aldeias. Essas mutações, para Raul Fiker, indicam que *“a História é para Vico um progresso gradual de humanização do Homem.”*³ Assim, o homem das academias, no caso o próprio Vico, é o resultado final de um longo processo de evolução cultural.

A visão dominante no meio intelectual da época não era essa. Havia até, por parte de muitos eruditos, um certo desprezo pelo conhecimento histórico. Segundo Peter Burke,

¹ Peter Burke. **Vico**, p 93

² Isaiah Berlin. **Vico e Herder**, p 45

³ Raul Fiker. **Vico, o Precursor**, p 37

*“Descartes afirmara no **Discurso do Método** que o estudo da História era uma perda de tempo, pois não podemos adquirir nenhum conhecimento acurado ou certo do passado humano, como podemos (pretendia ele) ter da Matemática e do mundo da Natureza. Vico disse justamente o contrário. Sua ideia era que os princípios da sociedade humana – em seus próprios termos, o “mundo civil” – são na realidade mais certos do que os princípios que governam o mundo natural, porque a sociedade civil é uma criação humana.”*⁴

Peter Munz em sua análise da **Ciência Nova** destaca que a concepção histórica de Vico está apoiada em três princípios: o primeiro diz que deve haver uma razão e uma lógica para o desenvolvimento do Homem; o segundo fala que a compreensão, ou seja, o acompanhamento desse processo deve centrar-se no estudo dos artefatos humanos, pesquisados pelos filólogos, com especial atenção à Linguagem; o terceiro princípio é um pouco mais sofisticado: com o desenvolvimento das sociedades, através das três idades, as formas de desenvolvimento também se transformam. Portanto, conclui Munz, *“não há somente desenvolvimento, mas outrossim desenvolvimento das formas pelas quais os homens se desenvolvem.”*⁵

Há uma dinâmica na criação humana: quanto mais sofisticado for o Homem, mais sofisticada serão as maneiras através das quais ele interage com a Natureza e com o mundo que ele próprio vai continuamente inventando.

Já na opinião de Antonio José Pereira Fº,

*“O esforço de Vico é mostrar que a Racionalidade, a Coerência e a Unidade, tão caras ao discurso filosófico, já estão encarnadas de alguma forma no próprio processo histórico. Daí o duplo registro do seu pensamento que, no plano metodológico, procura fundir a necessidade e a universalidade dos princípios filosóficos com os dados concretos da Filologia. Vico substitui, portanto, uma filosofia abstrata, que se isola no exame de verdades racionais e de conceitos descarnados, por uma filosofia que procura fornecer um quadro vivo e concreto que a vida humana vai assumindo ao longo do tempo.”*⁶

Vico não estava interessado em fatos históricos. Para ele o que importava era saber o que tornou determinado fato possível. Segundo Isaiah Berlin na concepção viquiana *“o conhecimento histórico não é um mero conhecimento dos acontecimentos do Passado, e sim daqueles que são produto da atividade humana e constituem um elemento na biografia de*

⁴ Peter Burke. Op cit, p 89

⁵ Peter Munz. *“La idea de ‘Ciencia Nueva’ en Vico y Marx”* in Giorgio Tagliacozzo (org). **Vico y Marx, afinidades y contrastes**, pp 17-18 (nossa tradução)

⁶ Antonio José Pereira Fº. **G.B. Vico e a fratura moderna: o princípio do verum-factum e a idéia de História na Ciência Nova**, p 20

um indivíduo ou de um grupo.”⁷ Desta forma a História deixa de ser um registro para tornar-se um processo.

Diz Enzo Paci que *“a busca viquiana da racionalidade da História é, portanto, a busca de uma lei da História, de um método de interpretação dos fatos.”*⁸ Leon Pompa comenta que esse método pressupõe que os paralelos entre as civilizações, ao longo dos tempos, não são consequência de uma origem histórica comum, mas de uma mesma essência. De acordo com esse pensamento, *“se vários povos fossem deixados sem qualquer interferência externa, com o correr do tempo, eles necessariamente desenvolveriam certas características comuns em suas condições sociais, econômicas e culturais em pontos correspondentes de suas histórias.”*⁹ Antonio José Pereira Fº nota que

*“O método de Vico consiste em encontrar sentido e direção não propriamente naquilo que é feito intencionalmente pelos indivíduos e suas escolhas contingentes, mas sobretudo naquilo que é feito coletivamente de modo espontâneo, imaginativamente ou pré-reflexivamente, como é o caso da Mitologia, da poesia primitiva, dos vestígios linguísticos e das formas jurídicas das primeiras sociedades, que devem ser vistos como a fonte de uma primeira interpretação do mundo.”*¹⁰

Vico acreditava que os primeiros homens, que viviam em íntimo contato com a Natureza, eram incapazes de elaborar qualquer pensamento que não estivesse diretamente relacionado às suas necessidades imediatas. Por isso, tal como crianças em tenra idade, eles atribuíam às coisas ao seu redor qualidades humanas. Assim, cada rio possuía um deus, cada árvore era habitada por uma dríade e os bosques estavam repletos de faunos e ninfas.

Esses homens primitivos, que viveram em um período anterior às influências sociais e civilizatórias, foram chamados por Vico de homens poéticos, pela sua capacidade de suprir com a imaginação o que lhes faltava em conhecimento.

Segundo Leon Pompa, *“os homens poéticos foram incapazes de qualquer pensamento abstrato ou racional, mas contudo possuíam os sentidos extremamente aguçados e eram donos de uma imaginação vigorosa.”*¹¹ Esse tipo de Homem habitou a Terra na idade dos deuses. Como ele era muito curioso em relação aos fenômenos naturais mas não sabia como explicar suas causas, atribuiu-lhes origem divina.

⁷ Isaiah Berlin. Op cit, p 41

⁸ Enzo Paci. **Igens Sylva (saggio sulla filosofia de G.B. Vico)**, p 35 (nossa tradução)

⁹ Leon Pompa. **Vico: a study of the New Science**, p 2 (nossa tradução)

¹⁰ Antonio José Pereira Fº. Op cit, p 33

¹¹ Leon Pompa. Op cit, pp 106-107

Numa tentativa de compreensão desses fenômenos da Natureza os homens da idade dos deuses consideravam as manifestações naturais do ambiente que os cercava como seres similares a si próprios, ou seja, passaram a personificá-las. Eles deram vida aos céus, aos rios, às florestas e criaram histórias sobre suas origens e façanhas.

É por isso que Raul Fiker considera que *“o Mito é um tema central no pensamento de Vico. O estudo do Mito faz parte de sua filosofia da história constituindo a chave para a elucidação dos mistérios de épocas pré-históricas.”*¹² Na cronologia viquiana os tempos históricos começam somente na idade dos homens, quando surgem as palavras e, com elas, os primeiros relatos escritos.

Nas fases anteriores à idade dos homens havia os poemas sobre as façanhas dos deuses e dos heróis. Tais poemas eram cantados pelos aedos e rapsodos, sendo portanto uma tradição oral. Na Alta Idade Média, que configuraria o re-curso histórico, as lendas do ciclo arturiano foram narradas pelos bardos e menestrelis.

Estribado nesta concepção de que a cultura anterior à idade dos homens foi uma cultura transmitida oralmente Vico negou a existência histórica de Homero. O poeta grego não poderia ter escrito suas obras já que vivera em uma época na qual a escrita não existia. Para Vico os poemas homéricos são na realidade uma compilação, sendo que a **Ilíada** seria muito anterior à **Odisséia**, não só pelo tema da narrativa como também pela descrição dos usos e costumes.

Em sua análise dos temas que estamos abordando, Michael Mooney entende que

*“Contrair matrimônio, debastar florestas, prover as necessidades da vida, conquistar os mares, adquirir valor heróico e por fim contar todas essas histórias em cantos foram os atos realizados e expostos nos grandes “caracteres poéticos” dos mitos: esta, disse Vico, é a “chave mestra” da sua Ciência Nova. E ele de fato a usou, em páginas e páginas da sua obra para abrir as portas de todos os panteões do mundo mediterrâneo.”*¹³

Vico acredita que a Religião está na origem de todo o processo civilizatório. Foi o temor dos raios e trovões, ou seja, da força dos deuses, que fez com que os gigantes contraissem matrimônios solenes. Formaram-se então as famílias que se agruparam em pequenas aldeias ao longo dos rios, nas planícies. Eustacchio Lamanna comenta que dentro da concepção viquiana de História

¹² Raul Fiker. Op cit, p 43

¹³ Michael Mooney. **Vico e la tradizione della Retorica**, p 306 (nossa tradução)

*“A Religião tem um valor universal e eterno: toda a vida civil, assim como a história humana está impregnada de religiosidade. Todos os povos têm uma religião qualquer, em virtude da qual o instinto de procriação foi espiritualizado no rito solene do Matrimônio e a morte física foi vencida, de um certo modo, com o culto das tumbas. Destas três coisas, Religião, Matrimônio e Sepultura começou junto aos povos a Humanidade.”*¹⁴

Também Raul Fiker pondera que *“Vico reconhece que certas instituições, como a Religião, o Matrimônio e o Sepultamento dos mortos, são encontradas em todas as sociedades, mas variam enormemente não só através das épocas como também de povo para povo.”*¹⁵ São estas instituições que permitem ao nosso autor fazer um paralelo entre diversos povos e eras. Foi baseado neste paralelo que ele conseguiu elaborar uma sequência que desse sentido ao que ele chamou de história ideal eterna.

No entender de Guido de Ruggiero, esta constante e consistente humanização do Homem, através das três idades e de suas características mais pronunciadas, quais sejam, primeiro os sentidos, depois a Fantasia e por fim a Razão ocorre no espaço de tempo que, em linguagem viquiana, atende pelo nome de curso histórico. A primeira edição da **Ciência Nova**, em 1725, termina justamente ao final desse curso, como se nada mais restasse a dizer uma vez que ele foi cumprido. Mas na segunda edição da obra, em 1744, aparece ao final do curso um re-curso, isto é, o começo de um novo ciclo. Este parece ter sido sugerido a Vico, ao menos em parte, por algumas reminiscências historiográficas (próprias do Classicismo) em relação ao declínio da civilização antiga e também sobre a barbárie que então se instalou, período que ficou conhecido como idade das trevas, e que hoje chamamos de Alta Idade Média. A sucessão do re-curso no curso fica assim, ao menos na opinião de Vico, justificada. Porém, acrescenta De Ruggiero, *“uma justificação implícita pode ser encontrada em todo o contexto da obra, no sentido de que a perfeição alcançada pelo curso histórico, em sua última fase, contém em si os germes de uma dissolução. A liberdade excessiva, a liberalidade dos costumes, o egoísmo das classes dominantes, enfim, todas as razões que, na historiografia do tempo, serviam para explicar o declínio e a queda do Império Romano estão implicitamente formuladas para justificar a inclusão do re-curso no curso.”*¹⁶ Também aqui fica claro que Vico não acreditava na destruição da Humanidade, ou no fim dos tempos, como muitos autores dos séculos XVI e XVII, como Lutero e Erasmo. Para ele, por mais que

¹⁴ Eustacchio Paolo Lamanna. **Sommario di Filosofia (volume terzo)**, p 62 (nossa tradução)

¹⁵ Raul Fiker. Op cit, p 62

¹⁶ Guido de Ruggiero. **Storia della Filosofia, parte quarta. La Filosofia Moderna, vol 3. Da Vico a Kant**, p 77 (nossa tradução)

o Homem decaia, ainda haverá misericórdia em Deus para proporcionar aos povos um novo começo.

Outro aspecto importante da concepção viquiana de história é a influência exercida por Deus na condução da história ideal eterna. Alan Pons observa que *“na obra de Vico o que é natural é o que nasce a seu tempo, no tempo em que lhe foi designado, no transcurso das coisas ordenado pela Providência Divina.”*¹⁷ Como tudo no mundo provem de Deus, tudo no mundo irá a Deus retornar. Na opinião de Enzo Paci, Vico, nos seus cursos e re-cursos históricos *“verá o ritmo de uma história que se move em sentido positivo em direção à Ideia e depois retorna da Ideia à primeira barbárie.”* Desta forma, nosso autor vê a História *“progredir segundo um movimento eterno.”*¹⁸ Ou seja, não existem rupturas já que todo o processo histórico foi determinado pela Providência Divina no curso das três idades.

Seguindo na análise do curso e re-curso históricos Terence Ball sustenta que, para Vico, a história humana é a história da transformação das ideias e dos conceitos; é a história das *“auto-modificações sucessivas da mente. O mundo da Natureza, por ser criação de Deus, é completamente significativo apenas para Ele. O mundo das nações, ao contrário, é nossa própria ação coletiva e portanto é tão significativo para nós como a Natureza é para Deus.”*¹⁹ Por isso Vico insiste tanto em defender o estudo da Filologia, ou seja, o estudo das realizações humanas no campo das artes, das leis e das ciências.

Segundo Leon Pompa, *“a dificuldade em achar uma interpretação consistente para a afirmação de Vico de que a História é um trabalho do Homem é muito grande por que ele frequentemente insiste em que esta é também fruto do trabalho da Providência Divina.”*²⁰ Vico não é um iluminista, alguém que acredita nas luzes da Razão. Ele está mais ligado aos círculos intelectuais da Contra-Reforma do que aos movimentos renovadores do pensamento do início do século XVIII, por isso a influência do Catolicismo é marcante em sua obra.

Maria Ângela Espósito, em sua análise dos paralelos entre a história ideal eterna de Vico e os escritos rabínicos medievais sobre a origem da Criação nota que

*“A organização civil da Humanidade acontece numa fase viquiana conhecida como divina e se desenvolve para as fases heróica e humana sucessivamente; as três fases estão presentes na Torá e nas lendas dos povos da Antiguidade e, notadamente, no livro do Gênesis. Aparecem em diferentes momentos históricos, comprovando a teoria viquiana dos **corsi e ricorsi**. No livro do*

¹⁷ Alan Pons. *“Vico, Marx, Utopia y Historia”* in Giorgio Tagliacozzo. Op cit, p 34 (nossa tradução)

¹⁸ Enzo Paci. Op cit, p 115

¹⁹ Terence Ball. *“Sobre ‘hacer’ Historia en Vico y Marx”* in Giorgio Tagliacozzo. Op cit, pp 91-92 (nossa tradução)

²⁰ Leon Pompa. Op cit, p 51

*Gênesis encontramos também os fundamentos que servirão de base para a elaboração do conceito viquiano sobre a Graça, responsável pela divisão da Humanidade entre hebreus e gentios, que dará margem às conjecturas relativa à existência de gigantes no tempo do Dilúvio.*²¹

Entre os chamados livros proféticos da Bíblia encontra-se o Livro de Daniel. Supõe-se que este livro tenha sido escrito por volta do ano 164 A. C. Ele é uma sequência um tanto desconexa de várias narrativas sobre a vida do profeta Daniel na corte de Nabucodonosor, rei da Babilônia. O que nos interessa particularmente nesse livro é a mensagem passada por essas narrativas: que os impérios nascem, engrandecem, conhecem seu apogeu, entram em decadência e desaparecem, conquistados ou destruídos por outros impérios que iniciam de novo o ciclo. Só Deus é eterno, “*Ele alterna períodos e tempos, depõe os reis e os entroniza.*” (Dan II, 21) Daniel esboça o que Vico posteriormente chamou de história ideal eterna: todos os povos passarão por fases de apogeu e decadência até que ao final Deus governará o mundo, por que “*Seu poder é um poder eterno e Seu reinado nunca será destruído.*” (Dan VII, 14)

Maria Ângela Espósito acha que

“Os textos viquianos e judaicos parecem afirmar que: 1º) o Homem se relaciona com a Divindade; 2º) existem pressupostos eternos ou características intrínsecas que conduzem os homens a empreender um começo civilizatório por meio da Religião; 3º) as civilizações se estabelecem a partir de três princípios universais e eternos (Religião, Casamentos e Sepulturas); 4º) a História se desenvolve por fases; 5º) a Linguagem é o fenômeno que organiza o mundo. (...) A história dos tempos obscuros, contada na Bíblia e arrazoada pelos talmudistas, evidencia um modo de aculturação que se afina com a proposta viquiana, a qual, distanciando-se do pensamento naturalista de seu tempo, posiciona a Linguagem e a Religião como fatores primordiais para a formação das civilizações.”²²

Vico acha que o Homem se humaniza com o passar do Tempo. No princípio ele é um animal como os outros, perdido na grande selva que cobria a Terra após o Dilúvio, brutalizado em seu físico gigantesco. Seu primeiro contato com a Divindade foi o medo sentido diante dos raios e trovões que enchiam os céus durante as frequentes tempestades da era pós-diluviana. O Homem, então, temeu e adorou o firmamento, nascendo daí a Religião.

Após a descoberta de que existe uma entidade com força suficiente para disciplinar seus instintos bestiais (os deuses), o Homem invoca a proteção divina e nasce nele

²¹ Maria Angela Marini Esposito. **Giambattista Vico: sua proposta sobre o começo das civilizações e os comentários rabínicos sobre o Dilúvio**, p 81

²² Idem, pp 52-53

o desejo de constituir família com as mulheres que com ele viviam. Surge o Matrimônio, devidamente abençoado pela Divindade.

Com os laços de sangue, que determinam a transmissão dos bens adquiridos pelos pais de família ao longo de suas vidas, aparece a obrigação de reverenciar os mortos. Cria-se então o cerimonial do Sepultamento.

A partir do momento em que um povo estabelece entre seus membros estes três princípios (Religião, Matrimônio e Sepultamento), este povo entra no curso das três idades (deuses, heróis e homens) que compõe a história ideal eterna.

Segundo Vico, isto ocorre por que este é o plano traçado por Deus para tornar o Homem mais perfeito e digno de seu criador. O que ele propõe com sua nova disciplina, exposta na **Ciência Nova**, é uma busca, nos relatos do Passado (sejam eles histórias, poemas, mitos) das provas da ação da Divindade no desenvolvimento do Homem através do Tempo. A isto Vico chama de história ideal eterna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma síntese de tudo o que dissemos até agora, começaríamos por salientar que a ambiguidade dos conceitos de Vico foi um fator importante para a sua posterior influência e apropriação. Vários pensadores, principalmente após a Revolução Francesa e o estabelecimento dos estados nacionais por toda a Europa, usaram as ideias viquianas para embasar os mais diversos argumentos.

O primeiro filósofo de importância a proceder dessa forma foi Herder, cujo **Volksgeist** (espírito do povo) influenciou de maneira profunda o pré-romantismo alemão, no quartel final do século XVIII.

Traçar uma linha da influência de Vico a partir dos românticos até os dias de hoje não é a tarefa a que nos propusemos nesta breve dissertação. Mas não seria fora de propósito dizer que conceitos como “antropologia cultural” e “cultura imaterial” têm raízes no pensamento do filósofo napolitano.

O que a alguns coevos pareceu obscurantismo em Vico, ou seja, a ideia de que o conhecimento pleno do mecanismo de causa e efeito da Natureza era vedado ao Homem porque apenas Deus poderia conhecer aquilo que criara, revelou-se inovador anos após a sua morte.

Isso por que ao afirmar que só é possível conhecer em profundidade aquilo que se cria, Vico dividiu o Conhecimento em duas partes: aquele proveniente de Deus (a Natureza) e aquele proveniente do Homem (a que ele nomeou **mundo civil**).

Nosso autor não diz, porém, que a obra de Deus é mais importante do que a obra do Homem. Ao contrário, ele diz que o Homem só pode conhecer a sua própria obra. Conclui-se então que os estudos humanos devem-se voltar para as coisas humanas: os mitos, a Poesia, a Arte, a organização econômica e social, ou seja, ao que hoje em dia denominaríamos de Ciências Humanas.

Em sua obra máxima, **Scienza Nuova**, de 1744, Vico propõe uma nova disciplina que transformaria o certo em verdadeiro. Partindo do princípio que todos os povos são semelhantes ele imagina que todos devem se desenvolver da mesma forma, passando pelas mesmas etapas. O que a nova ciência procura é a chave interpretativa desse processo de desenvolvimento.

As grandes navegações efetuadas a partir do século XVI permitiram aos europeus um contato direto com povos muito diferentes ao redor do mundo. Alguns possuíam um nível civilizatório rudimentar, como os habitantes das Américas; outros uma civilização

milénar, como os povos do Oriente. Vico, um católico, via todos os homens como criaturas de Deus, portanto semelhantes entre si. Então por que eram todos esses povos tão diversos?

A resposta deveria estar na maneira como cada povo foi constituído. Por isso Vico insiste no estudo dos mitos, das leis, das cerimônias nupciais, dos enterros e dos monumentos. É a esse estudo que ele chama de Filologia. Se os filósofos refletissem sobre essas coisas, eles estariam muito mais aptos a conhecer o mundo que os cerca do que estudando a Natureza, que é obra de Deus.

Vico afirma que existe uma história ideal eterna, pela qual todas as nações passaram. Tal história divide-se em três eras: deuses, heróis e homens. Cada uma dessas idades conheceu uma forma diferente de organização social devido à diversidade do caráter humano vigente em cada era.

Isso representou uma mudança fundamental na maneira de se fazer História. O Renascimento havia cristalizado a noção de que a natureza humana é a mesma ao longo do tempo e portanto os eventos históricos repetir-se-iam desde que fossem dadas as mesmas condições. Por isso dever-se-ia estudar a História, para que os erros pretéritos fossem evitados.

Quando Vico fala no curso histórico das três idades, ele mostra que os homens são diferentes de uma era para outra e devem evoluir ou modificar-se dentro de uma idade para alcançar a seguinte.

Essa modificação é o que hoje chamaríamos de aculturação, em seu sentido antropológico. O Homem distancia-se da Natureza, ou seja, de seu estado ferino (mais próximo dos animais) e cria instrumentos para facilitar sua sobrevivência em um meio, a princípio, hostil. Daí a sequência de selvas, palhoças, vilarejos, cidades e academias que Vico aponta ser comum no processo evolutivo de todas as nações.

O que o pensamento viquiano introduziu na Historiografia foi a noção de pré-história. Antes de Vico, os filósofos que pensaram o desenvolvimento da Humanidade conceberam o Homem como um ser único, ou seja, não modificável através dos tempos. Foi a isso que nosso autor denominou “ vaidade dos sábios ” (**boria dei dotti**) por que esses pensadores recusavam a figura humana como próxima dos animais, ou seja, negavam o estado natural do Homem.

As eras que não estavam cobertas pelos relatos dos antigos historiadores eram chamadas de “tempos obscuros” e por isso consideradas sem importância.

Quando Vico diz que os antigos egípcios afirmavam que antes de sua civilização existiram três idades (dos deuses, dos heróis e dos homens) ele coloca esses

“tempos obscuros” dentro da História. Mas se os relatos escritos só aparecem na idade dos homens, como seria possível documentar as duas idades anteriores? Vico prova que tais relatos existem. Eles são os mitos, as fábulas, as canções, as armas, os brasões, a maneira de guerrear, de fazer as pazes e as alianças, de estabelecer cidades e reinos.

O curso das três idades, ou “história ideal eterna”, é a trajetória que o Homem, expulso do Paraíso e apartado da convivência com Deus, deve cumprir neste mundo para retornar ao seu Criador.

Vico acredita que todos os homens são iguais, que todos possuem a mesma origem e a mesma essência. É por isso que todos os povos que tenham uma religião, celebrem matrimônios solenes e sepultem seus mortos passarão pelas três idades.

Está implícita em nosso autor a certeza de que todos nós, seres humanos, temos a capacidade da superação. Nós podemos vencer nosso medo do desconhecido e do obscuro e sair da idade dos deuses; podemos acabar com as desigualdades sociais impostas pelos herois em suas repúblicas aristocráticas; somos capazes de criar leis que assegurem direitos coletivos e viver a idade dos homens. E se um dia, em razão de nossa dissipação e lassitude, cairmos no re-curso e começarmos a viver a idade dos deuses novamente, não encontraremos os obstáculos de nossos antepassados, pois nos restará a memória de nosso antigo fausto e, com ela, a esperança de revivê-lo.

O legado de Giambattista Vico é a noção de que o Homem cumpre a sua trajetória através dos tempos, forja o seu destino e faz a sua história.

BIBLIOGRAFIA

I) Obras de Giambattista Vico consultadas:

Autobiografia; A cura di Fausto Nicolini; Ristampe Anastatiche. Napoli: il Mulino, 1992.

Autobiografia, Seguita da Una Scelta di Lettere, Orazioni e Rime; a cura di Mario Fubini. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1965.

De Nostri Temporis Studiorum Ratione; introduzione, traduzione e note a cura di Vincenzo Ruvo. Padova: Casa Editrice Dott. Antonio Milani, 1941.

Opere; a cura di Fausto Nicolini. Milano/Napoli. Riccardo Ricciardi Editore, 1953.

Princípios de uma Nova Ciência Acerca da Natureza Comum das Nações; seleção, tradução e notas do Prof. Dr. Antonio Lázaro de Almeida Prado; 2ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

SALVATORELLI, Luigi. **Le Più Belle Pagine Di G. B. Vico Scelte da Luigi Salvatorelli**. Milano: Fratelli Treves Editori, 1926.

Tutte le Opere; a cura di Francesco Flora. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1957.

II) Outras Obras Consultadas:

AMERIO, Franco. **Vico**; 2ª edizione. Brescia: La Scuola Editrice, S/D.

ÁVILA, Affonso (org). **Barroco: Teoria e Análise**. São Paulo: Perspectiva/Belo Horizonte: Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração, 1997.

BADALONI, Nicola. **Introduzione a G. B. Vico**. Milano: Feltrinelli Editore, 1961.

BENTLEY, Michael. **Modern Historiography, An Introduction**. London and New York: Routledge, 2006.

BERLIN, Isaiah. **Vico e Herder**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

Bíblia Sagrada; traduzida da Vulgata e anotada pelo Pe. Matos Soares; 11ª edição. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

BREISACH, Ernest. **Historiography: Ancient, Medieval and Modern**; 2nd Edition. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994.

BURKE, Peter. **Vico**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

CAPACCIONI, Assunta Francini. **Note Sulla Pedagogia Umanistica del Vico**. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1942.

CARAMELLA, Santino. **Antologia Vichiana (La Vita e il Pensiero di G. B. Vico Esposti e Commentati Attraverso le sue Opere)**; 4ª Edizione. Milano. Messina: Casa Editrice Giuseppe Principato, 1942.

CORSANO, Antonio. **Umanesimo e Religione in G. B. Vico**. Bari Gius. Laterza e Figli, 1935.

CROCE, Benedetto. **La Filosofia di Giambattista Vico**; Quarta Edizione Riveduta. Bari: Gius. Laterza e Figli, 1947.

DE RUGIERO, Guido. **Storia della Filosofia, Parte Quarta. La Filosofia Moderna, Volume 1. L'età Cartesiana**; 2ª Edizione. Bari: Laterza, 1939.

DE RUGIERO, Guido. **Storia della Filosofia, Parte Quarta. La Filosofia Moderna, Volume 3. Da Vico a Kant**; 2ª Edizione. Bari: Laterza, 1943.

DISTANTE, Carmelo e COELHO, Flora Simonetti. **Antologia Della Letteratura Italiana**. San Paolo: Hucitel, 2008.

Enciclopedia Italiana Di Scienze, Lettere ed Arti. Roma: Istituto Della Enciclopedia Italiana, 1949 (35 volumes)

ESPOSITO, Maria Angela Marini. **Giambattista Vico: Sua Proposta Sobre o Começo das Civilizações e os Comentários Rabínicos Sobre o Delúvio Universal**. São Paulo: FFLCH – USP, 2007. Dissertação de Mestrado.

FIKER, Raul. **Vico, o Precursor**; 2ª edição. São Paulo: Moderna, 1994.

GENTILI, Giovanni. **Studi Vichiani**; 2ª Edizione, Riveduta ed Accresciuta. Firenze: Felice Le Monier, 1927.

GUINSBURG, J. (org). **O Classicismo**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

HATZFELD, Helmut Anthony. **Estudos Sobre o Barroco**. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1988.

HERÓDOTO. **História**; introdução, tradução e notas de Mario da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.

Holy Bible; authorized King James version. New York: Thomas Nelson Bibles, 1983.

HOMERO. **Odisséia** (versão em prosa). São Paulo: Nova Cultural, 2002.

LAMANNA, Eustacchio Paolo. **Sommario di Filosofia (Volume Terzo)**, 6ª Ristampa. Firenze: Felice Le Monnier, 1941.

LUÍS, Washington. **Na Capitania de São Vicente**. Brasília: Senado Federal; Conselho Editorial, 2004.

MAQUIAVEL, Nicolau. **Comentários Sobre a Primeira Década de Tito Lívio**; tradução de Sérgio Bath. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1979.

MONTEIRO Lobato, José Bento. **O Minotauro**; 11ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973.

MOONEY, Michael. **Vico e La Tradizione della Retorica**; traduzione di Girolamo de Michele. Bologna: il Mulino, 1992.

NICOLINI, Fausto. **Uomini di Spada, di Chiesa, di Toga, di Studio ai Tempi di Giambattista Vico**; Ristampe Anastatiche. Napoli: Società Editrice il Mulino, 1992.

NICOLINI, Fausto. **Commento Storico Alla Seconda Scienza Nuova** (Volume Primo). Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1949.

PACI, Enzo. **Igens Sylva (Saggio Sulla Filosofia di G. B. Vico)** Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1949.

PEREIRA Filho, Antonio José. **G. B. Vico e a Fratura Moderna: o Princípio do Verum-Factum e a Idéia de História na Ciência Nova.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2004.

POLÍBIOS. **História**; seleção, tradução, introdução e notas de Mário da Gama Kury; 2ª edição. Brasília; Editora Universidade de Brasília, 1996.

POMPA, Leon. **Vico: a Study of the New Scienze**; 2nd Edition. Cambridge: University Press, 1990.

SICILIANO, Enzo. **La Letteratura Italiana, Vol. 2: Da Nicolò Machiavelli a Giambattista Vico.** Milano: Arnoldo Mondari, 1986.

SÓFOCLES. **As Traquínias**; Introdução, Tradução e Notas de Maria do Céu Zambujo Fialho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

TAGLIACOZZO, Giorgio (compilador). **Vico y Marx, Afinidades y Contrastes.** México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1991.

TAUNAY, Affonso d'Escagnolle. **História da Cidade de São Paulo.** Brasília: Senado Federal; Conselho Editorial, 2004.

VIRGÍLIO, **Eneida** (versão em prosa). São Paulo: Nova Cultural, 2003.

VISCONTI, Alessandro. **L'Italia nell'Epoca della Controriforma (Dal 1516 al 1713).**
Verona: Arnoldo Mondadori Editore, 1958.

Retrato mais conhecido de G. B. Vico. De autor desconhecido foi pintado em vida do filósofo e encontra-se em Roma.

Retrato de Vico pintado por Fusinati em 1831.

LA CASA DOVE NACQUE

Casa onde nasceu Vico, em Nápoles.

Palácio dos Estudos, onde vico lecionou por toda sua vida acadêmica.

PRINCIPJ
D I
SCIENZA NUOVA

D I
GIAMBATTISTA VICO

D'INTORNO ALLA COMUNE NATURA
DELLE NAZIONI

IN QUESTA TERZA IMPRESSIONE

Dal medesimo Autore in un gran numero di luoghi
Corretta, Schiarita, e notabilmente Accresciuta.

T O M O I.

IN NAPOLI MDCCXLIV.

NELLA STAMPERIA MUZIANA

A spese di Gaetano, e Stefano Elia.

CON LICENZA DE' SUPERIORI.

BIBLIOTHECA
EX LIBRIS
COMMUNALI
DI MILANO

Desenho feito por Domenico Antonio Vaccaro, sob orientação do próprio Vico, para ilustrar o conteúdo da **Scienza Nuova**.

GIORNALE
 D E'
LETTERATI
D'ITALIA
TOMO PRIMO.
ANNO MDCCX.
ALL' ALTEZZA SERENISSIMA
D I
FERDINANDO III.
PRINCIPE DI TOSCANA.

IN VENEZIA MDCCX.
 Appresso Gio. Gabbriello Ertz.
CON LICENZA DE' SUPERIORI,
E PRIVILEGIO.

Capa do **Giornale dei Letterati d'Italia**, de 1710. foi nesse número da revista que o livro de Vico, **Dell'Antichissima Sapienza Italica**, foi anonimamente resenhado.

196 SAPIENZA POETICA
Giganti dal lor sereno sfuggimento; ch' i Filologi
 non troppo ristinsero al fatto, perocchè Gio-
 ve invocato da *Rinaldo* avesse fermato i Romani,
 che fuggivano dalla battaglia co' Sabini.

Quindi tanti Giovi, che fanno maraviglia a' Filologi, perchè ogni nazione gentile n' ebbe uno; de' quali tutti gli Egizi, come sopra si è detto per la loro boria dicevan, il più antico esser il lor Giove Ammon; sono tante storie fisiche conservateci dalle Favole, che dimostrano, essere stato universal' il Diluvio, come il promettremmo nelle Degnità. Così Giove nacque in Poesia naturalmente Carattere Divino, a cui riducevano tutte le cose degli auspici le gentili antiche nazioni, che tutte perciò dovetter' essere per natura poetiche; che incominciarono la Metafisica Poetica dal contemplar' l'idolo per l'attributo della Provvidenza; e se ne dissero Poeti Teologi, o Sapiienti, che s'intendevano del parlare degli Dei; e ne furon detti propriamente Divini in senso d'Involuntari; la quale Scienza fu detta Musa, distinta da Omero nell' *Odissea*, essere la Scienza del bene, e del male; sul cui divieto Iddio ordinò ad Adamo la sua vera Religione; abbian sopra detto; dalla quale i Poeti Greci si dissero *Mysae*, che Orazio volta con sciienza interpreti degli Dei, che spiegavano i divini misteri degli auspici, e degli oracoli; nella qual Scienza ogni nazione gentile antica ebbe una sua Sibilla, delle quali noi sono giunte pur *Antiche*; e le Sibille, e gli Oracoli sono le cose più antiche della Gentilità.

COROLLARJ

Aspetti di questa Scienza.

1. PER le cose finor ragionate si rovescia primieranente tutto ciò, che dell'Origine della Poesia si è detto prima di tutti da Platone, quindi da Aristotele, in fin' a' nostri Patrizi, Scalligeri, Castelvetri, ritrovateci, che da

LIBRO II. 197.

disetto di umano raziocinio nacque la Poesia tanto sublime, e grande, che per Filosofi, le quali vennero appressa, e per Arti e poetiche, e critiche, anzi per quelle stesse, non provvide altra pari, nonchè maggiore: ond' è il privilegio, per lo qual Omero è l' Principe di tutti i sublimi Poeti, quali sono gli Eroi, non meno per lo merito, che per l'età.

II. Da tale Discoverta de' Principj della Poesia si è allegata l'opposizione della Sapienza Riposta dagli Antichi cotanto disiderata di scuoprirla da Platone infino a Bacone e Verulamio de Sapienza Veterum; la quale tu Sapienza Volgare di Legislatori, che fondaron' il Gener' Umano.

III. Si stabilisce, che la Provvidenza Divina appresa per quel senso umano, che potevan fornire huomini crudi, fieri, ed immani, che ne disperati soccorsi della Natura anco essi desiderano, esser' una cosa alla Natura superiore, che gli salvasse; e dentro i nembi di quella tempesta, al barlume di que' lampi videro questo gran raggio di verità, che la Provvidenza Divina sia l'ordinatrice del Mondo delle Nazioni; con che accorda quel d'Eusebio nelle Degnità, ove ragiona de' Principi dell' Idolatria, che la prima gente semplice, e rozza si finse i Dei ob terrorum praesentis potentiae. E così egli si è dimostrato quello, che da noi si è preso per Primo Principio di questa Scienza. Con tal Principio dell' Idolatria si è dimostrato altresì il Principio della Divinazione; che nacquerò al Mondo ad un parto: a quali due Principi va di seguito quello de' Sacrifici, ch'essi facevano, per procurare, o sia ben'intender gli ausurj; da quali Principi dovevano cominciare i loro libri *Glironi de Natura Deorum*, *Apollodori de Origine Deorum*, *Giraldi de Divi Gentium*, *Daniel Clessio de Theologia Civili*, e l' *Ussia* la sua maggior Opera de *Theologia Gentilium*.

I 3 c Gi.

TAVOLA CRONOLOGICA

DESCRITTA SOPRA LE TRE EPOCHE DE' TEMPI DEGLI EGIZI, CHE DICEVANO TUTTO IL MONDO INNANZI ESSERE SCORSO PER TRE ETÀ,
DEGLI DEI, DEGLI EROI E DEGLI UOMINI (1)

EBREI (II)	CALDEI (III)	SCITI (IV)	FENICI (V)	EGIZI (VI)	GRECI	ROMANI	Anni del mondo	Anni di Roma
Davide universale.							1646	
	Zoroastro, o reno de' Caldei (VII).						1736	
	Nebrod, o confusione delle lingue (IX).				Giapeto, dal quale provengono i giganti (VIII). Un de' suoi, Prometeo, ruba il fuoco dal sole (X).		1896	
				Dinastia in Egitto.	Democritone (XI).			
Chiamato d'Abramo.				Masceuto Triragione il vecchio, ovvero età degli dei d'Egitto (XII).	Età dell'oro, ovvero età degli dei di Grecia (XIII).			
					Elenco, figlio di Democritone, nipote di Prometeo, principe di Giapeto, per tre suoi figliuoli sparge nella Grecia tre dialetti (XIV).		2088	
					Cecrope apporta mona dodici colonie nell'Attica, delle quali poi l'anno comprese Atene (XV).			
					Cadmo fenice fonda Tebe in Beotia, ed introduce in Grecia le lettere volgari (XVI).		2448	
Idro da la luce scende a Nino.						Saturio, ovvero l'età degli dei del Lazio (XVII).	2497	
				Mercurio Triragione il giovane o età degli eroi d'Egitto (XVIII).	Daneo regno esule gl'itacchi dal regno d'Argo (XIX). Pelope regno regna nel Peloponneso.		2513	
					Eraditi agnati per tutta Grecia, che vi fanno l'età degli eroi.	Aborigeni.	2582	
					Cureti in Creta, Saturio, ovvero Italia, ed in Asia, che vi fanno regni di sacerdoti (XX).			
	Nino regna con gli asiri.						2737	
			Dido de Tiro va a fondare Cartagine (XXI).					
			Tiro celebra per la navigazione e per le colonie.		Minosse re di Creta, primo legislatore delle genti e primo corsale dell'Egeo.		2712	
					Orfeo, e con esuchi l'età de' poeti teologi (XXII). Ercole, con cui s'è al colmo il tempo eroico di Grecia (XXIII).	Aradi.		
			Saperunio scrive storie in lettere volgari (XXIV).		Giason di pericipo alle guerre navali con quella di Teuco fonda Atene e vi ordina l'Acrupago.	Ercole dopo Erando nel Lazio, ovvero età degli eroi d'Italia.	2800	
					Guerra troiana (XXV).		2829	
					Ereoci degli eroi, ed in ispezie d'Ulisse e di Enea.			
						Regno d'Alba.	2830	
Regno di Sulo.				Securide regna in Tebe (XXVI).	Colonie greche in Asia, in Sicilia, in Italia (XXVII).		2909	
					Léopoldo dà le leggi a' Macedoniani.		2949	
					Giocchi olimpici, prima celebrati da Ercole poi intermetti e restaurati da Iulio (XXVIII).		3120	
						Fondazione di Roma (XXIX).		1
				Paranetico re d'Egitto a' soli greci di Ionia e di Creta (XXX).	Omoro, il quale venne in tempo che non si era ancor trovate le lettere volgari, e l'qual non vide l'Egitto (XXX).	Numa re.	3290	27
					Esopo, moral filosofo volgare (XXXI).		3334	
					Sette secoli di Grecia; de' quali uno, Solone, ordina la libertà popolare d'Atene; l'altro, Teleso Milone, dà incostituzionalmente alla Giudea con la sua (XXXII).		3406	
					Fittagora, di cui vive dice Licio che nemmeno il nome può sapere in Roma (XXXIII).	Servio Tullio re (XXXIV).	3408	225
					I Pindarii tiranni cacciati da Atene.		3491	
						I Tarquini tiranni cacciati da Roma.	3492	245
					Esiodo (XXXIV), Erudoto, Ippocrate (XXXV).		3500	
					Guerra peloponnesica. Tucidide, il qual scrive che fin a suo padre i greci non seppero nulla delle antichità loro proprie; orco si diede a scrivere di tal guerra (XXXVI).		3530	
					Spicce da principio alla filosofia morale ragionata. Platone fiorisce nella metafisica. Altre sfugga di tutte l'arti delle più colte umanità (XXXVII).	Legge delle XII Tavole.	3553	303
					Socrate, con porre l'anni greche nelle viscere della Perla, è il primo a sapere con qualche certezza le cose pelonice (XXXVIII).		3583	333
						Legge Publilia (XXXIX).	3658	416
					Alessandro Magno rovescia nella Macedonia la monarchia pelonice; ed Aristotele, che vi si porta in persona, osserva che i greci innanzi aveva detto favole delle cose dell'Oriente.		3660	
						Legge Petelia (XL).	3661	410
						Guerra di Taranto, con c'impedisca a conoscere tra loro i latini co' greci (XLV).	3708	459
						Guerra cartaginese seconda, da cui comincia la storia certa romana a Livio, il qual per prima non alinea tre massime circostanze (XLVI).	3849	552

Mapa da Itália em 1714, ano final da Guerra da Sucessão Espanhola. Note-se que o Reino de Nápoles compreendia, ao tempo de Vico, grande parte da Península Itálica.

Antonio Joli: Castelnuovo e la Reggia

Vista de Nápoles no Século XVIII.

Antonio Joli: Il Molo grande

Vista de Nápoles no Século XVIII.

Luigi Vanvitelli: Interno della Chiesa dell'Annunziata

Interior da Igreja d'Annunziata. Católico fervoroso, Vico frequentava as igrejas napolitanas.

Antonio Joli: Piazza del Mercato e il Carmine

Vista de Nápoles no Século XVIII.

Vista de Nápoles no Século XVIII.

Antonio Joli: Lo Spirito Santo e Porta Reale

Vista de Nápoles no Século XVIII.

Retrato de Carlos III, de Bourbon. Rei de Nápoles, ele nomeou Vico Historiador Régio em 1735.